



**Universidade de Brasília – UnB**  
Instituto de Ciências Humanas  
Programa de Pós Graduação em História



**De “espaço provisório” a um lugar  
de experiência identitária: paisagem cotidiana,  
práticas e representações do  
Núcleo Bandeirante/Cidade Livre.  
(Anos 50 do séc. XX – Tempo Presente)**

**Aluno:** Hélio Mendes da Silva

Brasília-DF, 2011

**Universidade de Brasília – UnB**  
Instituto de Ciências Humanas – IH  
Departamento de História - Programa de Pós Graduação em História  
**Área de Concentração:** História Cultural  
**Linha de Pesquisa:** Identidade, Tradições, Processos

**De “espaço provisório” a um lugar  
de experiência identitária: paisagem cotidiana,  
práticas e representações do  
Núcleo Bandeirante/Cidade Livre.  
(Anos 50 do séc. XX – Tempo Presente)**

**Aluno:** Hélio Mendes da Silva

**Orientadora:** Maria T. Ferraz Negrão de Mello

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
em História – PPGHIS, da  
Universidade de Brasília -  
UnB, como requisito parcial  
para a obtenção do título de  
Mestre em História

Brasília-DF, 10 de agosto de 2011

**Banca Examinadora:**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria T. Ferraz Negrão de Mello (orientadora)**

*Dept.<sup>o</sup>. de História – UnB*

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia de Melo Martins Kuyumijian**

*Dept.<sup>o</sup>. de História – UnB*

**Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Wagner Antonio Rizzo**

*Dept.<sup>o</sup>. de Comunicação – UnB*

**Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> David Rodney Lionel Pennington (Suplente)**

*Dept.<sup>o</sup>. de Comunicação – UnB*

*Para meus pais, Francisco  
e Maurina e para Socorro  
e Yago, com a gratidão e o  
afeto de sempre.*

*Para os primeiros habitantes  
da Cidade Livre, verdadeiros  
heróis desta saga.*

À minha família, Socorro e Yago, pelas ausências justificadas e/ou não.

Aos meus pais, Francisco e Maurina, verdadeiros candangos, que me deram o suporte necessário, além do caráter, para concluir meus objetivos.

A todos colegas do PPGHIS, professores e funcionários, que sempre se colocaram à disposição para a solução de qualquer problema.

À coordenadora do curso, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Albene Miram de Menezes, pela disposição em ajudar em momentos conturbados.

Aos professores membros da Banca, que apesar da exiguidade dos prazos, atenderam ao convite com disponibilidade e espírito acadêmico.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> José Valter Nunes, pelas iniciais orientações. Em especial, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria T. Ferraz Negrão de Mello, verdadeira amiga, orientadora, confidente, sem a qual, decididamente, esse trabalho não seria possível. Na verdade, os muitos encontros e horas de estudo na ambiência calorosa de um lar, receberam também a sempre confortante amizade da Felipa.

Por último, e não menos importante, agradeço aos amigos José Alberto Barros e Maria do Socorro, funcionários da Novacap, pela força e estímulo tantas vezes demonstrados.

# Resumo

Intencionalmente incorporada ao título, a expressão “espaço provisório” evoca da “Cidade Livre”, atual Núcleo Bandeirante, cujo percurso esta pesquisa buscou rastrear, desde os finais dos Anos 50 do séc. XX, ao Tempo Presente, sem prender-se contudo, à linearidade cronológica. Com o suporte teórico disponibilizado pela História Cultural, objetivou-se flagrar representações, práticas da vida cotidiana que entre permanências e reelaborações evidenciassem traços de uma experiência identitária que reverbera na ambiência do lugar, sinalizando uma identidade brasiliense em construção. Com este propósito, eixo norteador da pesquisa, marcas de identidade foram recortadas de uma base empírica plural: \_ fontes orais, documentos obtidos e arquivo, fontes iconográficas, material de revistas e jornais, e também obras ficcionais. Estruturada em 03 capítulos, a narrativa se desenvolve entremeando memórias, atualizações e singularidades, cujos sentidos possíveis justificam a escolha do Núcleo Bandeirante como objeto de pesquisa.

**Palavras-chave:** Brasília, Cidade Livre, Núcleo Bandeirante, cotidiano, representação, memória.

## ***Abstract***

*Intentionally incorporated into the title, the expression “temporary space” evokes the “Free City”, now, Núcleo Bandeirante, whose research line tried to explain the trajectory, from the late fifties, XX century, to the present time, without being connected to the chronological linearity. With the theoretical support provided by Cultural History, this work aimed to catch representations, practices of everyday life, permanences and re-elaborations that would evidence the features of an identity experience, which reverberates in the place, indicating the construction of brasiliense identity. For this purpose and research guiding lights, the traces of identity were brought by plural empirical basis: oral sources, documents and files, iconographic sources, magazines and newspapers, and also fictional works. Structured in 03 chapters, the narrative is developed by being told through memories, updates and singularities, whose possible sense justifies the choice of Núcleo Bandeirante as the research subject.*

**Keywords:** *Brasilia, Free City, Núcleo Bandeirante, everyday, representation, memory.*

# Sumário

## Anotações introdutórias

Sobre as aproximações com o tema: as primeiras incursões .....	9
--	---

## Capítulo I

1. Cenarização: o lugar em perspectiva histórica.....	20
1.1 Um prólogo necessário .....	20
1.2 Alquimistas do tempo: uma lida com narradores em tempos distintos e sítios discursivos diversos.....	25
1.3 Os primórdios: a vida na provisoriedade.....	27
1.4 As “frestas” da História de Brasília: as invasões, a zona boêmia, os incêndios.....	37
1.4.1 Literalmente, uma Cidade muito Livre .....	45
1.4.2 A cada incêndio, um recomeço .....	49
1.5 O Movimento de Pró-Fixação do Núcleo Bandeirante: o esforço comum como vetor da identidade em construção .....	53

## Capítulo II

2. Cidade Livre: Memórias, personagens, temas e situações.....	58
2.1 Memórias, narrativa oral e configurações identitárias: uma breve incursão .....	58
2.2 Personalidades e lugares de fala .....	64
2.2.1 O Drº Sayão e seu lugar .....	65
2.2.2 Roque Valliati Batista: o popular Padre Roque.....	71
2.3 Cartas, poeira e batom .....	75

## Capítulo III

3. Brasil, Brasis, Brasília: o Núcleo Bandeirante como caixa de ressonância identitária.....	81
3.1 Articulando passado e presente, tradicional e moderno .....	81
3.2 O Núcleo Bandeirante como um lugar de encontro de culturas gastronômicas regionais.....	89

## Considerações Finais

Cidade Livre, “provisória, desobediente e livre”.....	95
Corpus Documental .....	98
Créditos das imagens .....	99
Bibliografia .....	100



# Anotações introdutórias

## 1. Sobre as aproximações com o tema: as primeiras incursões

“A identidade vista no plural, como multiplicidades de caracteres. Cidade Livre – é de se recordar – foi a designação anterior do Núcleo Bandeirante, uma cidade provisória destinada a ser destruída quando do término da construção da capital brasileira.”

**Benjamin Abdala Júnior<sup>1</sup>**

Nestas anotações introdutórias, acho relevante ressaltar minha aproximação com um tema que, por conta de vários fatores, tornou-se a espinha dorsal do meu percurso acadêmico. Brasiliense e filho de nordestinos, *candangos* seduzidos pela atraente idéia da construção de Brasília, vivi sempre entre os caminhos azuis da Novacap<sup>2</sup> e os terreiros empoeirados das antigas Cidades Satélites. Assim, desde cedo, o imaginário acerca da epopéia da cidade forneceu elementos que desenharam minhas representações da cidade, permeando minha vivência. No cotidiano das pessoas próximas a mim, era muito nítido o trabalho e conservação de uma cidade que, mesmo inaugurada, parecia não estar pronta. Eu era então parte do mosaico de culturas que teimava em crescer entrelaçando realidade e utopia, dando concretude aos múltiplos sentidos da “Capital da Esperança”.

Por ocasião da graduação, optei por abordar a vida desses *candangos*<sup>3</sup>, *bandeirantes do século XX*, e contar, sem pretensões de maiores aprofundamentos para os limites daquele trabalho de final de curso, um pouco do cotidiano existente na época da construção. De início, buscava uma trajetória marcada por uma realidade difícil, pautada pela privação. O principal foco de minha abordagem era o cenário de necessidade, alavancado por um sonho de dias melhores e alimentado por uma Meta Síntese<sup>4</sup>, que teimava em construir uma capital e deslocar o eixo de desenvolvimento nacional para o centro do país. Esse foi o objetivo da pesquisa desenvolvida no já longínquo segundo semestre de 2004, que ensejou o acesso a um vasto material disponível no Arquivo Público do Distrito Federal. De posse de depoimentos dos *candangos*, vislumbrei um pouco da memória que se formou sobre a construção da cidade. O trabalho percorreu a chegada dos migrantes que, de início visavam o emprego na empresa construtora da capital, a Novacap. Acumulando poderes de Estado, a empresa atendia na chegada, catalogava a mão de obra e a endereçava aos postos de trabalho. A

1 – ABDALA, Benjamin Júnior. In: Almino, João. *Cidade Livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 11 (prefácio)

2 – A Novacap – Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, empresa criada por força da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956, que determinava a mudança da Capital para o Planalto central e criava a companhia responsável pela viabilização, instalação e construção da cidade de Brasília. Durante 24 anos, foi o local onde meus pais tiraram o sustento da família. Em 1998, passo, através de concurso público, a fazer parte do quadro de funcionários da empresa.

3 – A palavra *candango* é originária da África, termo usado, especificamente, pelos bantos do Sudoeste de Angola, que a usavam para se referir aos colonizadores portugueses. Os negros escravizados trouxeram o termo para o Brasil. Aqui sofreu uma inversão de conceito. Era usado pelos escravos nos canaviais para designar seus senhores. Depois passou a ser utilizado para identificar os mestiços, que formaram grandes contingentes da população sertaneja. É com os migrantes que o termo chega a Brasília, com essa carga de forasteiro, desbravador, bandeirante. In: MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de (et. alli) *Novacap – 50 anos por Brasília*. Brasília: ASBRACO, 2010. p. 190.

4 – Dentro do plano de metas de JK, Brasília era considerada a Meta Síntese, pois reunia o princípio da interiorização do desenvolvimento. Ao tirar o avanço do litoral e levá-lo para dentro do país, JK e a bancada mudancista intencionava interiorizar o progresso, criando, num local que era invariavelmente comparado a um deserto, uma estrutura industrial, comercial e urbana.

mesma empresa que, aliás, em um momento posterior exclui-los-ia do traçado urbano do Plano Piloto, e, investida do papel de polícia, mostraria a força violenta repressora atuante na cidade.

Ainda por ocasião dessa pesquisa, tive acesso ao documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*<sup>5</sup>, do cineasta e professor da Universidade de Brasília, Vladimir de Carvalho. Nele, a capital que me atraía aparece exposta em cores, cheiros e sabores, diferente da capital difundida para muitos, vinculada a uma cultura fragmentada, nem por isso menos pulsante. A cidade fundada por Juscelino é verdade, mas povoada por um sem número de anônimos, com aspecto de “farwest”, permeada por conflitos e experiências que identificam o crescimento de uma cidade única, dotada de um cotidiano peculiar. O candango acabou se apropriando de lugares antes pouco habitados, próprios da densidade demográfica do Centro Oeste dos anos 50, transformando-os em cidades multiculturais e vibrantes, como o Núcleo Bandeirante.



10 )

O filme do professor Vladimir, fazendo uso também de imagens de arquivo, não se resume à crítica da estratificação social encontrada na cidade. Na verdade, o belíssimo documentário acaba por ser uma encenação da vida cotidiana do candango que, não obstante a dura realidade enfrentada, ou bem por isso, sempre dispôs de um tempo empregado para o lazer. Os bailes embalados por forró, as horas gastas com atividades além do tempo dedicado ao trabalho, permitiram-me entender o candango não mais como detentor de uma *vida sofrida*, mas um atuante sujeito histórico, que apesar da realidade, negocia uma vivência extremamente produtiva, do ponto de vista social e cultural.

A polifonia de fontes é uma das características do documentário, com materiais e testemunhos recolhidos durante 18 anos, onde o cineasta filmou a vida dessa gente “forte”, na mais

5 – CARVALHO, Vladimir de. *Conterrâneo Velho de Guerra*. 168 min., 1990, Brasil, Documentário, colorido.

clara aproximação do termo euclidiano. Refiro-me à clássica expressão de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, onde se lê que: “... o sertanejo é antes de tudo, um forte”. Entendo como plausível o empréstimo da expressão, já que os desafios enfrentados pelos que aqui chegaram foram muitos e nem por isso esmoreceram, enfrentando a saga da construção da cidade. Usando a memória na análise dessas lembranças, o autor obtém reiterações em depoimentos distintos, insistindo em algumas informações não veiculadas na imprensa oficial que foram silenciadas durante a história oficial de Brasília.

Muito embora seja outro o contexto considerado pelo sociólogo Maurice Halbwachs, suas idéias sobre os membros de um grupo e seu comportamento me parecem pertinentes para clarear algumas conexões que desenham e redesenham a memória candanga. Refiro-me ao papel das imagens espaciais, às figurações, ao “lugar que recebeu a marca do grupo”<sup>6</sup>. Assim, a memória de Brasília vista da perspectiva dos candangos tem os contornos que a lembrança do trabalho árduo, mas também das horas de lazer vividas na cidade, permitiu. Rememorar está intimamente ligado ao emocional, no significado que momentos como a construção e a inauguração da cidade, têm nas vidas dessas pessoas. Apartando-se do discurso oficial, a saga da construção até a inauguração é enfocada a partir da experiência candanga, na esteira do cotidiano por eles vivido. Um cotidiano que se reveste do sentido do repetível, tal seja, a rotina das práticas do dia a dia desenhadas na cotidianidade, mas que experimenta também alterações, suspensões, diferenças. Um acontecimento que se configure como suspensão da cotidianidade terá sido, por certo, o tristemente famoso episódio da

( 11



Como um dos primeiros destinos dos candangos, a Novacap (1957)

6 – HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 133.

Pacheco Fernandez com o enfrentamento entre trabalhadores e a Guarda Policial vinculada à Novacap. Na verdade, esse acontecimento está registrado na linguagem cinematográfica, matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos e depoimentos orais disponíveis no Arquivo Público do Distrito Federal.

Inspirado pelo documentário, produzi a já referida monografia de conclusão de curso, intitulada *Candangos - o lugar da classe operária na construção da sociedade brasileira*<sup>7</sup>. O candango, no processo de ambientação à nova cidade, naquele tempo, um “grande acampamento” reconstruía, à sua maneira, mecanismos de sobrevivência que “abrandavam” a dura existência. Já no mencionado estudo, pesquisei falas de 04 (quatro) trabalhadores, cujos depoimentos orais disponibilizados pelo Arquivo Público relatam um cotidiano duro, mas animado por modalidades outras, inscritas em um emprego do tempo, dedicado ao lazer. Eram os forrós, as idas ao cinema, aos bares e aos bordéis, todos, situados no Núcleo Bandeirante.

## 2. A escolha do Núcleo Bandeirante como Plano de Observação da Pesquisa – eixos norteadores das problematizações inscritas em temporalidades múltiplas.

Chego assim, ao Plano de observação desta pesquisa: o Núcleo Bandeirante. Entendo, aliás, que desde o título escolhido o leitor terá encontrado elementos para perceber os propósitos deste estudo. De “espaço provisório” a um lugar de experiência identitária. Paisagem cotidiana, práticas e representações do Núcleo Bandeirante/Cidade Livre. (Anos 50 do século XX – Tempo Presente).

12 ) Em Brasília, o debate intelectual sobre a cidade quase sempre gira em torno de sua espacialidade. Enquanto em outros centros urbanos, a análise do modo de vida, desprende-se do espaço, em Brasília, devido às suas especificidades e modernidade, a morfologia espacial é condição para a construção de uma sociabilidade urbana, típica e peculiar. Fruto dessas “estranhas perguntas”<sup>8</sup>, os vários trabalhos acadêmicos produzidos sobre a cidade apontam para questões que povoam um imaginário que evoca as condições dos *candangos*, as agruras pelas quais passaram e, no limite, o processo de exclusão experimentado pelos trabalhadores, bem como as alternativas encontradas para a permanência daqueles que optaram por não retornar ao seu local de origem. Neste entendimento, o modo de formação da sociedade brasileira atende a algumas premissas específicas, derivadas do surgimento, construção e organização espacial da cidade, calcadas no modernismo. Como explicita Machado, “O modo de vida ‘brasiliense’ passa ser totalmente explicado pela morfologia espacial e tudo então torna-se típico, exclusivo e específico de Brasília.”<sup>9</sup>

Filiando-me à mesma convicção, até porque a pesquisadora lança um olhar que não se esgota no projeto executado por Lucio Costa, mas a toda a edificação erguida no Distrito Fede-

7 – SILVA, Hélio Mendes da. *O lugar da classe operária na construção da sociedade brasileira*. Departamento de História União Pioneira de Integração Social – UPIS. Artigo impresso.

8 – MACHADO, Lia Zanotta. *Imagens do espaço: imagens da vida*. In: Paviani, Aldo. *Brasília, Ideologia e Realidade/Espaço Urbano em Questão*. São Paulo: Editora Parma, 1985. A socióloga afirma: “O discurso sobre Brasília faz estranhas perguntas”, mote retomado na tese de doutorado da profª Thereza Negrão: MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. *O espetáculo dos moradores do símbolo. A mobilização por Diretas-Já, da perspectiva de Brasília*. S.P. ECA/USP, 1987.

9 – Idem, p. 192.



ral, percebo que a reflexão se encaixa perfeitamente ao cenário sobre o qual recorro meu objeto de estudo. Assim, focando o espaço hoje conhecido como Núcleo Bandeirante, meu plano de observação, tenho como objetivo, acompanhar um percurso que remonta aos primórdios da construção, ou seja, tempos da Cidade Livre. Tratava-se, então, de um local provisório, de modo a oferecer à Novacap o suporte necessário para a da construção de Brasília e levar adiante uma saga, a “maior concentração de esforços que já se teve notícia no Brasil”<sup>10</sup>.

Por isso, ainda em 1956, foi estrategicamente escolhido o acima lembrado local “provisório” para acolher os que chegavam. A escolha da Novacap recaiu no cruzamento entre duas das principais rodovias que ligavam as cidades goianas ao local da futura capital. Ali, a partir da iniciativa do governo em conceder lotes para atividades comerciais, com isenção de impostos<sup>11</sup>, erguia-se o Núcleo Provisório Bandeirante, ou Cidade Livre, cujo sentido remete à ideia de “livre de impostos”.

A ocupação foi organizada nos moldes de um contrato de comodato: a Novacap organizava a concessão de lotes, permitindo o estabelecimento de atividades comerciais com isenção, sendo que, a partir de 1960, com a inauguração da Capital, os comerciantes teriam que transferir seus negócios para os terrenos comerciais no Plano Piloto. Organizada de modo precário, logo no início, a Cidade Livre já contava com uma população de aproximadamente mil pessoas, contingente constituído basicamente de comerciantes, trabalhadores da Novacap e de construtoras particulares.

Ao sublinhar um aspecto importante desta problematização, ou seja, a provisoriedade do lugar, imaginado para “durar” quatro anos, devo sublinhar também que àquela provisoriedade, agregou-se, quase naturalmente, a precariedade. Uma consulta preliminar aos arquivos evidenciou a presença dos primeiros escritórios da Novacap ali situados, uma escola primária, instalações do IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários -, bem como moradias para os funcionários da equipe técnica e administrativa. Bem cedo, as imediações desses acampamentos foram povoadas por outros novos moradores que engrossavam o



Vista aérea da Cidade Livre (1957)

10 – SILVA, Ernesto. *O militante da esperança e a História de Brasília*. Brasília: Ed. Brasília, 2004. O autor, diretor administrativo da Novacap na época da construção, é ele próprio, um pioneiro.

11 – HOLSTON, James. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

contingente de trabalhadores responsáveis pela construção da Capital. Na verdade, alguns estudos mostram que as inúmeras dificuldades não foram suficientes para desestimular a vinda desses trabalhadores, que, sozinhos ou com suas famílias, formaram as vilas não oficiais, as chamadas invasões. Construía-se deste modo uma ambiência marcada por laços de amizade e interesses comuns, que, a despeito da resolução do governo em extinguir o local após os quatro anos da construção, acabaram concorrendo para a permanência no local, já apontando para um futuro do que seria o que hoje conhecemos como Núcleo Bandeirante.

Ao fixar-se em Brasília, o migrante trazia um pouco da sua terra, das suas práticas, enfim, da sua cultura. Nesse mundo novo que lhe era apresentado, o candango, ao longo de um processo, preservou hábitos e costumes, apropriou-se de outros tantos, e redesenhou traços identitários que, na sua pluralidade, constituem vetores de uma *identidade brasiliense* em construção. Interessou a esta pesquisa lançar um olhar mais detido sobre tais aspectos, à luz do instrumental sugerido pela História Cultural como campo historiográfico.



Candango em uma Rua da Cidade Livre

Chama a atenção, a maneira pela qual o Núcleo Bandeirante parece ser hoje um lugar ideal de expressão das práticas e representações que evocam os primórdios da construção de Brasília em tantas esferas do cotidiano. Reitero que um olhar mais detido sobre tais aspectos resume o eixo fundamental das problematizações desenvolvidas nesta dissertação. Interessou-me, a retomada da história de um “lugar provisório”, que acabou por efetivar-se como uma Região Administrativa e, além disso, no que mais proximamente me inquietou, ostenta um cotidiano que, entre permanências e reelaborações, sugere uma espécie de “tradução” do que significa viver em Brasília. Hoje tenho claro que a investigação sistemática destacou outro aspecto

igualmente interessante, quando se toma o Núcleo Bandeirante como cenário. Em outras palavras, se entre os “do lugar” as expressões e práticas cotidianas desenham um sentimento de pertença, algo como “o lugar faz o elo”, para lembrar Maffesoli<sup>12</sup>, também, para o urbanita brasiliense, o Núcleo Bandeirante é um lugar de reconhecimento de um modo de viver Brasília. Não por acaso, especialmente aos finais de semana, aquele antigo “lugar provisório” se anima com a presença dos “do lugar” e daqueles que para lá se dirigem para o lazer, para as compras ou, simplesmente, dar uma volta.

Trata-se, então, de um “lugar de confirmação identitária” e é este, enfim, o grande eixo norteador desta pesquisa cujos resultados agora apresentados indiciam a legitimidade desta convicção, tanto mais quando ela se sustenta no entrecruzamento de temporalidades, articulando presente e passado, buscando ressaltar a importância do solo histórico.

E é neste solo histórico que se pode verificar a já referida resistência dos comerciantes, refratários ao deslocamento para o Plano Piloto, que se apresentava como um lugar longínquo e pouco habitado, dificultando a sobrevivência dos negócios.

Naquela conjuntura, foi criado o Movimento de Pró-Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante, movimento fundamentado numa estratégia curiosa: cada comerciante estaria incumbido de buscar apoio junto a senadores e deputados originários de seus Estados. Inicialmente exitosa, a estratégia mostra-se ineficaz no contexto de mudanças políticas promovidas pela renúncia de Jânio Quadros. Entretanto, o sucessor de Jânio, João Goulart, mostrou-se simpático a causa do MPF, e disposto a arregimentar apoio para a sua frágil base governista, decide, com o apoio dos parlamentares, aprovar o Projeto de Lei nº. 4.020, de 20/12/1961, ratificando o Núcleo Bandeirante como cidade satélite de Brasília.

O percurso histórico acima lembrado em seus contornos mais gerais ofereceu o mote para a dissertação, cujo balizamento temporal, articulando temporalidades, remonta aos primórdios da construção de Brasília e avança, de modo a alcançar o Tempo Presente, sem que tenha existido, entretanto, a preocupação com a linearidade. Antes, observo o cenário no vaivém cotidiano de modo a observar práticas configuradoras de uma identidade brasiliense em construção.

Uma geografia inicial, desenhada com três ruas principais e várias paralelas, feitas às pressas pela Novacap e pouco modificadas ao longo dos anos, foi e é ainda cenário de uma infinidade de práticas culturais múltiplas. Cito como exemplos, o costume de assistir a missa dominical na igreja do Padre Roque, vivo ainda na memória dos moradores do Núcleo, as animadas quermesses paroquiais, a frequência às feiras livres, com seu alarido, cheiros e sabores, os animados forrós com música ao vivo, replicando o “pé-de-serra”, os pagodeiros com suas rodas de samba, as rodas de capoeira, os bares e restaurantes cujo “cardápio típico” põe em convivência harmônica comidas nordestinas, goianas, paraenses, mineiras e cariocas. Enfim, “pequenos nada” da encenação cotidiana, cuja importância é reconhecida por pensadores como Maffesoli e Michel de Certeau.

12 – MAFESSOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro, Ed. Atlântica, 2004.



Vista aérea da Cidade Livre (1957)

16) Nesta dissertação espera-se que o leitor encontre elementos para o reconhecimento do Núcleo Bandeirante como um espaço de reativação de representações objetivadas em práticas culturais que, reverberam da etapa histórica da construção de Brasília e afloram no tempo presente como elo identitário que se evidencia em variadas modalizações do cotidiano. Neste entendimento, inscreve-se a convicção de que o Núcleo Bandeirante alçou da etapa histórica de um “lugar provisório” para tornar-se hoje um lugar por excelência, de confirmação de uma identidade em construção. A busca da consecução dos meus objetivos abrigados pelo propósito de rastrear a história do Núcleo Bandeirante, levou-me a transitar por temporalidades múltiplas (Anos finais dos 50 do século XX/ Tempo Presente), articulando os primórdios da construção de Brasília e o cenário atual da antiga Cidade Livre no Tempo Presente, iniciativa que resultou na estruturação que resumo no próximo item.

### **3. Sobre a organização dos capítulos, a base empírica que os sustenta e referências teóricas que os iluminam.**

A dissertação está estruturada em três partes, além desta Introdução e das Considerações Finais.

No primeiro capítulo, busco cenarizar o Núcleo Bandeirante e o solo histórico que atravessa um percurso que vai da “provisoriidade” ao panorama atual. A luta pela fixação delineia o fio condutor dessa história, pois, a formação da identidade dos moradores dessa cidade integra vetores nos quais se incluem o levante pela fixação, as relações vicinais e a sociabilidade/sociabilidade que se engendra no cotidiano/cotidianidade da vivência urbana comum em múltiplas modalizações, ou seja, “artes de fazer”. A conquista definitiva da moradia desenvolveu um orgulho, um sentimento de pertença, como se o traçado urbano da cidade, “os três riscos” originários, fossem patrimônios daquela gente. O capítulo toma como base empírica o Livro Novacap 50 anos, obras lidas no decurso da pesquisa, incluindo romances, depoimentos orais



coletados no arquivo público, imagens selecionadas e sites de domínio público.

No segundo capítulo com ênfase na memória, as representações são consideradas a partir da “organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, intercâmbios...” enfim, modos de inserção na cotidianidade. Foi, portanto, a oportunidade de pensar *As artes de fazer*; aludindo à memória da Cidade Livre, relacionando-a com práticas culturais que remontam à época da construção. Como era o emprego do tempo, o trabalho, o lazer, as mediações com a espiritualidade e claro, as esperanças e frustrações. Leituras constituídas de fragmentos, práticas do espaço, “lugares praticados” cujo relato e o representacional que o desenha interessa à pesquisa.

O olhar sobre o Núcleo Bandeirante/Cidade Livre é focado no terceiro capítulo, no entrecruzamento de temporalidades, com ênfase no Tempo Presente. É também neste terceiro capítulo que a fisionomia do Núcleo Bandeirante como um lugar de encontro e configuração identitária aparece sublinhadamente na modalização do cotidiano que inscreve em variadas articulações a gastronomia e o lazer. Afinal, dentre os que frequentam o Núcleo Bandeirante tal qual o conhecemos hoje, estão moradores e não moradores, circulando no Mercado, ou integrando rodas de bate-papo de bares, quiosques e restaurantes nos quais, os mais variados cardápios, testemunham a síntese de uma identidade brasiliense em construção.

Como se verá, o espaço dedicado às Considerações Finais acabou, digamos, interpelado por uma intervenção no cotidiano da pesquisa. Não seria o caso de rephrasear, nesta Introdução, o texto que encerra a dissertação. Apenas antecipo que, uma providencial matéria veiculada pelo Correio Brasiliense, no dia 16 de julho de 2011 e assinada pela jornalista Conceição Freitas, norteou as considerações finais baseada na interação entre o meu texto acadêmico e o texto jornalístico, de modo a legitimar, numa espécie de ponto e contraponto, o argumento norteador da pesquisa que reconhece na Cidade Livre/Núcleo Bandeirante um lugar de confirmação identitária cujo o movente processo aponta para uma identidade brasiliense em construção.

A construção do *Corpus Documental* da pesquisa foi, de algum modo, facilitada pela minha experiência anterior por ocasião da realização da monografia mencionada em páginas anteriores e, sobretudo, na oportunidade da pesquisa da qual participei para a elaboração do livro comemorativo dos 50 anos da Novacap. Sabia, desde logo, que lidaria com o material disponível no Arquivo Público do Distrito Federal (depoimentos e imagens) e também com um *corpus* constituído com base em fontes orais, além de uma coleção de fotos de minha autoria. Providencialmente, na mesma ocasião em que tomava as primeiras iniciativas para a realização deste estudo foi lançada a obra de João Almino, intitulada *Cidade Livre*. Ora, a ambiência do Núcleo Bandeirante, nesse momento, ainda Cidade Livre, ali está e, em não poucos momentos, a obra que transita entre o ficcional e uma experiência vivida dialoga com a minha proposta acadêmica.

O fazer-se da pesquisa prosseguia enquanto eu, estimulado pelo fértil diálogo proporcionado na defesa do projeto, retomava as leituras teóricas e buscava, quase incansavelmente, realizar as esperadas entrevistas. Mais uma vez, o acaso pareceu conspirar a favor da minha

proposta. Pois acabo tendo em mãos mais uma obra de suma importância para esta investigação. Refiro-me ao livro *A cor da minha vida*, de autoria de Walnizia Santos, advogada, ex-funcionária da Novacap, onde a autora relata sua infância passada na Cidade Livre.

Finalmente, entre idas e vindas, marcações e remarcações, consegui, obter um conjunto consistente para a base empírica do trabalho. Como se verá, a opção metodológica que norteou a dissertação conferiu, sem hierarquizações, a mesma importância ao conjunto de fontes trabalhadas, sem que nenhuma delas ocupasse um capítulo específico. Na verdade, este entrecruzamento entre fontes e também as incursões teóricas iluminando o encaminhamento de sentidos possíveis, inspira-se na conduta adotada por Pennington<sup>13</sup>, cuja leitura muito me beneficiou.

Esta Introdução, talvez fuja um pouco do formato convencional, geralmente mais breve e sem inclusão de itens. Escolhi, entretanto esta construção para que a partir do primeiro capítulo eu possa privilegiar a construção da trama, a narrativa enfim, na qual a ambiência do Núcleo Bandeirante tenha aqui um lugar de mostraçãõ e eu, no diálogo entre fontes e referenciais logre ser também um narrador. “É sempre dos bastidores da vida que a teoria olha o espetáculo social, ao mesmo tempo em que se esforça por soprar os papéis.”<sup>14</sup>

Do mesmo modo, foram de muita importância as sugestões da banca de defesa do projeto quanto ao tratamento a ser dado às fotografias por mim realizadas e nichos de observação da ambiência do Núcleo Bandeirante no Tempo Presente<sup>15</sup>.

18) Buscadas em um instante interdisciplinar, sempre ao abrigo da História Cultural, as categorias e noções evocadas, como por exemplo, identidade, memória e cotidiano, dentre outras, concorrem para a construção da narrativa cuja base empírica plural em suas diversas



13 – PENNINGTON, David Rodney Lionel. *Manaus e Liverpool: uma ponte imaginária*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Centro Universitário do Norte, UNINORTE, 2009.

14 – MAFESSOLLI, Michel. *A Lógica da Dominação*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. p. 175

15 – Refiro-me, respectivamente, às sugestões dos professores Wagner Rizzo e Márcia de Mello Kuyumijan, aos quais reitero meus agradecimentos.

inflexões (fontes orais, imagéticas, material obtido em arquivo, jornais, revistas e obras romanesecas), são apropriadas como discursos. Neste entendimento, sem pretender adoções totais, o desenvolvimento do texto inspira-se em elementos da Análise de Discurso<sup>16</sup> como um programa de reflexão, cujo funcionamento objetivei sondar buscando sentidos possíveis, desenhados por um exuberante representacional.

Nas páginas que se seguem, os resultados desta dissertação, tributária, cabe enfatizar, da obra cuja pesquisa participei<sup>17</sup>, da experiência inicial obtida com o mencionado trabalho final de graduação e claro, não menos importante, minha condição de brasiliense, orgulho que partilho com os possíveis leitores.

16 – ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 6ª Ed. São Paulo: Pontes, 2005.

17 – MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de (et all). *Novacap – 50 anos por Brasília...* Op. cit. passim



Candangos chegando à Cidade Livre

## Capítulo I

### 1. Cenarização: o lugar em perspectiva histórica

“Cinquenta mil figurinhas de trabalhadores, como formigas, encenavam sem cessar, por entre as lajes de cimento e os ferros que riscavam o céu, a caótica dança dos martelos.”

João Almino, p. 178

#### 1.1 Um prólogo necessário

Ao historiador interessado em conhecer a história de Brasília e a história do Distrito Federal, chama a atenção o conjunto de cidades satélites ao redor da “Cidade Monumental”. Por ocasião da pesquisa já lembrada sobre a Novacap, na elaboração do capítulo referente ao desenvolvimento das cidades ao redor de Brasília, marcadas essencialmente pelos conflitos quanto à questão da habitação, nomeamos tais cidades como *Cidades Candangas*. Logo, chamou-me a atenção o papel do Núcleo como esteio básico no processo de construção, local de comércio e chegada, desde então pólo aglutinador dos trabalhadores, ponto de efervescência e referência no início da construção. Mais ainda, a história da fixação do lugar, marcada por lutas que envolviam pessoas em defesa do patrimônio pessoal e comunitário.

A inquietação característica dos adeptos de *Clio*, a musa da história, levou-me a sondar situações e mergulhar no cotidiano vivido pelo homem comum brasileiro, o *candango*, habitante do futuro Distrito Federal e sua na luta para fixar-se no lugar que chamaria de lar brevemente.

Oficialmente, essa luta teve como baluarte o Movimento de Pró-Fixação do Núcleo Bandeirante, nascido entre a contradição governamental, que ora dizia-se a favor, ora contra a fixação e a sempre conflituosa questão da habitação em Brasília.

Neste primeiro capítulo, lanço um olhar sobre a encenação cotidiana do Núcleo Bandeirante, anteriormente Cidade Livre, originalmente concebido a partir de “três riscos iniciais” feitos pelo engenheiro Bernardo Sayão, então vice-governador do Estado de Goiás, que ocupou o cargo de Diretor Administrativo da Novacap na época da construção.

A pesquisa com o cotidiano permitiu esmiuçar a imbricada história de Brasília, fundamentada numa espacialidade que carregava um projeto de formação de uma nova sociedade brasileira e a história do Núcleo, essa vinculada a pessoas e grupos comuns, participantes ativos nas duas histórias.

Uma noção que me permitiu buscar as perspectivas do passado, representadas nas entrevistas com os narradores que tomo como base para essa dissertação, é a memória.

A discussão sobre a relação entre História e memória estrutura os fundamentos e objetivos do fazer histórico, coexistindo várias leituras sobre a utilização da memória para a interpretação da História. Como representação do passado no tempo presente, a memória permite diferentes perspectivas nas múltiplas temporalidades: no passado, no presente e no futuro. Ocupa-se, assim como a história, da narrativa que delineia o tempo transcorrido, tempo, que segundo Schwartz<sup>18</sup>, é criação social, carregado de ambiguidades. Essas ambiguidades podem ser percebidas nas falas dos narradores, pioneiros que, a despeito da realidade difícil a que foram submetidos em Brasília, deixaram claro que a volta à terra natal sempre estivera fora de questão. Na análise do tempo transcorrido, é possível recuperar experiências como a dos *candangos*, experiências essas compartilhadas por grupos de pessoas através de representações que concorrem na construção de pilares que conferem sen-



Avenida Central da Cidade Livre, 1957



18 – SCHWARTZ, Lílian Moriz. *Falando do Tempo. Sexta-feira (5)*. São Paulo: Hedra, 2000.



tido e significado ao mundo. Maurice Halbwachs<sup>19</sup> postula que a memória individual se refere a coisas lembradas, relações estabelecidas e fatos acontecidos. A importância desta lembrança está em refletir sobre seu significado hoje e no passado, fazendo uma projeção para o futuro.



Trabalhadores chegando à Cidade Livre

Desde um novo entendimento sobre temporalidade, fundamentado principalmente na leitura dos Annales, a crença num progresso linear, contínuo e irreversível não pôde mais ser sustentada, dessa maneira, ao fazer historiográfico incorporam-se novos conceitos interdisciplinares, da Antropologia à Filosofia, da Literatura à Geografia, permitindo à memória avançar no campo da História, que antes debruçada sobre si mesma, agora propõe uma ruptura desse monólogo, revalorizando suas práticas e análises. Assim, às novas ocupações do historiador, somam-se

“as tentativas de decifrar de outro modo, a sociedade, penetrando nas meadas das relações e tensões que se constituem a partir de um ponto de entrada (um acontecimento, um relato de vida, uma rede de práticas específicas).”<sup>20</sup>

Para adentrar no mundo do candango, protagonista da história que rastreei, organizei pesquisa em torno de condutas que me permitiu compreender de modo satisfatório as práticas e hábitos que acabaram por “definir” a vida em sociedade, no local reconhecido por muitos como ponto de partida para a construção de Brasília.

19 – HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Op. cit. passim.

20 – CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. Revista das Revistas. Instituto de Estudos Avançados 11(5), 1991. p.173.

Nunca será demais insistir que a pesquisa se filia à História Cultural, que encontra em Chartier um ilustre representante. Para o historiador francês, deve-se pensar na História Cultural em sintonia com um trabalho de representação, no qual é preciso observar “processos com os quais se constrói um sentido”<sup>21</sup>. Não por acaso, a professora Thereza Negrão, orientadora deste trabalho, metaforiza um quadro nocional identificando a referência às representações como “mantras”<sup>22</sup>. Um exemplo de pensamento “mantra” é o que assevera:

“Pode pensar uma História Cultural do Social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”<sup>23</sup>.

Na verdade, a noção de representação, suporte fundamental da História Cultural, recebeu



Avenida Central, 1960

de diversos pensadores muitas definições que não se excluem. Para a interlocução com meu estudo, Edgar Morin parece resumir meu entendimento sobre o representacional:

“Há unidade do real e do imaginário ao nível da imagem mental. Tudo se passa pela representação: é a placa giratória entre passado e presente, entre vigília e sonho. Assim, embora a percepção do real se oponha às visões ima-

21 – CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1988, p.27.

22 – MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. História Cultural como espaço de trabalho. In: KUYUMIJIAN, Márcia de Melo Martins, MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. (orgs.). *Os espaços da História Cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008. p. 15-26.

23 – CHARTIER, Roger. *Apud* MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. *História Cultural como...* p. 19.

ginárias, a *representação é o acto constitutivo idêntico e radical do real e do imaginário.*”<sup>24</sup>

Inscrevendo-se na interação entre práticas sociais e representação, a História Cultural se ocupa também com as manifestações culturais<sup>25</sup> e esmiúça toda a vida cotidiana, mergulhada em cultura. Ao historiador interessado em tais abordagens, interessa representar o já representado, entendendo que as representações são parte daquilo que chamamos de realidade. Mais uma vez aludindo à reflexão da Prof.<sup>a</sup> Thereza Negrão, penso no “... sem número de articulações e desdobramentos”<sup>26</sup> que o representacional pode desencadear na análise das falas dos pioneiros do Núcleo Bandeirante e das fontes obtidas na pesquisa.

Ainda em diálogo com Chartier, pude perceber que a modernidade trouxe uma complexidade ao mundo que dificulta a organização das práticas e hábitos da sociedade em divisões estáticas e previamente estabelecidas, baseadas na diferença de estado e fortuna. Assim, procurei me desvincular da dicotomia Plano Piloto x Satélite que fundamenta a maioria dos trabalhos sobre a periferia de Brasília. Encontro, à luz do instrumental teórico disponibilizado, subsídios, *modos de articulação*, primazia dos novos historiadores, que, sem abandono da crítica social, ocupam-se da “pluralidade que as clivagens que atravessam uma sociedade”<sup>27</sup>, e que chama a profusão de relatos de vida que descrevem o cotidiano na Cidade Livre.

Dessa maneira, procurei entender a importância do relato e da narrativa na tessitura e produção de um texto historiográfico que se aproxime do verossímil. Só o relato poderia me transportar (**me levaria**) àquele tempo memorável, a partir dos personagens de Almino, de Santos, e de todos os narradores com os quais me ocupei. O grifo no verbo, proposital, é uma alusão aos pensamentos de Michel de Certeau a respeito dos relatos e outras categorias caras a meus estudos: os lugares e espaços. Sobre os relatos, De Certeau apresenta-os como *condutores* elementares, mapas que, de fato, *organizam* caminhadas. Metaforizar diante de tais reflexões revela-se como uma tarefa impossível de fugir. O próprio De Certeau *brinca* com esse jogo de palavras, mencionando que na Atenas contemporânea, o transporte público é chamado *metaphorai*, metáfora. Usa-se uma metáfora para ir de um lugar a outro na cidade, ligando-os entre si e construindo mapas que, a partir de tal ligação, descrevem a cidade. Os relatos, como os mapas, traduzem experiências e organizam as ações diante da cidade: “Entre muitas outras, essas observações apenas esboçam com que sutil complexidade os relatos, cotidianos ou literários, são nossos transportes coletivos, nossas *metaphorai*.”<sup>28</sup>

Dada a característica do idioma grego, esse jogo insólito pode direcionar para um sem número de reflexões. Os relatos certamente me levaram aos lugares indicados em obras como as de João Almino e de Walnizia Santos, reiterados pelos narradores nos depoimentos obtidos em minha pesquisa.

24 – MORIN, Edgar. *O Método III. O conhecimento do conhecimento/1*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1987.

25 – BARROS, José D’assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ, Vozes 2004.

26 – MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. História Cultural como espaço de trabalho. op.cit. p.22.

27 – CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. Op. cit. p. 177.

28 – CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, T. 1, “Artes do Fazer”. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.



Há de se ressaltar outras categorias usada por De Certeau para análise do cotidiano. Lugar e espaço são compreendidos como interdependentes e definem a ordem de ações comuns nas narrativas:

“Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. (...) Implica uma indicação de estabilidade. (...) O espaço é um lugar praticado”.<sup>29</sup>

Assim, os relatos assumem a função pensada pelo historiador francês. Os relatos da chegada à Cidade Livre descrevem como foi o processo de apropriação e uso do lugar, inicialmente relacionado ao ermo, inóspito, sertão<sup>30</sup>.

A cidade pode ser entendida como a intervenção mais radical do homem na paisagem, transformação clara e visível do que anteriormente é qualificado como sertão. Do sertão, selvagem e quase desabitado, às barracas de lonas, os barracos de madeira, provisórios e precários, até a efetiva apropriação do lugar e sua transformação em cidade, houve uma série de acontecimentos que desenham a história do Núcleo. Os relatos são peças essenciais na montagem desse quebra-cabeça, pois “efetuam, portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”<sup>31</sup>.

Ao modo de um prólogo, espécie de abertura deste primeiro capítulo, fecho com este item, um apanhado de reflexões que, mesmo sem pretender enveredar para aspectos mais adensados, permitiu que a construção do capítulo tivesse como horizonte um quadro harmônico buscado na História Cultural, capaz de ajudar-me na narrativa pretendida.

### ***1.2 Alquimistas do Tempo: uma lida com narradores em tempos distintos e sítios discursivos diversos***

Com a interessante auto-identificação de “Alquimista do Tempo”, o já citado historiador Pennington, com muita criatividade, agrega, na mesma chancela das fontes orais, narradores que entrevistou e fragmentos de correspondências obtidas em arquivo. Descreve o pesquisador o cromo obtido com este conjunto de memórias, que se entrecruza com narrativas cambiantes. As narrativas invocam momentos distintos, mas a tática adotada pelo pesquisador colocou-os imaginariamente reunidos, com o cuidado de em cada fragmento, sempre que possível, oferecer breve biografia. Tratou-se de uma espécie de “travessia através dos relatos”<sup>32</sup>.

A partir desta inspiração, na minha lida com as fontes orais, construí também um *corpus* ampliado. Ele foi constituído em temporalidades distintas e sítios discursivos diversos. Refiro-

29 – Idem.

30 – Esta interação cidade sertão ensejou, no caso de Brasília e Centro-Oeste um conjunto de reflexões de um grupo de pesquisadores consubstanciado em livro: KUYUMIJIAN, Márcia Melo de. (org.) *Semeando cidades e sertões: Brasília e o Centro-Oeste*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010. Conf. por exemplo, o capítulo II da obra citada, de autoria de MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. *E por falar em Sertão: Brasília, Centro-Oeste e modos de significar o urbano*.

31 – Ibidem.

32 – PENNINGTON, David Rodney... op.cit.

me ao espaço discursivo da obra ficcional “puxando prosa” com fragmentos obtidos em arquivo, tudo isto agregado aos fragmentos de entrevistas realizadas. Unindo-os, os temas selecionados, modalizações do cotidiano, lugares e experiências na ambiência da Cidade Livre. Optei também por prosseguir na esteira de Pennington na opção pelas pequenas biografias, sempre que possível. Para além dos dados, a biografia hoje cresce em importância para o historiador preocupado com o lugar de fala do emissor de discursos escritos ou orais. Neste conjunto de vozes, as transcrições que se seguem, não obstante longas, são importantes para a percepção de representações que as falas dos narradores desenham, explodindo em sentidos.

A escolha dos narradores para essa “roda de prosa” obedeceu a critérios que me permitissem alcançar um pouco da “vida como ela era”<sup>33</sup> nos anos finais da década de 50, em solo *cerratenense*<sup>34</sup>.

Como se verá, entremeando transcrições e encaminhamentos sobre sentidos possíveis, tomei como base empírica um *corpus* constituído de fragmentos discursivos selecionados em tempos e espaços diversos, daí o título deste subitem. Na verdade, a “travessia através dos relatos” ensejou a harmonização e coerência do texto por conta do dialogismo entre as falas escolhidas.

Cuido a seguir, portanto, dos primórdios do Núcleo Bandeirante, em múltiplas e coloridas modalizações do cotidiano que, animadas pelas sequências selecionadas, parecem nos devolver experiências vividas e representações de um cotidiano de pulsante memória.

26 )



A Cidade Livre, com seu movimento característico, 1957

33 – O historiador Wagner Rizzo inspira-se em Nelson Rodrigues para distribuir a narrativa de sua tese, com as identificações: “A vida como ela é” – “A vida como ela foi” - “A vida como ela era” Conf. RIZZO, Wagner Antonio. *Fina(s) Estampa(s): o suporte representacional das Estampas Eucalol na encenação cotidiana brasileira e na memória publicitária nacional: 1ª metade do século XX – tempo presente*. Tese de Doutorado, PPGHIS/ UnB, 2009.

34 – BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central*. Brasília: Verano, 2000.

### 1.3 Os primórdios: a vida na provisoriedade

No final de 1956, começa a se formar na área destinada pela Novacap à prestação de serviços oferecidos pela iniciativa privada, o grande acampamento que daria origem à *Cidade Livre*. Pertencente às fazendas Bananal, Vicente Pires e Gama, originalmente, o local surgiu como ponto de apoio ao processo de construção da capital, visando especificamente o suprimento de toda a sorte para a população que, já naquele ano, dava mostras de seu crescimento desordenado. Localizada em ponto estratégico, entre o cruzamento de duas das principais rodovias que ligavam as cidades goianas ao Distrito Federal, a Cidade Livre, no início de 1957, contava com uma população de aproximadamente mil pessoas<sup>35</sup>, reunindo trabalhadores, comerciantes, funcionários da Novacap, de firmas particulares e de pessoas que chegavam à cidade, mesmo sem nenhum vínculo imediato com a construção.

Já em julho de 1957, a cidade contava com uma população de 2.212 habitantes, de acordo com o Censo do IBGE da 1ª Inspeção Regional de Estatística Municipal do Estado de Goiás, responsável pelo 1º recenseamento feito no território do Distrito Federal.<sup>36</sup> O crescimento demográfico constituiu-se como um capítulo a parte, já que em 1958, a Cidade Livre contava com 2.500 habitantes, e já em 1960, esse total subiu para inimagináveis 12.000 habitantes. Com o crescimento estimado em 2,5 milhares de pessoas por mês, em 1964, o IBGE, através de censo escolar, apontava o número de 22.772 habitantes. O chamado de Juscelino e a possibilidade de estabelecimento comercial em terras do Distrito Federal ocasionaram esse grande fluxo migratório<sup>37</sup> e, apesar da precariedade do lugar, surgiram várias aglomerações ao redor da cidade, como o Morro do Urubu e do Querosene,



O incipiente, mas movimentado, comércio na Cidade Livre

Vila Esperança, Vila Tenório, Vila do IAPI e Vila Sarah Kubitschek, dentre várias outras<sup>38</sup>. Formadas quase na totalidade por barracos aglomerados, essas vilas não oficiais eram invariavelmente destruídas por incêndios, mas recompostas velozmente pelas mãos dos incansáveis

35 – MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. (et. alli). *Novacap – 50 anos por Brasília*. Op. cit.

36 – VASCONCELOS, Adirson de. *Cidades Satélites de Brasília*. Brasília: Thesaurus, 1989.

37 – Em 1959, a Cidade Livre já contava com o número de 11.565 habitantes. Conf. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo Experimental de Brasília. Comissão Censitária Nacional, 1959.

38 – SOUSA, Nair Heloisa Bicalho de. O movimento de pró-fixação e urbanização do Núcleo Bandeirante: a outra face do populismo janista. In: PAVIANI, A. (org). *A conquista da Cidade: Movimentos populares em Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

candangos. Com essa população comprimida em espaços precários e sem condições mínimas, o Núcleo notabilizou-se na emigração para diversos locais do Plano Piloto e especialmente, Taguatinga e Ceilândia. Estima-se que o fluxo de pessoas no Núcleo, no uso do comércio e de equipamentos existentes, oscilou, até o remanejamento para Ceilândia<sup>39</sup>, em torno de 80.000 pessoas, entre habitantes das grandes invasões e da cidade.

Carlitos Alves Rodrigues, natural de Ipu, no Ceará, saiu em 1957 de seu Estado natal rumo à capital que era formada, motivado pela promessa de “juntar dinheiro a rodo”, como alguns verbalizavam em sua terra. Entusiasmado pelo “Eldorado” que se formava no imaginário das pessoas no Nordeste, e também “expulso” pela seca que assolava a região, iniciou uma epopéia de 29 dias em cima de um caminhão pau-de-arara, do Ceará a Brasília.

“Não existia estradas, saíamos de uma fazenda e entrávamos em outras, fechávamos uma porteira e abríamos um colchete. (...) Chovia muito nesta época, no dia 21 de abril de 1957, chegamos aqui de frente ao Catetinho e de lá eu vim numa carroça até a Vila Metropolitana, as cinco (5) horas da tarde, e dormi debaixo de umas tábuas, era um acampamento da metropolitana.”<sup>40</sup>

Fixou-se quase que automaticamente na Cidade Livre, já que a cidade constituía-se no primeiro destino dos migrantes que chegavam e como única opção para quem intencionava abrir um comércio. Trabalhando como pedreiro durante certo tempo, Carlitos conseguiu, após certo sacrifício, instalar a oficina onde poderia exercer o ofício adquirido ainda no Ceará, através dos ensinamentos de seu pai, também torneiro mecânico: “E concluindo a minha história, em 1962 eu abri uma oficina na Avenida Geraldo Carneiro, na Cidade Livre, hoje por nome Avenida Central, Torneadora Fortaleza, então até hoje continua.”<sup>41</sup>

A denominação *Cidade Livre*, surgiu do caráter comercial que sempre acompanhou a cidade. Era, inicialmente, o único lugar onde se tinha livre acesso para estabelecer residência ou para desempenhar uma atividade e, por ser ainda, uma área privada na qual se incentivava o estabelecimento de comerciantes mediante a isenção de impostos<sup>42</sup>. Daí Cidade Livre, de *livre* de impostos. Em 1956, em regime de comodato, devido ao caráter temporário que se intencionava para o assentamento, a Novacap organizou a concessão de lotes, e permitiu o estabelecimento de atividades comerciais, isentas de impostos, até a data da inauguração de Brasília. Após esta data, os comerciantes teriam o direito à transferência de seus negócios para os terrenos previamente destinados a esse fim no plano urbanístico da cidade.

Essa provisoriedade era percebida no aspecto precário a que era submetida a cidade, onde só se permitia a construção de casas de madeira. Isso dava um aspecto de *faroeste* ao povoamento, acarretando uma série de problemas relacionados à infra-estrutura e precariedade das

39 – Ainda em 1958, a Novacap organiza um remanejamento de barracos que se aglomeravam em torno da Cidade Livre e Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, criando a cidade de Taguatinga. Em 1971, a Campanha de Erradicação de Invasões, promovida pelo Governo do Distrito Federal e encabeçada pela Novacap, organiza a remoção dessas mesmas vilas não oficiais, agora reocupadas, dando origem à cidade de Ceilândia.

40 – RODRIGUES, Carlitos Alves. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 13 p. p 5.

41 – Idem, p.6.

42 – RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.





instalações. O barro vermelho na época das chuvas e a poeira, que “pintava” a cidade e as pessoas na época da seca, eram comuns, assim como avistar animais como seriemas, tatus e lobos-guará, espécies nativas do cerrado. A energia elétrica e a iluminação eram possibilitadas por motores e geradores de propriedade particular, visto que as obras da Usina Hidrelétrica de Saia Velha se encontravam em fase de conclusão. A captação de água era feita no córrego Vicente Pires.<sup>43</sup>

Nascido em Minas Gerais, o Drº Edson Porto pode se vangloriar de ser o primeiro médico do Distrito Federal. Na sua austera opinião, esses momentos iniciais da Cidade Livre podem ser tomados como os mais tranquilos. Salvo alguns casos de fratura, queda de andaime, picada de cobra e doenças venéreas, a vida era calma e pacata. Formado em Medicina pela UFRJ, Drº Edson chega a terras brasilienses com a missão de ser o diretor do Hospital Juscelino Kubitschek, mais tarde nomeado Hospital do IAPI – Instituto de Assistência e Pensões dos Industriários, referência em assistência para os *candangos* da época. Ainda no barracão que seria posteriormente transformado em hospital, fez os primeiros atendimentos médicos relativos aos acidentes de trabalho comum na época da construção:

“(…) Com frequência acidentes principalmente em mão. A famosa martelada no dedão. Isso é quase diariamente, porque você vê que as construções de Brasília no início, quando se fazia um acampamento, imediatamente era levantado barracos de madeira. Então a quantidade de carpinteiros e auxiliares de carpintaria era muito grande. Esses acidentes são muito comuns. Mas depois que foi entrando já a engenharia mais pesada, com a parte de instalação

43 – Site oficial da Administração Regional do Núcleo Bandeirante – [www.bandeirante.gov.br](http://www.bandeirante.gov.br). Acesso em 16/08/2010, às 15h30min h.

de ferragem, de concretagem e tudo, aí os acidentes já foram ficando mais leves. (...) No entanto, mais graves.”<sup>44</sup>



O Instituto de Assistência e Pensões dos Industriários, ainda sem o Hospital JKO

30 ) Responsável por uma infinidade de partos na Cidade Livre, o médico relata uma grande profusão de nascimentos na cidade. Cita, inclusive, um grande incêndio ocorrido no HJKO, que acabou por dizimar os registros dos nascidos de 1957 a 1962, impossibilitando a reunião de fontes primárias que contabilizassem tal fato. No entanto, as suas palavras verticalizam nesse sentido:

“Mas o número de crianças nascidas naquela época, que eu considero maior do que de uma outra cidade já formada, por uma razão muito simples, é que numa cidade pacata e tranquila, cê só tem duas coisas a fazer. É ouvir rádio e fazer filho. E como diz um com muita propriedade, em que eu fui dizer com um amigo meu aí, mestre-de-obras, tinha oito filhos, ele pegou e respondeu: “Mas doutor, o senhor sabe coisa mais fácil e gostosa de fazer do que filho?” É a justificativa. Então realmente, você vê que a prole, nesse pessoal, era realmente, era (incomp.). Então, como a população dominante de Brasília, nessa época, era exatamente de operário, não vai fugir à regra.”<sup>45</sup>

A Cidade Livre destacava-se como local de ponto de encontro da época, onde existiam vários hotéis como o Hotel Brasília, o Tirolêsa, o Hotel São Paulo, o Hotel Souza, o Hotel Esmeralda. Em sua área, estavam concentradas as atividades de prestação de serviço, bancos,

44 – PORTO, Edson. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989.

45 – Idem, p.16.

bem como o comércio. Nesse momento, a cidade contava com armazéns de secos e molhados, casas de tecidos, barbearias, restaurantes, tinturarias, marcenarias, farmácias, açougues, duas escolas, um cinema, bares, pensões e hotéis. Havia ainda locais para a execução de cultos religiosos como uma igreja batista, um local para cultos kardecistas e uma igreja católica. Nesse momento, a Cidade Livre configurava-se como uma única localidade do território da construção considerado de “ocupação livre”, deste modo, era o primeiro destino para aqueles que procuravam hospedagem, bem como serviços em geral<sup>46</sup>. Todos os recursos necessários à construção de Brasília estiveram na Cidade Livre de 1957 a 1960, sem os quais, seria impossível o evento da construção de Brasília.

Else Pereira Lima, chegando à cidade ainda mocinha, testemunha de todo esse desenvolvimento, guarda com admiração as lembranças da época. Vinda do interior da Bahia, a família de dona Else, chegou à Cidade Livre em 1956, em um caminhão contendo 16 pessoas, entre familiares e agregados. O destino final desta aventura seria Goiânia, local que contava com



Banco na Cidade Livre

maiores recursos para o tratamento renal de um familiar. Mas, ao estacionar o caminhão na Avenida Central da Cidade Livre, o pai de Else encantou-se com o movimento daquele local que parecia ter saído de um livro de aventuras e decidiu que ali seria um bom lugar para fixar a família. Instalando-se de forma precária nas margens do Córrego Vicente Pires, a família esperou um bom tempo até o chefe de a família conseguir trocar o valioso caminhão por um barraco na cidade:

“Olha, nós chegamos aqui, não conhecíamos nada, meu pai estacionou o caminhão no final da avenida central, ficamos ali para conhecer Brasília, ver o movimento dos candangos.(...) E nós ficamos aí, combinamos que a gente não iria para Goiânia, foi namoro à primeira vista, simpatizamos, meu pai só fez tirar o caminhão que estava do lado de lá, para o lado do córrego, até hoje tem aqui no Núcleo Bandeirante. Então ele tirou o caminhão de um lado e pôs no outro embaixo de uma árvore, e nós fomos lutar por um local, a gente não queria invadir, o nosso costume não era isso.”<sup>47</sup>

46 – RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança*. Op. Cit.

47 – HAINE, Else Pereira. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 30 p. p. 6.



Aspectos do comércio na Cidade Livre



32 )

A questão da habitação, dilema central na história de Brasília, já incomodava, e a família de dona Else era uma das inúmeras que chegavam à cidade e deparavam-se com a falta de oportunidade nesse sentido:

“Então nós fomos correr atrás do Dr. Bernardo Sayão para ver se ele arrumava um local vendido ou dado, como fosse, mas a gente queria ficar em Brasília. Não conseguíamos encontrar o Dr. Bernardo Sayão, era muito difícil a gente conversar, encontrar com ele, nós fazíamos plantão na porta dele e não conseguíamos falar.”<sup>48</sup>

Muito embora o fascínio da construção tenha atraído um sem-número de trabalhadores incumbidos da realização de um grande projeto, a epopéia de Brasília e a ideia de mudança povoou o imaginário de muitos. De fato, ao longo do processo, muitos funcionários transferidos rejeitavam de início a transferência compulsória<sup>49</sup>, mas, por outra parte, um expressivo contingente de profissionais vislumbrava na Nova Capital um amplo leque de possibilidades. Impossível não convocar, ainda uma vez, o narrador João Almino: “ a palavra ‘mudança’ fazia infundáveis e mágicas piruetas pelos céus do futuro... A mudança era a porta para aquele mundo vasto, onde nos esperaríamos riqueza e felicidade...”<sup>50</sup>. Com a palavra, o narrador:

48 – Idem. p. 7.

49 – A conhecida “brasilitê”, cantada na música de Billy Blanco: “*Não vou, não vou, pra Brasília. Nem eu nem minha família...*”

50 – ALMINO, João. . *Cidade Livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010.p 34.



“Morávamos, portanto, em Ceres, quando um dia espalhou-se a notícia de que o doutor Bernardo Sayão, já então vice-governador de Goiás e um dos diretores da Novacap - Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, que acabava de ser criada por lei de 19 de setembro daquele ano de 1956 – precisava de quem produzisse e preparasse comida para os que vinham construir Brasília. Ele conhecia a disposição dos habitantes da Colônia Agrícola e a experiência que haviam adquirido na produção de alimentos e por isso acreditava poder convencer alguns deles a se transferirem para Brasília, juntamente com gente de Anápolis e Goiânia. (...) Tia Francisca foi a primeira a entusiasmar-se com a idéia, logo papai convenceu-se da oportunidade imperdível, e ambos me falavam de um futuro que parecia significava nada menos do que a felicidade.”<sup>51</sup>

Mais à frente, abordarei personagens quase míticos nessa história, importantes tanto no advento e construção da Cidade Livre, quanto na fixação e sua transformação em Núcleo Bandeirante, estabelecido como Região Administrativa. Nesse item, será a oportunidade de “trazer” Bernardo Sayão a essa dissertação. Por enquanto, entendo como essencial o cotidiano da Cidade Livre em seu início.

Os alto-falantes irradiando as notícias “como se fosse um rádio de hoje”, o burburinho, as músicas, em sua grande maioria sertanejas, davam o tom do ambiente, rememorado por “dona” Else:



O vaivém nas ruas da Cidade Livre

“Havia essa avenida central, e a segunda avenida que é essa que desce aqui, barracos de madeira, era muito candango. (...) Muito movimento, muitos banhos, já tinha tudo. Muito movimento, alto falante aqui era direto. (...) Era aquela

51 – Idem, p. 33.

animação, parecendo... (...) Uma festa. (...) As pessoas estavam empolgadas de estarem aqui trabalhando.”<sup>52</sup>

Dona Else relata ainda a saída que os candangos encontravam para o lazer, o cinema da época, Cine Bandeirante e o Cine Teatro Brasília, que se confirmavam com um local de refúgio, onde os candangos, exaustos do árduo trabalho, descansavam e divertiam-se.

Sempre lembrada como ponto de encontro, a Cidade Livre proporcionava aos habitantes de Brasília, em plena construção, uma alimentação diferente. Eram vários os hotéis e restaurantes que disponibilizavam carne de caça. Amante dos exóticos tipos de carne oferecidos, Juscelino Kubitschek frequentemente estava entre as ruas empoeiradas da Cidade Livre. As missas aos domingos, o Mercado Diamantina, onde se podia encontrar quase de tudo, as festas calendarizadas... Uma festa famosa em Brasília, a Festa dos Estados, teve sua origem na Cidade Livre:

“Nós começamos onde tinha um terreno vazio na avenida central, então nós começamos essa festa no Núcleo Bandeirante desde os primórdios, nós fazíamos todo ano e eu tive o privilégio de durante 5 anos seguidos ser o festeiro. A festa dos Estados veio de lá, eu tive a felicidade de colocar nome, nas duas barracas que estavam diretamente sobre a minha administração, eu era o administrador de toda festa e os outros também foram pondo nome das origens de cada estado, daí surgiu o nome dos Estados.”<sup>53</sup>

34 )

Waldemar Alves, o seo Waldemar Eletricista, chegou à Cidade Livre nos idos de 57, bem no seu início, afinal. Mesmo sendo empresário consolidado em Goiânia, acreditou no burburinho que tomava conta da cidade acerca da construção de Brasília e na possibilidade de novos campos para a sua religião, a Igreja Batista. Conforme relata, chegou ao local quando havia 4 ou 5 barracos



Cine Teatro Brasília

construídos. Saudoso, relembra que todo o movimento fez a Cidade Livre transformar-se num local onde vendia “até avião”, e isso facilitou, certamente, a criação de um círculo de amizades forte e relações vicinais que confabularam para a fixação da cidade. Cabe destacar aqui a noção de socialidade proposta por Mafessoli e tão bem por ele trabalhada em várias de suas obras. A socialidade articula-se ao espaço no qual se engendra e dialoga com a solidariedade que aflora do convívio e do sentimento de pertença que interpela atores sociais em determinado cenário. Para além, portanto, da sociabilidade, conceito sociológico que alude à gestos formais de interação entre indivíduos, a socialidade se inscreve no espaço, tornando-o como um lugar de figurações. Para Mafessoli, a cidade é “espaço indutor da socialidade”<sup>54</sup>.

52 – HAINE, Else Pereira. Op. cit. p.9.

53 – MAGALHÃES, Waldemar Alves de. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 19p. p.9.

54 – MAFESSOLI, Michel. *A conquista do presente*. Op. cit. cap. III. ps. 52-63

Instalado com o pai numa pequena birosca, Jaime Barbosa era testemunha desse turbilhão de acontecimentos que se sucediam na cidade, notadamente o núcleo comercial da época. Se o espaço é “o lugar praticado”, para continuarmos com De Certeau, as ruas empoeiradas da Cidade Livre foram transformadas



Entrada do Cinema

pelas práticas e experiências dos habitantes em espaço “semeador” de memórias, algumas que evidenciavam o sentimento de pertença com o lugar: “O Plano Piloto era isolado e distante, era um tempo onde o peão ganhava melhor, vivia melhor. E aqui era realmente o foco do comércio, assim, ele vinha gastar o dinheiro que ganhava aqui”.<sup>55</sup>

Proprietário do Restaurante do Campos, no *Mercadão*, situado na Avenida Central, entre um atendimento e outro, relatei-me desde a chegada com o pai, no *antigo* mercado, em 59, até a fixação do Núcleo, fato que narra com um misto de orgulho e saudade: “Ninguém queria sair daqui...” Nascia, ali, a partir de três riscos, três avenidas, uma cidade, dotada de dinâmica social e vida própria. Como pólo comercial e administrativo, a cidade era o local onde os



Detalhe do comércio na Cidade Livre

operários eram inicialmente recrutados pela Novacap, e posteriormente “fichados” nas várias empresas construtoras que proliferavam no território do futuro Distrito Federal. Ponto de lazer, comércio e atendimento médico, era na Cidade Livre que os trabalhadores, depois de uma árdua jornada de trabalho, se divertiam e gastavam o pagamento recebido.

“A imaginação perfura o real.”<sup>56</sup>

Em *Cidade Livre*, João Almino conta, com a ajuda de seu personagem homônimo, o “João ficcio-

55 – Entrevista realizada em 22/05/2010.

56 – MAFESSOLI, Michel. *A Conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

nal”, grande parte dessa aventura. O romance, ambientado na Cidade Livre ajuda a perceber o tecido social, buscando imagens e representações ligadas a conceitos e referenciais que “montam” o quebra-cabeça sobre a ainda incipiente sociedade brasiliense no início da construção. Entrecruzando na leitura de seu romance, a história e o cotidiano das pessoas que desembar-



Comércio na Avenida Central

cavam na Cidade Livre atrás de seu *eldorado* particular, o autor apresenta tipos característicos da vida cotidiana, que poderia ser qualquer um dos *candangos*, responsáveis pelo desenvolvimento do comércio que supriu as necessidades básicas da construção da nova capital.

Conforme nos elucidava Gaeta<sup>57</sup>, o texto romanesco é uma linguagem artística considerada como primeira que referencia o homem de forma explicitamente histórico-social, sendo que a obra literária deve ser vista de dentro de sua linguagem artística, sem compromissos de comprovação, pois diz muito dos códigos morais e atitudes de uma época abordada. Ao misturar memórias da Cidade Livre e, conseqüentemente, da história da construção de Brasília com eventos de sua própria infância, o autor apropria-se das imagens e representações que os seus personagens romanescos vivem, entreabrindo “frestas”<sup>58</sup> para a reconstrução da historicidade latente nas linhas de seu romance. Inevitavelmente, a história do Núcleo Bandeirante, ainda Cidade Livre, descortina-se através das idas e vindas de Valdivino, personagem mítico e intrigante, que poderia ser qualquer candango proveniente da seca, pronto para trabalhar na construção da capital, João, que poderia ser ele próprio, advindo de Ceres junto com o pai adotivo, Moacyr, com quem mantêm um relacionamento conturbado, e as tias Francisca e Matilde, personagens de seu microcosmo, mas que interagem com um sem número de pessoas que poderiam ter povoado a cidade. As memórias de João sobre o cotidiano na Cidade Livre dialogam com as fontes, importantes para a construção da trama do texto histórico sobre o Núcleo Bandeirante, pois, sem dúvida, toda a memória é potencialmente fonte para a História.

Para o pesquisador Pierre Nora<sup>59</sup>, enquanto a História estabelece uma imagem do passado claramente distinguível do presente, o conceito de memória coloca o passado dentro do presente, como uma parte integrante e continuamente reformulada dele.

Exemplo dessa relação insere-se nos lugares presentes nos longos parágrafos descritivos

57 – GAETA, Maria Aparecida J. Veiga. O Direito e o avesso no texto literário. In: Lambert, Hercídia Mara Facuri Coelho (org.). *História, o fato e a ficção*. Franca: UNESP, 1990. P. 84-109.p. 84

58 – A obra conta com o prefácio de Benjamin Abdala Jr., que cita o narrador a construir sua memória, baseada na sobreposição de imagens acumulada pela observação, através de *frestas*: ...*Não apenas das portas e paredes, mas dos depoimentos individuais, anotados ou não*. In: ALMINO, João. *Cidade Livre*. Record, 2010.

59 – NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Revista Projeto História, 1993.

sobre a cidade. Espaços onde a sociabilidade se converteu num modo de ser ainda bastante provisório. Pensar nesses lugares, implica em nos remeter ao célebre conceito de *lugar praticado*, de De Certeau. Para o autor, os espaços devem ser pensados como parte integrante de uma dinâmica social<sup>60</sup>, e os moradores da Cidade Livre pareciam apropriar-se de tais espaços, visando uma mínima organização, mesmo que não intencionassem previamente. O acordo previamente estabelecido seria que, após a inauguração de Brasília, o núcleo, inicialmente voltado para o comércio, deixasse de existir. No entanto, conforme o passar do tempo, os candangos, através de *estratégias* e *táticas*, possibilitaram transformar aquele local transitório, em lugar apropriado pelo uso. O “João ficcional” transita por vários desses lugares construindo uma lógica baseada em memórias, próprias de uma coletividade, que em um dado momento lutou pela fixação de um lugar a que achavam pertencer.

#### 1.4 As “frestas” da história de Brasília: as invasões, a zona boêmia, os incêndios

A chamada para a construção de Brasília desencadeou, certamente, um dos ciclos migratórios mais importantes da história do Brasil. A construção da cidade fez surgir um ciclo de migrações comparável ao ciclo da borracha na Amazônia. Se no início a questão da distribuição de lotes na Cidade Livre, feita pela Novacap, era a principal maneira de fixar-se em solo candango, o fluxo migratório fez surgir rapidamente uma nova modalidade de fixação: a invasão. A distribuição de lotes não atendia a demanda daqueles que chegavam à cidade. Desta forma, a alternativa encontrada era invadir um local nas imediações da Cidade Livre. Assim, relata-se que em 1960, a população dessas invasões ultrapassava 12 mil habitantes, e entre vários nomes pitorescos destacavam-se o Morro do Urubu e do Querosene, Vila Esperança, Vila Tenório, Vila do IAPI e Vila Sarah Kubitschek, dentre várias outras<sup>61</sup>.

Nome derivado do Instituto de Assistência e Pensões dos Industriários, a Vila do IAPI surgiu nas proximidades do Hospital com o mesmo nome, mais tarde mudado para Juscelino Kubitschek de Oliveira. Durante muito tempo, foi a maior invasão do Distrito Federal, apresentando um cotidiano de privações e hostilidades, mas em contrapartida, com uma grande dose de solidariedade entre os habitantes. A quem chegava, era endereçada ajuda para construir o barraco, necessário para abrigar a família. Essa ajuda era explicável: quanto mais famílias, menor a possibilidade de remoção. O policiamento era feito pela Guarda Especial de Brasília, famosa por sua truculência. A Vila do IAPI foi certamente um dos locais mais emblemáticos e citados na história de Brasília, visto que resistiu a muitas remoções e demolições. Parte essencial dessa gente que se instalou em suas vielas formou a cidade de Ceilândia, na posterior Campanha de Erradicação de Invasão, promovida pelo governo no ano de 1971.

Na lida com a pesquisa e na ânsia de conseguir entrevistas que pudessem subsidiar minha

60 – CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Op. cit. passim.

61 – SOUSA, Nair Heloisa Bicalho de. O movimento de pró-fixação e urbanização do Núcleo Bandeirante: a outra face do populismo janista. In: PAVIANI, A. (org). *A conquista da Cidade: Movimentos populares em Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.





26

Hotel na Cidade Livre

38 ) dissertação, acabei por me deparar com uma situação no mínimo inusitada. Entre as idas e vindas ao Museu Vivo da Memória Candanga, local que abrigava o Hospital do IAPI e a invasão citada, comentei, por telefone, com minha mãe, a dificuldade em encontrar pessoas pioneiras, dispostas a fornecer elementos que pudessem me ajudar na elaboração de uma narrativa sobre a Vila do IAPI próxima do verossímil. Os depoimentos orais, apesar de esclarecedores, são lacunares, e, como toda fonte, cabe ao pesquisador a tarefa de harmonizadas em uma narrativa fluida. Afinal, filiando-me à leitura de Paul Ricoeur, pude entender que a partir da narrativa o ato da escrita



27

Remoção dos moradores da vila do IAPI para Ceilândia

historiográfica não só ganha similitude com o verossímil, como faz a relação entre a intenção e a ação, como pressupostos intrinsecamente ligados e dependentes entre si:

“O desafio principal da História não é reconhecer as ações como poderiam fazê-lo testemunhas, mas como fazem os historiadores em relação a acontecimentos ulteriores e enquanto partes de totalidades temporais”.<sup>62</sup>

Assim, o filósofo demonstra a interdependência entre os fatos, pressupostos essenciais da estrutura das frases narrativas, afinal, uma lista de fatos sem ligação entre si não é uma narrativa. A intriga, elemento de ligação, faz parte da tessitura do texto histórico, para o historiador, a verdade



Instituto de Assistência e Pensões dos Industriários

e o sentido de um acontecimento são relativos ao sentido e à verdade de outro acontecimento. Não se distingue dessa maneira, a narrativa do conhecimento histórico.

Solidária e entusiasmada, minha mãe, dona Maurina, acompanhou minha lida com a pesquisa que resultou nesta dissertação. Morando em Brasília desde 1968, em uma de nossas conversas, fiquei sabendo que

antes de se mudarem para a Ceilândia, antes mesmo do meu nascimento, meus familiares moraram na Vila do IAPI. Assim, quase que naturalmente, encontrei em minha mãe uma narradora, cujos relatos se entrecruzam aos depoimentos que selecionei no Arquivo Público. Um cotidia-



no, enfim, da Vila do IAPI, articulando a experiência vivida por minha mãe, cuja memória, por pertinente, incluo nesta narrativa. Aos poucos, ela foi me revelando como chegou, após trabalhar muito tempo em casa de família, àquela vila que mais parecia um “amontoado de barracos”. Contou-me como os vizinhos ajudaram na construção do barraco capaz de abrigar 5 crianças e o casal. Foram tempos de luta para conseguir transporte para o trabalho, a sempre tensa ameaça de remoção, os conflitos entre os candangos e o medo dos incêndios.

62 – RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas, SP: Papirus, 1994.



Vila do IAPI

40 ) A Sacolândia, outra invasão conhecida, notabilizou-se por histórias e fatos que revelam as estratégias encontradas pelo migrante recém chegado, o candango que, sem um emprego que pudesse lhe possibilitar a construção de um barraco, acabava por construir sua precária acomodação com sacos de cimento, material abundante no imenso canteiro de obras que se desenvolvia no Plano Piloto. Logo de início, várias famílias chegavam rapidamente ao local, desencadeando a necessidade de “desinchar” a Cidade Livre e a criação de cidades como



Cidade Livre e adjacências



Taguatinga. Fato pitoresco resulta do caráter provisório dessa invasão, relatado por César Trajano, advogado da primeira turma do Centro Universitário de Brasília, o Ceub, ele próprio parte da história que orgulha em contar:

“A Sacolândia, ela foi construída ali para perto da quarta avenida, hoje vou me situar, você descendo ali onde hoje é a feira permanente, por ali assim. E que conta a história que a pessoa escreveu uma carta, tinha uns escribas, ela falou: ‘Quero escrever uma carta prá minha mulher, ó eu queria que você viesse, eu já construí a nossa casa lá na Sacolândia, gastei 500 sacos de cimento.’ Um casão, mas eram 500 sacos vazios de cimento, então isso eram as histórias que surgiam e que nós vivíamos essa história.”<sup>63</sup>

A remoção de tais invasões consistia sempre em uma tarefa difícil e perigosa. Invariavelmente, os moradores resistiam com violência. Vale frisar que o local para onde seriam removidos, na incipiente campina onde seria erguida a cidade de Taguatinga, em meados de junho, era frio e desolador. Encontro aqui um relato que reitera esse fato e revela a origem da cidade:

“Foi quando o presidente criou as cidades-satélites, sendo a primeira Taguatinga... Esta invasão, os primeiros habitantes de Taguatinga, foram ocupada por essa invasão da Cidade Livre. E cada caminhão que trazia as famílias para dentro do cerrado lá de Taguatinga, que era um verdadeiro cerrado. O pessoal da Novacap, os trabalhadores da Novacap pegavam aquele bagulho tudo, das famílias e jogavam em cima do caminhão e... Taguatinga. A estrada de Taguatinga tinha sido aberta recentemente, era cada uma poeira que o caminhão passava e a gente ficava meia hora para poder andar, não enxergava nada.”<sup>64</sup>

Há outra versão sobre a formação de Taguatinga, que, certamente, não se opõe a esse relato, pelo contrário, funde-se como uma amálgama capaz de unir as várias histórias que existem sobre esse momento de conjunção e criação das cidades em Brasília. O advogado César Trajano, que viria ser Deputado Federal posteriormente, tem informações significativas sobre as invasões na Cidade Livre e a formação da cidade que seria seu colé-



Remoção para Taguatinga

63 – LACERDA, Cesar Trajano de. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 16 p. p. 9.

64 – SANTOS, Severino Manoel dos. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 18 p. p. 5.

gio eleitoral no futuro. Intitulando-se o primeiro líder comunitário de Brasília, o goiano de Pires do Rio entrou, conforme suas palavras, “em entendimento” com os candangos que pouco a pouco, aglomeravam-se às margens da BR 040, estrada para Goiânia. Em pouco tempo, os barracos aumentavam e,



Casas em Taguatinga

com eles, candangos que, em volta das fogueiras, cantavam e se divertiam na noite, mesmo sem a real possibilidade de um chão que pudessem chamar de seu. Trajano percebia nos cânticos do candango a vontade real de conseguir um terreno, onde pudessem fabricar seu barraco e trazer sua família. Sem nome, mas já com um grande número de barracos, a invasão era invariavelmente ameaçada de remoção. Os candangos pediram ajuda a Trajano, homem de fala fácil e espírito voluntarioso.

42 ) Era preciso, então, de uma tática bem pensada. Na posterior chegada do Viscount que trouxe o presidente, Trajano foi ao seu encontro, com o intuito de relatar as condições precárias daquelas pessoas, de alguma forma, cúmplices no sonho de construir a capital. \_ Onde é esse local? Perguntou o presidente. \_ Lá na vila... Sarah Kubitschek!\_ Respondeu Trajano, batizando a invasão com nome da esposa de Juscelino. O óbvio estratagema deu certo, Juscelino incumbiu-se de conversar com os administradores da cidade, na intenção de conseguir um local de melhores condições para aquela gente. Uma semana depois, numa reunião com alguns desses administradores numa churrascaria na Cidade Livre, Juscelino deparou-se com uma manifestação. Nela, uma faixa chamava a atenção: “Nós, moradores da Vila Sarah Kubitschek pedimos uma solução”. A solução encontrada foi a remoção para a primeira cidade satélite, insólita até na escolha do nome:

“Então, qual o nome do local onde ia levar esse povo? O nome que foi falado na hora era Tabatinga. Tabatinga, se eu não estou enganado, significa terra branca. E ali perto tinha um areal, também de terra branca, onde tirava o saibro, tinha até o caulim, também. E por isso chamava região de Tabatinga. E o córrego, que passava ali também, era o córrego Tabatinga. Mas esse primeiro povo que foi para lá entendeu Taguatinga, que significa ave branca, e lá nunca teve ave branca. E tomou o nome, então, de Taguatinga.”<sup>65</sup>

Esses relatos tendem a confirmar a característica da Cidade Livre como ponto de partida da

65 – LACERDA, Cesar Trajano... op. cit. p.3.



Taguatinga, 1965

ocupação em Brasília e surgimento das primeiras cidades periféricas. Sempre citada como a Cidade-mãe no Distrito Federal, é opinião geral dos narradores que tudo em Brasília começou ali, e partilham de um orgulho em participar ativamente do desenvolvimento de toda uma cidade. Bem por isso, também nas representações da obra romanesca, este reconhecimento aparece e põe em destaque observações que convidam a participação do autor de *Cidade Livre* neste encontro imaginário:

“A Cidade Livre atraía também gente de todo o Brasil, com um predomínio de mineiros e nordestinos. Quando os novos candangos não podiam morar com suas famílias nos acampamentos de obras, vinham para as áreas comerciais, dominadas por árabes e nordestinos, ou para as invasões que foram surgindo, Morros do Urubu e do Querosene, Vila Esperança, Vila Tenório, IAPI, Divinéia, Vicentina e Sarah Kubitschek. Com apenas oito anos, eu explicava em detalhes, para a admiração de quem chegava, que os lotes eram distribuídos em regime de comodato e, como a escritura não era definitiva, deveriam ser devolvidas à Novacap no final de 1959; que não se davam alvarás para residências, que deveriam ser destruídas quando Brasília fosse inaugurada – primeira cidade destacável, a Cidade Livre era construída para ser destruída.”<sup>66</sup>

Ocorreu que a despeito das intenções da Novacap no sentido de desestimular a vinda de trabalhadores sem o vínculo empregatício para as terras brasilienses, as vilas não-oficiais, as chamadas invasões, que com seus nomes explicavam tanto o surgimento como a origem de

66 – ALMINO, João. *Cidade Livre*. Op. cit. p. 17.



Desde cedo, a Cidade Livre apresentou o aspecto provisório de “faroeste”. Cidade Livre, 1957

44 )

seus habitantes, teimavam em crescer vertiginosamente. Assim, tomando o “gancho” da transcrição acima, cabe lembrar que essas vilas detinham, em seus habitantes, a origem da história de cada cidade candanga. Daí, como a Vila dos Mineiros, que deixava óbvia a procedência de seus moradores, o Morro do Querosene, chamado assim pelos seus barracos feitos a partir de latas desse combustível, a Vila Esperança, a Vila Tenório, o Morro do Urubu, entre outros, formaram o contingente que povoaria, no futuro, cidades como Taguatinga e Ceilândia. Sobre o Morro do Urubu, Trajano traz a origem do nome, assim como o cotidiano que envolvia seus moradores:

“Porque ali eles jogavam lixo e juntava muito urubu, e era um lugar perigosíssimo, porque não tinha energia elétrica, tinham muitos barracos, era realmente uma invasão, e tinha os donos do pedaço, só entrava ali com autorização deles, nem a polícia entrava lá.”<sup>67</sup>

Não obstante o cotidiano de privações que essas pessoas viviam, laços de amizade e relações vicinais formavam-se intensamente. As “comadres” se proliferavam nas ruas empoeiradas, as “mães” de leite também apareciam com frequência. Era comum, na medida em que as mães saíam para trabalhar, os filhos ficarem com vizinhas e, assim, as relações familiares se caracterizavam a partir da necessidade.

67 – LACERDA, César Trajano... op.cit. p. 13



#### 1.4.1 Literalmente, uma Cidade muito Livre

“Papai se lembrava dos bares, das bebedeiras e da Zona Boêmia, de jogo e prostituição – a chamada Placa da Mercedes – responsáveis por tornar Brasília ‘uma cidade licenciosa e imoral’, como viria a afirmar o jornal O Globo em 16 de junho de 1958”.<sup>68</sup>

Percebo que nem tudo se resumia à luta cotidiana do trabalho, quase sempre árduo, fosse qual fosse a ocupação. Nas narrativas sobre o emprego do tempo, os prazeres do corpo e o mercado sexual são aspectos sempre lembrados. Homens sós, com as famílias em lugares longínquos, um número desproporcional entre os contingentes masculino e feminino e, de repente, o prazer do instante são aspectos que, dentre outros, desenham o cotidiano da Cidade Livre que não escapou à observação dos narradores.

Um dos lugares mais célebres e citados pelos narradores foi, com certeza, a *Placa da Mercedes*. Em janeiro de 1958, segundo relatos dos narradores, a empresa Mercedes-Benz do Brasil fixa uma placa enorme, na confluência dos caminhos que traziam os *candangos* de Luziânia e Goiânia. Nela, os animadores disseram: “Seja Bem – Vindo à Brasília”. A ausência relativa de famílias traduziu-se em uma desproporção entre o número de homens e mulheres<sup>69</sup>. Os próprios candangos relatavam casos de solidão e carência extrema. Como um local que dava um alento a essa realidade, mesmo que paliativo, a Zona de Baixo Meretrício na Cidade Livre, a famosa *Placa da Mercedes*, tinha um lugar de destaque no imaginário dos moradores da cidade. João, o narrador menino da obra romanesca, tinha sua visão sobre o lugar. Como um passado atualizado no presente e parte essencial da vida<sup>70</sup>, as memórias de João sobre o lugar narram o cotidiano da época:

“As prostitutas estavam em toda a parte, às centenas, nas pensões de rapariga, nos bares e cabarés, pois havia um bom mercado: muitos homens tinham vindo para a construção sem trazer suas famílias.”<sup>71</sup>

Aqui, chamo para o diálogo, alguém que pode corroborar, sem pretensões de provas, o imaginário sobre esse pedaço pitoresco da história da Cidade Livre. Walnizia Santos, advogada, ex- funcionária da Novacap e moradora da Cidade Livre, chegou à cidade nos idos de 1957, e, junto com sua família, viu de perto o desenvolvimento do local que seria o suporte para a construção da Capital. O meu contato com sua história deu-se através da notícia de lançamento de seu livro, *A cor da minha vida*, que atravessa, em suas memórias de infância, o objeto de minha pesquisa com um dialogismo que auxilia no entendimento do cotidiano encontrado ali:

68 – ALMINO, João. *Cidade...* Op. cit. p. 110.

69 – RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança*. Op. Cit. p. 97

70 – DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempos e identidades*. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

71 – ALMINO, João. Op. cit. p. 110.



“Cidade Livre era um lugar de trabalhadores pioneiros e suas famílias, mas muitos homens ali chegavam sozinhos. Deixavam as esposas e os filhos para vir trabalhar duro, dia e noite, nas construções que cresciam em ritmo acelerado. Nos finais de semana, queriam beber e farrear”.<sup>72</sup>

Instalada em seu apartamento na SQS 108, a narradora relatou-me, em uma entrevista, aliás, por várias vezes remarcada, que a *Placa da Mercedes* produzia um imaginário único, potencializado, é claro, pelas várias recomendações que seus pais lhe faziam para limitar suas brincadeiras longe do famoso local. Em sua imaginação infantil, chegou a imaginar que Mercedes seria uma mulher, dado o burburinho que uma única menção desse nome proporcionava. Entre um café e outro, contou-me como a fama dessas mulheres acompanhavam-nas e, como sua mãe, costureira, evitava as clientes de “batons vistosos”, o que intrigava a garota que sabia das necessidades da família e como aquele dinheiro faria falta. No entanto, a decisão era tomada pela figura paterna, homem de opinião firme e conservadora. Era comum, segundo Walnizia, o sábado à tarde ser acompanhado pelo vaivém de candangos rumo ao local, desencadeador de sentimentos diversos nos moradores locais:

“O lugar certo para isso (para a diversão) chamava-se Alto da Mercedes. Mercedes não indicava o nome de uma mulher, mas de uma grande placa da Mercedes-Benz fincada no final da Cidade Livre, depois da linha do trem. Lá era o paraíso masculino, onde se aglomeravam os barracos das mulheres de vestidos de tule colorido e batons vistosos. Andavam de charretes ou jardineiras e atraíam a atenção de todos. Chamavam-nas “mulheres de vida fácil”. Fácil? Claro que não” (...) “As famílias que moravam nas proximidades se recolhiam em suas casas. Era melhor ter cautela. Muitas vezes acordávamos no meio da noite com gritos e estampidos de arma de fogo.”<sup>73</sup>

De fato, o lazer na Cidade Livre nesse viés de procura por mulheres e vida boêmia, aparece em vários depoimentos. Lembro, inclusive, que nos depoimentos por mim selecionados na pesquisa *Candangos: o lugar da classe operária na construção da sociedade brasileira*, citado na introdução, relatos análogos aparecem. Os estampidos ouvidos por Walnizia podem ser entendidos como parte desse processo de disputa que eram envolvidos os homens e que transformava a Placa da Mercedes em um local de conflitos. A pesquisa feita para o ensaio encontra um recenseamento feito em 1959, contido na dissertação de Paula Francinetti da Silva, defendida em 1994 no Departamento de História da UnB para a obtenção do título de Mestre, que apresentava o percentual de 930 mulheres para cada 1.000 homens, uma média equilibrada, diferente da encontrada nos acampamentos, onde a média era de 179 para cada 1.000 homens<sup>74</sup>.

Esse recenseamento ilustra a motivação que levou tantos homens à Cidade Livre nas horas de folga. Era, certamente, o local de maior povoação feminina no Distrito Federal. No

72 – SANTOS, Walnizia. *A cor da minha vida*. Goiânia: R&F, 2009.

73 – Idem, p. 20.

74 – SILVA, Paula Francinetti da. *Cotidiano e política: a vida social e a intervenção policial durante a construção de Brasília*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da UnB, novembro, 1994.

entanto, tal percentual não foi confirmado em nenhum dos depoimentos acessados. Pelo contrário, todos relatam a ausência da figura feminina, sobretudo na socialidade da rua. Contudo, resta uma informação que bem pode explicar a diferença entre o Censo e os relatos. A preocupação com a moralidade da mulher era evidente, e a conduta satisfatória consistia em assumir as tarefas domésticas, o zelo pelo marido e conduzir-se de maneira adequada aos padrões de moral e bom costume vigentes. A não aceitação dessa regra acarretaria em atitudes policiais, resultando até mesmo na expulsão da cidade. Qualquer desvio de conduta poderia resultar em uma queixa policial. Havia uma preocupação com as mocinhas, que eram frequentemente desencorajadas a sair nas ruas, principalmente à noite, o cuidado com os estupros, que não eram caso raro, e que representariam a essas moças uma desgraça para o resto da vida. Há o depoimento de Agenor Gomes, fotógrafo requisitado para fotografar momentos importantes da história de Brasília, que, obrigado pelo ambiente que se formou pela escassez da figura feminina, levava a sua esposa onde quer que fosse, de dia ou à noite: “Era perigoso deixá-la sozinha em casa”<sup>75</sup>. Desse modo, restavam à rua as mulheres que, movidas pelo apelo financeiro, povoavam as casas de pensão, oriundas principalmente de cidades do interior de Goiás e Minas, o que não faziam delas, caracteristicamente, moradoras da Cidade Livre. Almino reforça essa impressão, citando um Censo feito dois anos antes do citado por Silva, em uma situação bem mais alinhada aos relatos:

“Meus ouvidos de criança estavam atentos às histórias desse mercado sexual, e me lembro que quando saiu o censo de 1957, papai se queixou de que, para cada três homens, havia apenas duas mulheres na Cidade Livre, nessa conta entrando certamente as prostitutas residentes, embora muitas viessem apenas para noitadas de trabalho, voltando para suas cidades de origem, Formosa ou Luziânia.”<sup>76</sup>

(47

A desproporcional conta feita por João pode ser atestada por quem ali esteve para contar uma insólita história de como as relações sociais modificam-se de acordo com a ocasião e, por consequência, a necessidade. Carlitos continua a relatar suas andanças pela cidade, sua busca pelo lazer e pelo sexo oposto:

“Me lembro muito bem, e nós saíamos da Vila Amaury às 5 horas da manhã à pé, chegávamos aqui na Cidade Livre de 8 para 9 horas da manhã. Seguíamos para esse local por nome zona boêmia e muitas vezes eu peguei fila, me lembro uma vez eu era o 5º da fila e não conhecia a mulher, ninguém sabia qual a mulher que estava no quarto, pagava adiantado Cr\$ 200,00 e não sabia, entrava um, cinco minutos saía, outro, estou contando a realidade. Isto aconteceu várias vezes aqui.”<sup>77</sup>

75 – FARIA, Agenor Gomes de. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1994. 21p.

76 – ALMINO, João... op. cit., p. 111.

77 – RODRIGUES, Carlitos Alves... op. cit. p. 6.

Outro narrador, o senhor Vonges Rosa, relata-nos parte dessa aventura para conseguir uma mulher, o movimento da música ao vivo, notadamente o forró, gênero que prevalecia num mundo onde os nordestinos eram maioria:

“Mais era nordestino, maranhense, baiano, cearense, isso é que predominava, mineiro também tinha bastante. (...) Ah, era barraco em cima de barraco, poeira, bar, nós tínhamos um bar Maracangalha, era famoso na época, só tinha ele também, era música ao vivo dia e noite, uma poeira que fazia medo, e era homem, homem, mulher a gente contava na época, 56,57,58 contava as mulheres, mais era homem mesmo, era bagunça, poeira, gente trabalhando, correndo, a vida era trabalhar, mais nada.”<sup>78</sup>

Nesta pesquisa pude verificar que no exercício de lembrar um tempo passado, os narradores trazem à tona sentidos diversos de um mesmo fato ocorrido, ou seja, desenham e redesenham variadas representações. Associado ao simbólico, o imaginário é pensado como um sistema de ideias que dá significado à realidade. Funciona, dessa maneira, como uma representação constituída a partir da linguagem e da interpretação. Nas memórias de Walnizia, ainda criança, a *Placa da Mercedes* era um lugar mítico, fabuloso, onde mulheres vestiam-se de modo chamativo e ouvia-se música boêmia, e bem por isso, ela não poderia ir sob hipótese alguma. Mítico, intrigante e violento, pois se ouvia os disparos e conflitos de dentro de casa. Para os senhores Vonges e Carlitos, constituía-se numa fonte de entretenimento, a busca pelo aconchego, pelo sexo oposto.

48 )



Registro de um incêndio na Cidade Livre, 1960

78 – ROSA, Vonges. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 19p.

Não há propriamente uma única interpretação do passado, pois, conforme Jelin,<sup>79</sup> as memórias se constroem em cenários de confrontação e lutas entre atores e narrativas contrastantes. Os moradores da Cidade Livre têm narrativas que em alguns momentos contrastam sobre vários pontos de sua história. Em outros momentos, fazem o encontro possível entre história e temporalidades, projetando através da memória um imaginário tangível, que remonta ao cotidiano da época, com sua poeira vermelha e seus barracos de madeira.

#### 1.4.2 *A cada incêndio, um recomeço*

A principal característica da Cidade Livre, sempre lembrada nos depoimentos, era, certamente, o seu aspecto de “faroeste”. A paisagem, constituída de “barraco em cima de barraco”, todos pintados de tinta óleo, favorecia os incêndios e sua presença assustadora, com um vasto poder de destruição. Em 10, 15 minutos destruíam tudo o que alcançavam. Esse fato triste acabou por desencadear um espírito de solidariedade entre os moradores. Era fato corriqueiro as pessoas levantarem de madrugada, a fim de ajudar na árdua tarefa de apagar os gigantescos incêndios.

“O clima muito seco, eram todos barraquinhos bonitinhos pintados, a tinta ajudava muito, e a falta de cuidado. Pelo menos esses do ano de 60, dizem que foi a empregada que deixou a vela acesa em cima da mesa e queimou cento e tantos barracos, nessa época como eu disse, morava na segunda avenida, no 475, queimava por um lado como pelo outro. (...) Tinha corpo de bombeiro no Plano Piloto, mas não dava tempo porque no mês de setembro com aquela sequidão, então queimou mesmo, mas não morria ninguém só... acabava com o que a pessoa tinha. Principalmente aqui no Núcleo Bandeirante, que era de madeira, tinha dessas casas que era tudo barraco. O Plano Piloto não tinha incêndio que já eram casas definitivas, mas aqui era tudo barraco. Então nesse incêndio que teve na nossa casa, a GEB nos ajudou muito, tinha uns rapazes que eram vizinhos nossos e eles eram da GEB”<sup>80</sup>

Um episódio como o relatado por Dona Else deixa marcas profundas, mas destaca também a amizade desenvolvida em torno de fatos tão tristes. A socialidade feita em torno de tarefas difíceis e momentos conturbados, fez nascer um ambiente propício para a construção de uma identidade comum àquelas pessoas. Conforme Hall<sup>81</sup> observa, as identidades, como uma obra sempre inacabada, um processo em andamento, são construídas através de sentidos contidos nas estórias sobre um determinado lugar, memórias conectadas pelo presente e pelo passado e as imagens construídas a partir dessa vivência. As imagens construídas sobre os incêndios bem que poderiam remeter às dificuldades, no entanto, a despeito disso, percebe-se nos depoimentos que nessas ocasiões encontrava-se nas pessoas próximas a ajuda necessária que, se não

79 – JELIN In: GUERIN, Mariangeles, *Memória e conformação da identidade nos integrantes dos movimentos de “Madres y Abuelas de Plaza de Mayo”*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Departamento de História, 2009.

80 – HAINE, Else Pereira... op. cit.17.

81 – HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Op. cit.



Escombros resultantes de incêndio na Cidade Livre, 1960

evitava a total destruição pelo fogo, possibilitava a reconstrução do patrimônio. Agenor Gomes, conta como, a cada incêndio, era obrigado a novo recomeço:

50 )

“E na Cidade Livre logo começou os incêndios, teve o primeiro incêndio que destruiu o Banco Nacional, aquilo em 10, 15 minutos queimava tudo porque era tábua pintada e seca, do banco só sobrou o caixa-forte, eu tenho as fotos também, em seguida teve o incêndio no estabelecimento Bela Vista, que era ao lado da minha lojinha. Por força do destino o fogo veio até a parede do meu estabelecimento, fez um círculo, desceu queimando o outro, só sobrou o meu lá, foi a mão divina, porque era tudo tábua, queimou a parte até em cima, nesse local estragou várias mercadoria porque já tinha o Corpo de Bombeiro precariamente, mas eles se protegiam ali para poder combater o fogo do outro lugar, então ali molhou e estragou muita mercadoria, mas a lojinha ficou em pé. Depois vieram outros incêndio, que destruiu muita coisa. Para construir tinha que ser longe uma da outra três metros de distância, mas depois foi havendo as invasõezinhas que o caboclo ligava tudo, então quando havia um incêndio era difícil de controlar porque era muito rápido.”<sup>82</sup>

Não consegui contato com o senhor Vonges Rosa, o que impossibilitou ter acesso a tais fotos, mas há uma passagem no livro de Walnizia dos Santos sobre os incêndios que permite vislumbrar um pouco dessa socialidade. Dono da Relojoaria *Hora Certa*, na Avenida Central, o pai da autora era assombrado pela perspectiva de perder seu patrimônio destruído pelas chamas. Ainda criança, a imagem que lhe permanece é de ajuda mútua e de reconstrução:

82 – FARIA, Agenor Alves. ... Op. cit. p. 11.





Destruição causada por incêndio na Cidade Livre, 1960

“Papai nos acordava de madrugada, às vezes. Corríamos no escuro com baldes e latas até a mina e trazíamos água para jogar nas paredes externas da casa, para o fogo não pular. Nosso barraco permaneceu intacto, mas voltar a pegar no sono depois do susto era muito difícil. (...) Lembro-me de uma madrugada em que alguém avisou papai de um incêndio na Avenida Central, próximo à relojoaria: ele me chamou para acompanhá-lo. Corremos pela rua e, de longe, vimos o clarão das chamas. Eu corria ligeiro, buscando nivelar meu passo ao dele. (...) Quando chegamos ao local, só havia fogo e fumaça. Das poucas coisas que restaram, foram salvos o balcão de madeira no qual papai consertava relógios e uma vassoura. A reconstrução foi difícil. Como as demais”.<sup>83</sup>

(51



Moradores em volta de escombros de um incêndio, 1960

83 – SANTOS, Walnizia dos. *A cor da minha vida...* op. cit. p. 26.

Há uma discussão sobre a origem dos incêndios na Cidade Livre. Farei então um balizamento temporal para o maior entendimento desses eventos. Até a inauguração de Brasília, onde ocorreram vários grandes incêndios, chamarei de Primeiro Período, a partir da inauguração, onde a pressão pela mudança se acentuou e os incêndios continuaram a ocorrer, chamarei Segundo Período, e, finalmente, após a fixação da cidade e transformação em Núcleo Bandeirante, onde os incêndios tornaram-se escassos, Terceiro Período.

Assim, os incêndios ocorridos no início da Cidade Livre no Primeiro Período eram atribuídos à disposição espacial da cidade, aos barracos muito juntos, à falta de cuidado dos moradores, às paredes pintadas de tinta óleo e à sequidão comum no Planalto Central. Dona Else relata um incêndio gigantesco que queimou muitos barracos na Av. Central, talvez o mesmo que destruiu a relojoaria *Hora Certa*, citado por Walnizia Santos. Boatos de origem premeditada desses incêndios existiam, mas na maioria dos relatos eles foram descartados.

O Segundo Período foi o período de maior turbulência na Cidade Livre. Devido a iniciativa do governo em incentivar a remoção da cidade para a Asa Norte e outros locais, o que ocasionou a formação de uma resistência que seria responsável pela fixação da cidade, os incêndios ocorridos neste período eram atribuídos aos agentes do governo, responsáveis pela remoção. Nesse período, com balizamento temporal entre a inauguração da cidade e eventos que a antecederam, a própria prefeitura de Brasília era citada como a mentora de tais eventos.

52 ) É imperativo afirmar que os eventos políticos que fizeram da história da Cidade Livre um capítulo importante na história de Brasília trazem em seu bojo a marca das aventuras contidas em sagas e epopéias. Procurar a verdade sobre os incêndios ocorridos na cidade não é certamente o propósito desta pesquisa. Os relatos de Dona Else e Walnizia Santos podem não acompanhar a veracidade dos acontecimentos, pois, é notório que crianças são sempre incitadas a um imaginário distante da política. Conforme a leitura de Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, no processo de releitura do passado é impossível que o adulto atinja o mesmo estado emocional do momento lembrado. Sem se deter nos detalhes que se deteve quando criança, o adulto não consegue ressentir a mesma experiência, devido ser possuidor de um senso crítico que o faz distinguir a realidade da fantasia<sup>84</sup>. Seu Vonges e Seu Agenor, já adultos nessa época, também atribuíram a maioria dos incêndios aos aspectos físicos da cidade. No entanto, não descartaram que, no tenso momento da luta pela fixação da cidade, os incêndios fossem utilizados como artifícios da prefeitura, na intenção de “incentivar” a mudança para a Asa Norte, Taguatinga e, posteriormente, Ceilândia.

Vale insistir que a existência de discursos divergentes sobre um mesmo passado, pode ser entendida através da noção de representação. Aprende-se, por exemplo, com, Chartier<sup>85</sup>, que o representacional delinea a maneira pela qual indivíduos ou grupos se percebem e percebem a realidade que os cerca, assim, como ela é ou como a representam. Afinal, os homens fazem história, mas somente sob as condições que lhe são dadas. A convicção que o indivíduo tem de si e de sua história, faz

84 – BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

85 – CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações...* Op. cit.

com que a “represente”, ou “apresente de novo” da maneira que o próprio “lê o mundo”.

### ***1.5 O Movimento Pró-Fixação do Núcleo Bandeirante: o esforço comum como vetor da identidade em construção***

“Ninguém já chamava a Cidade Livre de Cidade Livre, e o Núcleo Bandeirante já havia se transformado em cidade-satélite como as muitas outras”.<sup>86</sup>

Segundo Bauman<sup>87</sup>, as comunidades são definidas por uma entidade que perpassam por hábitos e crenças, *costumes em comum* (grifo meu) presentes em seu mais profundo entendimento: a identidade. A crise da identidade, apresentada em seus contornos mais específicos por Hall<sup>88</sup>, com seus deslocamentos e fragmentações, instala uma mudança estrutural que transforma a sociedade moderna no final do século XX. O impacto da globalização na modernidade tardia caracterizou uma busca na aparência, onde os eixos centrais são deslocados e as identidades fragmentadas. Fragmentadas, as identidades, que são sistemas de representação cultural baseadas numa relação de alteridade, mediadas por valores, sentidos e símbolos - a cultura - delineiam uma noção do sujeito formado num contínuo diálogo com os mundos culturais exteriores. A noção de uma identidade fixa e imutável, pensada por Descartes e que fundamentou a formação das identidades nacionais, é fragilizada pela sucessão de acontecimentos e transformações da sociedade do século XX, assim, as identidades híbridas tomam lugar das identidades nacionais, em franco declínio. Como Freud teorizou<sup>89</sup>, as nossas identidades, assim como nossa sexualidade, são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, numa lógica diversa do sujeito com uma identidade fixa e unificada, racional e única, proposta por Descartes.

Os habitantes da Cidade Livre, provenientes dos mais diversos locais do Brasil, e até mesmo do exterior, mostraram, desde o início, uma organização em torno de objetivos em comum junto à comunidade, ao tempo em que, mesmo sem intenção, construíam um sentimento de pertença com o local onde se encontravam. Inicialmente, o caráter provisório da cidade era admitido por seus habitantes. No entanto, o processo desenvolvido na busca pela habitação, a ajuda mútua entre os vizinhos, em ocasiões como os incêndios, fizeram aflorar uma dinâmica específica de uma cidade. Alguns relatos observados, inclusive na entrevista feita com Walnizia Santos, mostram um cotidiano de amizade: “quem chegava era recebido logo com ajuda para descer a mudança”, “as mulheres já pegavam os meninos, davam banho, passavam café, enquanto os homens se prontificavam para ajudar a construir o barraco”.

A primeira organização oficial foi promovida a partir da cobrança de tributos por parte do Estado de Goiás. Com o povoamento ainda sob sua jurisdição, o Governo do Estado de Goiás resolveu cobrar tributos ao empresariado existente na Cidade Livre. Dessa forma, com o apoio

86 – ALMINO, João... op. cit. p. 205.

87 – BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

88 – HALL, Stuart. Op. cit. p. 16.

89 – Idem, p. 17.

da Novacap, os comerciantes da Cidade Livre tomaram a iniciativa de formar a Associação Comercial de Brasília e conseguiram na justiça a isenção dos impostos fiscais, tornando o local atrativo para prática do comércio.

Com a inauguração de Brasília, os boatos da desmontagem da Cidade Livre ganhavam significativas proporções. Os comerciantes resistiam à ideia, pois, enquanto o Plano Piloto era ainda um local isolado, desprovido de um mercado que sustentasse suas atividades comerciais, na Cidade Livre havia uma grande quantidade de consumidores, inclusive das invasões que se aglomeravam em seu entorno. Após a inauguração da Capital, as pressões visando à desocupação se intensificaram. Como maneira de continuar suas atividades comerciais, os empresários se mobilizaram e por meio de uma Associação Comercial, procuraram ampliar sua base de organização para patrocinar todos os moradores.

Nessa época, o local já era chamado por seus habitantes de Núcleo Bandeirante, e começava a se articular, talvez a organização mais proeminente no que diz respeito à luta pela fixação do local como cidade-satélite<sup>90</sup> de Brasília, o Movimento de Pró-Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante. O mineiro Jorge Cauhy participou ativamente do Movimento de Pró-Fixação, em seu depoimento relatou como a ambiguidade do presidente Juscelino, que ora mostrava-se a favor, ora contra, alavancou a organização do movimento que visava a fixação da cidade. Essa indecisão de Juscelino foi abordada também por Ribeiro: “Juscelino assume uma posição ambígua: por um lado fez declarações favoráveis e recebeu lideranças como que apoiá-las, por outro, terminou o mandato sem resolver a questão da fixação<sup>91</sup>”.

Os habitantes não se conformavam com a ideia de que a cidade iria acabar, e organizados, lutaram pela fixação. Aqui, início o diálogo com Baumann, filósofo que afirma que a identidade é certamente vista como um objetivo, resultado de um esforço:

“Como uma coisa que ainda precisa se construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, suprimida e laboriosamente oculta”<sup>92</sup>

Ainda segundo o filósofo, a procura pela identidade só pode ser iniciada se há uma perda ou uma mudança. No caso dos habitantes do Núcleo, há a ameaça da perda da moradia. Entendo que os habitantes do Núcleo exerceram força e esforço, ainda que sem a intenção, não só na busca pelo direito ao local onde estavam inseridos, mas também pela própria identidade, formada pelas relações sociais promovidas naquele local.

90 – Cidades-satélites eram as áreas urbanas pertencentes ao Distrito Federal, que não se localizavam na parte central (Plano Piloto) de Brasília. Essa denominação é usada em todo o país. O município é o limite máximo da cidade, correspondendo para cada cidade um município, e vice-versa. Quando um povoamento ganha o status de município, passa a também ser chamado de cidade, independente da sua população. Porém, o artigo 32º da Constituição Brasileira veda a divisão do Distrito Federal em municípios. Os núcleos urbanos em volta de Brasília são então chamados de cidades-satélites para se deixar claro que têm condições análogas às de quaisquer outras cidades do território nacional, embora administrativamente sejam diferentes. Em 10/12/1964, através da Lei 4.545, art. 31, foram criadas as 8 (oito) primeiras Regiões Administrativas (R.A.), termo pelo qual ficou conhecidas as cidades-satélites de Brasília, desde então. In: Apostila *Distrito Federal, seu povo, sua história*.

91 – RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança*. Op. Cit. p. 253.

92 – BAUMAN, Zygmunt. *Identidade...* op. cit. p. 22.

De caráter pluriclassista, unitário e homogêneo, o movimento notabilizou-se por reunir pessoas de diferentes classes sociais em torno de um objetivo comum:

“Em 1961, muito amigo do Garcia Neto trabalhava de pedreiro naquela época, foi uma luta. Eu, Garcia, Valdemar e o italiano, levamos muita carreira, fazíamos muita reunião até que um dia o Breno da Silveira fez o projeto a Lei hoje é 4.020 ou é 1.020”.

Pluripartidário, o movimento conseguiu desenvolver uma estratégia para que os moradores buscassem apoio de deputados e senadores de seus estados de origem.

Inicialmente, o então candidato à presidência, Jânio Quadros, mostrava-se a favor da fixação. No entanto, a vitória na eleição o fez declinar de algumas posições. Com base na sustentação legal que os contratos assinados em regime de comodato previam, a Prefeitura da Brasília iniciou as ações de remanejamento de comerciantes e moradores logo após a sua vitória. Embora, enquanto candidato aprovasse a fixação e tivesse feito algumas promessas de melhorar a cidade, o governo de Jânio destacou-se pela insistente pressão e tentativa de controle e remoção dos moradores das invasões para as cidades de Taguatinga e Gama, já inauguradas. O grande número de incêndios na época era visto por pessoas que viveram ali como criminosos. Seria uma tentativa, no entendimento de muitos, de enfraquecer o movimento, que a cada dia engrossava suas fileiras<sup>93</sup>.

Da contradição janista nasceu o movimento que contava com a liderança quase natural de Garcia Neto. Pacífico, mas com uma organização invejável, o movimento chegou a contar com vários departamentos, como o de relações públicas, o cultural e, inclusive, um departamento de propaganda que realizava filmes sobre as manifestações de massa que patrocinava. Estes filmes constituíram-se numa importante ferramenta de *marketing*, pois eram projetados em praça pública para discussão e manutenção da mobilização<sup>94</sup>.

O movimento era pró-ativo e auto-organizado, persistindo para o surgimento da consciência do “nosso”. As reuniões eram ponto de encontro político, com o claro uso da demo-

O movimento era pró-ativo e auto-organizado, persistindo para o surgimento da consciência do “nosso”. As reuniões eram ponto de encontro político, com o claro uso da demo-



Homenagem à Garcia Neto, o principal incentivador da fixação do Núcleo Bandeirante

93 – SOUSA, Nair Heloisa Bicalho de. Op. Cit...  
94 – RIBEIRO, Gustavo Lins...Op. Cit. p. 255.



cracia como forma de socialização. Na busca por defender seu terreno, a mobilização dos moradores foi quase total, congregando donas de casa, hoteleiros, professores, comerciantes, trabalhadores braçais, estudantes e trabalhadores do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria, Construção Civil e Imobiliária de Brasília. Lançando mão de diferentes estratégias de pressão, desde a propaganda explícita e comícios com a presença de políticos à manutenção de uma creche que abrigava crianças e curso de alfabetização<sup>95</sup>.

Daqueles que participaram do Movimento, um sentimento de orgulho em ter compartilhado de um evento tão emblemático da história de Brasília:

“Núcleo Bandeirante, é... um núcleo dos bandeirantes é como foi dado o nome, para que ali os pioneiros de Brasília estivessem então com o nome de Núcleo Bandeirante, a formação da cidade, e foi quando nós lutamos para a fixação, ela foi muito difícil, quando falei a Lei 4.020, porque houve uma resistência muito grande para a retirada daquilo lá, então juntamos Joaquim Garcia Neto, Breno da Silveira, um deputado federal, fui secretário dessa comissão e nós batíamos no Congresso Nacional e lutamos até que a Câmara Federal aprovou a Lei 4.020 fixando o Núcleo Bandeirante.”<sup>96</sup>

A renúncia de Jânio Quadros deixou em suspenso a situação do Núcleo. Simpático ao direito de fixação do Núcleo, o agora presidente João Goulart esperava no apoio ao movimento, arregimentar adesões à sua frágil base governista. Com a manifestação pró-fixação de Jango, os parlamentares, na liderança do Deputado Breno da Silveira, aprovaram o projeto de Lei 4.020, de 20/12/1961, que ratificou a fixação do Núcleo Bandeirante como satélite de Brasília. A partir de então, o Movimento passou a lutar pela implantação de infra-estrutura necessária a uma cidade: água, luz, esgoto, pavimentação, etc.

A aprovação do projeto de fixação deu-se após muita luta no Congresso, o que fez crescer entre os participantes laços pessoais fortes e solidariedade mútua, como uma forma de sobrevivência. O final veio em 1964, com o advento do golpe militar, onde as reuniões populares de caráter reivindicativo passaram a ser mal vistas e perseguidas pelo governo instaurado. O Movimento deixou raízes entre os militantes e criou laços entre os moradores. Mesmo com o crescimento da cidade, manteve-se essa identidade inicial, forjada na memória de um passado de luta.

Em 1964, através da Lei nº 4.545, de 10 de dezembro, o Núcleo Bandeirante passou a integrar a Região Administrativa de Brasília, incluindo-se também nesta área a atual Região Administrativa da Candangolândia. A infra-estrutura da cidade acabou implantada ao longo da década de 60, quando pouco a pouco, os barracos de madeira, maioria absoluta, foram substituídos por construções em alvenaria. Em 25/10/1989, através da Lei nº 049, o Núcleo constituiu-se na Região Administrativa VIII, nomenclatura usada atualmente.

95 – [www.bandeirante.df.gov.br](http://www.bandeirante.df.gov.br). Acesso em , 22/08/2010, às 15:30 h.

96 – JÚNIOR, Jorge Cauhy. *Depoimento – Programa de História Oral*. Arquivo Público do Distrito Federal, 2000, 17p, p. 11.

(...)

Sobrecarregado de identidades, por vezes contraditórias, o homem moderno está inserido numa existência individual fragmentada numa sucessão de episódios fragilmente conectados. O candango, habitante da Cidade Livre, ao lutar pelo direito de moradia, intencionava estar em casa, sem saber se o conseguiria, mesmo no futuro com a fixação da cidade. Os relatos obtidos mostram que o Núcleo Bandeirante sofreu uma espécie de represália por parte das autoridades. A infra-estrutura tardou a chegar, mesmo após a fixação, ou talvez por isso. O candango, habitante do Núcleo, não vê sua cidade como “localidade estranha”, não planejada no minucioso tratado previsto pelos idealizadores da cidade. No entanto, após a fixação, o Núcleo viveu dias de esquecimento, com as autoridades voltando suas iniciativas na criação e implantação de outras cidades como Ceilândia e Sobradinho. Waldemar Magalhães, um dos narradores que permitiram a organização desses dilemas, evidencia que a luta no Núcleo Bandeirante não terminou, de forma alguma, quando da fixação e posterior transformação em “cidade-satélite”:

“(...) Porque eles não queriam o Bandeirante, mas veja bem, já tinha começado Sobradinho, Taguatinga, nós achamos que não era possível, se podia fazer outra satélite então porque não fazer a que já estava pronta? Era só dar melhoramento, já tinha infra-estrutura, então foi que a gente bateu duro nessa tecla e saímos vencedores.”<sup>97</sup>

( 57

As sequências discursivas selecionadas para o presente capítulo poderiam se multiplicar, tamanha a riqueza da fonte documental nos diversos espaços discursivos que a integram. Mas é preciso prosseguir com a tarefa acadêmica que propus. Afinal, nestas minhas andanças e lida com as fontes percebo-me mais ou menos como o menino narrador da obra romanesca, identificado como “guia daquela Cidade Livre”<sup>98</sup>.

Assim, é preciso prosseguir para nas páginas que se seguem, pensar em modalizações outras, da ambiência do Núcleo Bandeirante, daquele tempo. Como se divertiam? E o trabalho? As profissões? O lazer? E as refeições?

Impossível dar respostas totais a estas e a tantas outras perguntas, mas enfrento o desafio e convido os possíveis que percorrem comigo esta espécie de *flanerie* entre a Cidade Livre e o Núcleo Bandeirante.

97 – MAGALHÃES, Waldemar Alves de. Op. cit. p.19

98 – ALMINO, João. Op.cit. p. 41.

## Capítulo II

### 2. Cidade Livre: Memórias personagens, temas e situações

#### 2.1 Memórias, narrativa oral e configurações identitárias: uma breve incursão

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

**Jacques Le Goff<sup>99</sup>**

A produção cada vez mais significativa de reflexões sobre a complexidade e diversidade das questões que abordam a memória fornece suporte para a lida com objetos que, como no caso desta pesquisa, estreitam o diálogo entre Clio e Mnemosine.

Temas como a construção de Brasília, episódio que deflagra um grande fluxo migratório para o centro do país, e muda o “eixo de desenvolvimento nacional”<sup>100</sup>, trazendo para o Centro-Oeste os “holofotes” anteriormente voltados para a vida no litoral, são cada vez mais vistos como objetos de estudo de projetos de pesquisa e livros. Um grande desafio consiste na tarefa de reconstituir testemunhos e histórias de vida das pessoas que fizeram possível tal feito, privilegiando as fontes orais. A estes desafios, somam-se as questões pertinentes à interdisciplinaridade, ao fascínio que a memória traduzida em História impõe aos pesquisadores e os limites e perspectivas da pesquisa histórica no Tempo Presente. Não desconhecendo as dificuldades que enfrentaria, optei por recortar Brasília no viés da Cidade Livre, valendo-me da memória com suporte fundamental do meu trabalho. Neste 2º capítulo, também distribuído em itens, reservo a primeira parte para um sobrevôo sobre referenciais que alicerçam a dissertação.

Entendo como essencial para a pesquisa, traçar pressupostos a partir das noções de memória e identidade que permitam entender a Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, como um local que alçou da provisoriedade para um lugar de conformação identitária, construída e retransmitida no decorrer da construção de Brasília e ressignificadas no Tempo Presente em modos, tradições e experiências, ainda encontradas hoje no Núcleo, que denotam uma identidade brasiliense em cambiantes reconfigurações.

Não se trata de traçar uma análise exaustiva sobre as noções citadas ou autores que se ocupam de tais temas, mas lançar luzes em alguns conceitos e ideias fundamentais em algumas pesquisas, que me permitem utilizá-las como ferramentas analíticas para a compreensão do campo e objeto de estudo destacados na pesquisa. Inscreve-se no rol de tarefas para o historiador, o uso de metodologias que possam ajudar na complexa recomposição do tecido social.

99 – LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p. 477.

100 – SILVA, Hélio Mendes da. *Candangos: o lugar da classe operária na construção da sociedade brasiliense*. Departamento de História – União Pioneira de Integração Social – UPIIS.

Escolha historiográfica que se refere aos testemunhos orais, objeto de estudo desta pesquisa, a História Oral se sustenta na coleta de depoimentos, decodificação e análise de entrevistas e uso (ou não) de questionários pré-direcionados. Enfim, os aspectos referentes a esse *modo de fazer*<sup>101</sup>, mais se referem a ‘métodos e técnicas’ do que a ‘aspectos teóricos’. Como função primordial na produção de conhecimentos que tem como método a história oral, o registro, através de relatos de experiências, das versões de diferentes personagens históricos sobre sua vida e sua participação no contexto histórico abordado. Conforme destaca Delgado:

“Ao registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou o historiador e os demais profissionais vinculados a pesquisas que utilizam a metodologia da história oral fazem dos testemunhos recolhidos *fontes de imortalidade* – documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos, que ficarão arquivados como registros vivos da multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência.”<sup>102</sup>

Ainda de acordo com a historiadora, ao gravar um depoimento de história de vida ou uma entrevista temática, o pesquisador, está de forma deliberada, inscrevendo-se no processo de registro do passado e produção de documentos sobre ele.

Norteados pela história oral, projetos ao abrigo desta opção buscam orientar o processo de recordação desses sujeitos da história, coletando nos depoimentos as experiências vividas individualmente ou em coletividade. A memória, entendida como fator fundamental na formação de identidade e de suporte dos sujeitos coletivos, apresenta-se também, com uma importante função na preservação das experiências históricas, acumuladas no transcorrer do tempo, juntamente com os valores e tradições acumuladas em uma vida em comunidade.

Na profusão de documentos produzidos sobre a história de Brasília, e especialmente, aqueles que têm como suporte principal, as fontes orais, destaca-se, a partir da perspectiva desenvolvida em minha pesquisa, o trabalho de Edson Beú, *Os Filhos dos Candangos*<sup>103</sup>, apresentado ao PPGHIS- UnB, para obtenção do título de Mestre em História. Na dissertação, o autor teve como objetivo, a partir de depoimentos colhidos, analisar os efeitos que a experiência dos candangos tiveram na construção da identidade dos filhos. A pesquisa, feita a partir de depoimentos trabalhados à luz da Análise do Discurso, demonstrou um contexto pontuado de memórias que remete à trajetória dos trabalhadores que construíram Brasília, movidos por um sonho de uma vida melhor, seguida por inúmeras adversidades, num cenário de perdas, ganhos e rupturas que envolvem a dimensão cultural e material. Os narradores são em sua grande maioria, ex-moradores da Vila do IAPI e seus filhos, citada no primeiro capítulo desta dissertação, que, em 1971, foram removidos para o a recém-criada cidade de Ceilândia.

101 – BARROS, José D’Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

102 – DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. cit. p.13

103 – BEÚ, Edson Luiz. *Filhos de Candangos: Exclusão e Identidades*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Brasília, 2007. 139 p.

Como reflexões conclusivas das análises desses depoimentos, o ressentimento latente dos filhos dos candangos, que se sentem excluídos sócio-espacialmente da cidade que os pais construíram. Entendem que a diversidade cultural existente em Brasília, dela faz uma cidade sem identidade própria.

Beú evoca a reflexão de Gilberto Freyre, e coloca Brasília como síntese de culturas diversificadas, o que produziria uma geração “verdadeiramente brasileira”, fruto da intensa miscigenação encontrada em solo brasiliense. No último capítulo de sua dissertação, Beú encontra na fala dos entrevistados a síntese, no viés gastronômico, de uma “geração verdadeiramente brasileira”. Vale a pena transcrever a fala do narrador:

“Conforme muito apropriadamente observou Dorisvaldo<sup>104</sup>, curso superior completo, policial militar e filho de goianos, enquanto o gaúcho assa o churrasco, o carioca cozinha a feijoada, o baiano se identifica com o acarajé, o mineiro saboreia o tutu de feijão, o paraense louva o pato no tucupi, o nordestino enche a boca pela carne de sol, o brasiliense ainda não tem o prato que serve como “marcador simbólico” de seu cardápio”.<sup>105</sup>

A ausência de um marcador simbólico que corresponda a uma identidade gastronômica é o fato que corrobora, nas falas dos narradores de Beú, a idéia da falta de uma identidade própria. No entanto, a identidade brasiliense, em constante processo de formação, pode ser pensada sob o prisma da diversidade regional, principal característica do início da cidade, que se estende até os dias atuais. O Núcleo Bandeirante é o lugar onde estas memórias se cruzam, reminiscências dos lugares de origem que se transformam em modos de cozinhar, modos de agir e modos de ver o mundo. A formação de uma identidade tipicamente brasiliense é possível a partir da observação dos hábitos, costumes em comum que, em uma época, carregavam uma regionalidade, mas que aqui foram ressignificados e se tornaram parte do código local.

Considerando a função social da memória como suporte de identidades coletivas, trabalhos como o de Beú legitimam a busca por uma dimensão da História de Brasília vinculada às lembranças dos trabalhadores, pessoas comuns. Confere com o papel do historiador, criar condições visando estimular o registro de tal dimensão, calcada na memória dos grupos que fizeram possível a mudança da capital para o Planalto. As memórias individuais dos candangos inscrevem-se numa memória mais ampla, própria de um uma coletividade, e trazem, além dos pratos regionais, o modo de falar, de vestir, de educar os filhos, de viver em sociedade.

Existem diferenças no ato de lembrar, pois quem recorda não é o grupo, e sim o indivíduo. Cada pessoa se remete ao passado de forma diferente, e enquanto que as lembranças, apoiadas uma nas outras, não se processam de modo uniforme, ocasionando uma variação de intensidade a cada uma delas. A memória está submetida a flutuações e mudanças. Há uma combinação

104 – Um de seus entrevistados.

105 – BEÚ, Edson Luiz. Op. cit.p.121.



de influências que são todas de natureza social. Não esquecendo a natureza individual do ato de recordar, é no contexto social onde se dão as lembranças.

Maurice Halbwachs foi o primeiro a pensar a memória inserida no quadro social e desvinculando-a de uma experiência individual. Em sua obra *A Memória Coletiva*, publicada postumamente em 1950, o sociólogo aponta que as memórias individuais estão contidas na memória coletiva, no entanto, as mesmas não se confundem<sup>106</sup>. Mesmo que invadam, invariavelmente, a memória coletiva, as lembranças individuais são modificadas a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. Os indivíduos, a partir de sua visão, lembram-se, mas enquanto integrantes de um grupo. Lembrar é trazer ao presente um passado produzido e reproduzido socialmente, que teria como função manter a coesão e união de uma determinada sociedade.

Como construção intelectual e psíquica que representa seletivamente o passado, a memória é, no primeiro sentido, a presença do passado, no presente. A partir da perspectiva de Halbwachs, essa representação do passado nunca é somente de um indivíduo, mas desse inserido em um contexto familiar, social ou nacional. Constituído-se como um elemento essencial da identidade, o atributo imediato da memória é garantir a continuidade do tempo e permitir ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda a vida humana.<sup>107</sup> Assim, não há memória fora dos quadros sociais, as pessoas se lembram a partir de uma experiência em sociedade anterior.

Na Antiguidade os helenos celebravam a memória na figura de *Mnemosine*. Mãe das nove musas procriadas no curso de nove noites, Mnemosine era a personificação da lembrança dos grandes feitos heróicos, presidindo a poesia lírica. Assim, ao poeta era atribuída a capacidade de memoriar, ser testemunha dos heróicos e da origem dos povos.

Naquele universo mitológico, habitavam as nove musas, filhas de Mnemosine. Clio, (História), Talia (Comédia), Melpômene (Tragédia), Terpsícore (Dança), Erato (Elegia), Polínia (Poesia Lírica), Urânia (Astronomia) e Calíope (Eloquência). Portanto, Clio, a musa da História era filha da Memória, Mnemosine. Vale ressaltar que a relação entre História e Memória foi marcada pela ambiguidade nos vinte séculos subsequentes da historiografia.

Nas últimas décadas, a historiografia mundial tem se voltado para a reavaliação das relações entre História e Memória, demonstradas há muito tensas e complexas. À visão tradicional, somam uma série de questionamentos. Se anteriormente, a função dos historiadores era “guardar” a memória dos acontecimentos públicos, com o intuito de eleger, para proveito dos autores, mártires e heróis, essa visão torna-se um tanto simplista para os acontecimentos da contemporaneidade. O ato de lembrar e escrever sobre o passado não se apresenta como atividade inocente que era passada há pouco tempo atrás. Na fluidez dos acontecimentos contemporâneos, tanto as histórias quanto as memórias não apresentam a objetividade pretendida na historiografia tradicional.

106 – HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. op.cit.

107 – ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

Os historiadores passaram a considerar os fenômenos com a seleção consciente e inconsciente, a interpretação e a distorção. Segundo Peter Burke, toda essa seleção não é obra de indivíduos isolados, esse processo é condicionado, ou ao menos, influenciado, por grupos sociais.<sup>108</sup>

Nas falas dos narradores entrevistados nessa pesquisa, e nos depoimentos analisados, essa seleção é nítida, pois há uma relação de fatos e momentos que fundamentam o depoimento da maioria. Não que todos dissessem a mesma coisa, mas alguns fatos são recorrentes na grande maioria das falas. Os incêndios, os aspectos de faroeste da cidade, os alto-falantes a irradiar as notícias na Avenida Central, são assuntos encontrados nos diversos suportes onde a pesquisa fundamentou a tessitura do texto histórico sobre a Cidade Livre.

Quando teceu os fios teóricos que sustentam a noção de ‘estrutura social da memória’, Halbwachs esclareceu que embora sejam os indivíduos que lembram, são os grupos sociais que determinam o que é memorável, e quais as formas pelas quais serão lembrados. Numa aproximação clara, a Prof<sup>a</sup> Lucília Neves Delgado, estudiosa das articulações entre História e Memória, apresenta algumas idéias que se harmonizam com a noção do sociólogo:

(...) Nesse campo a relação Memória e História é avassaladora. A relação memória e História é também a relação memória coletiva e memória individual, sempre entrelaçadas e quase sempre dotadas de poder: poder de esquecer, poder de lembrar, de omitir, de silenciar.<sup>109</sup>

62 )

Dessa maneira, os acontecimentos identificados pelos indivíduos, são aqueles relevantes dentro de seu ‘quadro social’. Acontecimentos legitimados dentro de uma memória coletiva que recebe, ainda conforme Halbwachs, a ‘marca do grupo’.

A memória coletiva é pensada, dessa forma, como uma reconstrução social, capaz de conter em seus domínios, fatos e acontecimentos inerentes a uma comunidade ou a um grupo. É, entretanto, certo que estudos históricos recentes tratam da memória não como uma produção coletiva, mas uma produção atada sim, a grupos sociais. Deste modo, é comum que nos deparemos com ‘memórias sociais’ diversas que identificam grupos.

Na História de Brasília é comum que encontremos memória atada a grupos sociais participantes da construção, como a memória dos policiais da GEB, dos alunos da UnB, que sofreram a invasão em 68, dos habitantes das invasões, dos moradores da Vila Amaury, localidade inundada pelo Lago Paranoá e, no que mais interessou a essa pesquisa, dos moradores da Cidade Livre. Todos esses grupos compartilham acontecimentos, tensões, lembranças que afirmam sua identidade, desenvolvida através da pluralidade e da alteridade, conformadoras de uma vida em fluxo contínuo.<sup>110</sup>

Nos depoimentos, os habitantes da Cidade Livre, mostraram um estoque de acontecimentos e lugares memoráveis, selecionados na tensão entre o lembrar e esquecer, o narrar e o silenciar.

108 – BURKE, Peter. “História como memória social”. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.000, p. 67-89.

109 – DELGADO, Lucília Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. op.cit.p. 31.

110 – Idem.

Há pontos cruciais onde os narradores deixam lacunas, propositais ou não, e há momentos que partilham do puro orgulho ao narrar sua participação em eventos abordados. Em outros momentos, fazem comparações com a vida no presente, as mudanças que ocorreram em relação ao passado, procurando justificar as escolhas feitas outrora. De novo, busco o diálogo com Halbwachs, de quem as noções sobre memória são bastante esclarecedoras:

Já repetimos muitas vezes: em medida muito grande, a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados por empréstimo do presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada.<sup>111</sup>

Ao analisar os depoimentos dos moradores da *antiga* Cidade Livre, procuro entender o modo de sentir e de pensar desses candangos, atores sociais de um tempo memorável como sujeitos e como grupo. As memórias apreendidas nesta pesquisa são vozes, ecos do vivido. Os discursos e narrativas de um grupo não costumam estar soltos e desestruturados, são interligados nas experiências em comum. A memória nunca parte do vazio, e sim das experiências do grupo e a maneira que eles se relacionam com o passado e o futuro. O presente histórico se conforma num espaço comum de experiências, no qual se constitui o tecido social pontuado por transmissões de memórias coletivas.

Peter Burke assinala a necessidade dos historiadores se interessarem pela memória considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenômeno histórico.<sup>112</sup> Como fonte, é preciso além de estudá-la, elaborar uma crítica da reminiscência, atribuindo à mesma uma análise dos documentos históricos. Ainda segundo o historiador, essa análise começa a ser empreendida a partir dos anos 70, quando a História Social começa a ser objeto de pesquisa de historiadores contemporâneos. Nessa análise, mesmo aqueles que não se ocupam da História do Tempo Presente devem estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos, aspectos próprios do movimento da História Oral.<sup>113</sup>

Como fenômeno histórico, é preciso estar atento ao que o autor chama de ‘História Social do Lembrar’. Nesse aspecto, faz-se necessário entender as variações dos critérios de seleção da memória social, como essas variações ocorrem diversamente em grupos diferentes, em lugares diferentes, transformando-se no continuum do tempo.

A evolução dos acontecimentos ocorridos nas sociedades do século XX traz à tona o papel que desempenha a memória coletiva, que ultrapassa a História enquanto ciência, ao mesmo tempo em que revela uma luta pela continuidade dos seus símbolos como tradições de suas características mais fundamentais, que constitui elemento essencial na preservação de identidades individuais e coletivas.

111 – HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva...* op. cit. p. 91.

112 – MOREIRA, Raimundo Nonato. *História e memória: algumas considerações*. Artigo encontrado em: [www.fja.edu.br/proj\\_acad/praxis/praxis\\_02/.../ensaio\\_2.pdf](http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/.../ensaio_2.pdf)

113 – BURKE, Peter... op. cit. p. 72.

A finalidade, e talvez a funcionalidade da memória, é um suporte utilizado por muitos autores que a defendem como muito mais que uma disciplina, ou área do fazer historiográfico.

A esta pesquisa, interessou perceber o papel da memória na conformação da identidade adquirida ao longo do processo de construção e fixação do Núcleo Bandeirante. Além de observar as influências desta nas atuações políticas e sociais dos habitantes da ‘antiga’ Cidade Livre, ressignificadas em práticas representadas hoje como modo de vida.

Feitas estas digressões que considere necessárias até para iluminar eixos básicos desta investigação, passo agora ao cômputo de itens que integra este capítulo.

## 2.2 Personalidades e lugares de fala

Na ambiência da Cidade Livre, personalidades se destacaram pelas respectivas atuações. Pelo menos dois destes atores sociais devem aparecer nesta dissertação na qual, a lida com as fontes, incumbiu-se de salientar os nomes. Refiro-me a Bernardo Sayão e ao Padre Roque.

Devo esclarecer, contudo, que não é minha intenção enveredar para a descrição minuciosa e laudatória das personalidades escolhidas. Schmidt, refletindo sobre o gênero biográfico, leva em consideração esta espécie de retorno da biografia, depois de sua permanência no “limbo”<sup>114</sup>. É o mesmo historiador quem ressalta nos enfoques biográficos atuais as características de construções possíveis entre tantas outras, e jamais um retrato definitivo e linear.

64 ) É evidente o interesse recente de diversas correntes historiográficas, como a nova história francesa, a micro-história italiana, a nova história cultural americana, o marxistas ingleses contemporâneos, a historiografia alemã recente e a historiografia brasileira sobre as trajetórias individuais na produção do fazer historiográfico. Mesmo havendo diferenças entre as tradições historiográficas citadas, nota-se entre elas, o atual interesse em trajetórias singulares.

Exemplos mais proeminentes de estudos de trajetórias individuais no fazer historiográfico, os sempre citados Menocchio de Carlo Ginzburg e o padre exorcista Chiesa de Giovanni Levi. Tanto em *O queijo e os vermes: cotidiano e as ideias de um oleiro perseguido pela inquisição*, quanto em *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, os autores propõem outra perspectiva para conceber a história social, privilegiando em uma trajetória individual, ou de um grupo ou ainda de uma obra, a complexa rede de relações nos quais se inscrevem.<sup>115</sup>

Para inserir em meus exemplos um autor brasileiro, opto pela obra de Plínio Freire Gomes, apresentada com vistas à obtenção de seu título de Mestre na Universidade de São Paulo, *Um herege vai ao paraíso: Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição*. Nela, o historiador aborda a vida e obra de Pedro de Rates Henequim, imigrante europeu que, ao trazer toda a sua carga cultural e religiosa para o Brasil Colônia, insere-se num contexto bastante

114 – SCHIMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: Rago, Margareth & Gimenes, Aloizio de Oliveira. – Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, 360p. p. 193

115 – PIOVESAN, Greyce Kely. *Biografia, trajetória e história*. Artigo encontrado nos Anais do II Colóquio do Lahes: Micro História e os caminhos da História Social. In: [www.cfch.br/abho4sul/pdf/greicekely%20kely.pdf](http://www.cfch.br/abho4sul/pdf/greicekely%20kely.pdf), acesso em 11/04/2011, às 16h45min.

diverso, e, dissonante das ideias religiosas que vigoravam no ambiente imediatista de Minas Gerais do Brasil Colônia, foi, assim como o Menocchio de Ginzburg, condenado pelos Tribunais do Santo Ofício. A partir das desventuras de Henequim em Terras Coloniais, foi possível a Gomes, produzir um painel do multifacetado contexto histórico que, a despeito das decisões unilaterais que propunham os governantes d'além mar, existia na Colônia.

As trajetórias de vida de pessoas comuns estão ligadas a contextos muito maiores que apenas suas ações realizadas no decorrer da vida. Assim, os historiadores devem pensar as trajetórias de vida como processo de escolha muitas vezes não racionalizados, sem reduzir as individualidades à coerência de grupo. Do mesmo modo que pensamos no fazer historiográfico superando os métodos positivistas, pensando a história como linear, não óbvia, com outras perspectivas que se alinhem a outras escolhas, devemos buscar a escrita de uma narrativa histórica sobre um sujeito histórico ou grupo de acordo com as clivagens e tensões decorrentes de uma existência em sociedade.

Nesta minha abordagem, penso nas referências biográficas articulando-as à ideia de “lugar de fala”. Conforme lembra Braga, a ideia de “lugar de fala” remete a um:

“Espaço socialmente construído de modo polêmico – através de respostas (de ordem material, afetiva ou simbólica) que os participantes de uma determinada circunstância na sociedade tentam construir para enfrentar e elaborar o seu mundo”.<sup>116</sup>

Esta noção desdobra para conceitos igualmente importantes, tais como, sociabilidade e visão de mundo. Em suma, quase ao modo de breves biografias, minha intenção é mostrar os “lugares de fala” de personalidades caras à História da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante.

### 2.2.1 O Drº Sayão e seu lugar...

Bernardo Sayão foi uma das figuras mais proeminentes na história de Brasília. Indicado por Getúlio Vargas para viabilizar a Marcha para o Oeste, o engenheiro agrônomo foi responsável pela idealização da CANG - Colônia Agrícola Nacional de Goiás, atual Ceres. Admirado e respeitado por onde passava, inspirou a vinda de muitos para a Capital, confiantes não só no sonho de Juscelino, a quem pouco conheciam, mas na realização do homem de quem tanto se falava em Goiás. Como Diretor Administrativo da Novacap na época da construção, na ocasião da citada pesquisa referente à empresa, achou-se necessário uma breve biografia a seu respeito no capítulo que abordava a primeira diretoria:

“Bernardo Sayão, por sua vez, já detinha fama notória de desbravador do interior do Brasil, desde os anos 40, quando fora convidado por Getúlio Vargas, para fazer parte da “Marcha para o Oeste”. É, nesta ocasião, que implanta a Co-

116 – BRAGA, José Luiz. Comunicação e sociabilidade: lugar de fala. In: *Geraes – Revista de Comunicação Social*. Departamento de Comunicação Social – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 1995.



lônia Agrícola Nacional de Goiás, atual cidade de Ceres. Profundo conhecedor das terras do futuro Distrito Federal, participara, ativamente, do processo de desapropriação das fazendas situadas dentro das áreas definidas pelo relatório Belcher. Ficou também responsável pelo Departamento de Edificação, de Viação e Obras Públicas, de Água e Esgotos, de Telefones Urbanos e Interurbanos e o Departamento de Eletricidade. Em 1958, foi encarregado por JK de construir a estrada Transbrasiliana (Belém-Brasília). Convicto de que a construção da capital seguia num bom ritmo, Sayão aceita dirigir pessoalmente as obras da rodovia. Porém, em 15 de janeiro de 1959, ocorre um lamentável acidente. Uma árvore derrubada na abertura da estrada cai sobre a barraca onde estava Sayão, que é gravemente ferido. Ele vem a falecer no mesmo dia, a bordo do helicóptero que o levava em busca de socorro médico. Este triste episódio fez com que Sayão fosse o primeiro a ser sepultado no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília.<sup>117</sup>

O “Doutor Sayão”, como era chamado pelos candangos, tem sua relevância na pesquisa, pelo número de candangos e pioneiros que o citam em seus depoimentos e pela importância notada nas leituras das obras que cercam a história de Brasília. Notório pelo espírito aventureiro, o engenheiro agrônomo foi um dos pilares que permitiram o governo de Juscelino a efetivar o seu plano de construir e transferir a capital em tão pouco tempo. Agenor Alves, fotógrafo lambe-lambe, pioneiro na Cidade Livre, dá um exemplo do imaginário que cercava o nome do Diretor Administrativo da Novacap:



Bernardo Sayão – 1956

“Transferi para Brasília porque eu acreditava em Brasília, e acreditava nos homens que estavam dirigindo Brasília. Inclusive, o doutor Sayão que a gente tratava... não falava doutor, falava doutor Sayão e quem que chamava de Bernardo era a esposa, “o Bernardo”. Então eu acreditava muito no doutor Sayão, que era um homem dinâmico, se não me falha a memória, ele não é engenheiro civil, ele era engenheiro agrônomo, mas foi o maior construtor de estrada e obras em Brasília, ao lado dele tinha o doutor Israel Pinheiro, que era o presidente da Novacap, tinha o Íris Meinberg que era tesoureiro e Ernesto Silva, que também representava oposição ao governo. E havia outras pessoas mais que a memória da gente não guarda tudo.”<sup>118</sup>

Bernardo Sayão já era conhecedor do cerrado que se descortinava do Planalto Central até os limites do antigo estado de Goiás, hoje Tocantins, ao empreender em 1939, uma viagem que saiu de do Rio de Janeiro, enveredando por 3 estados e conhecendo o habitat dos índios Carajás, nas margens do Rio Araguaia. Das lembranças sobre a viagem e outras aventuras do pai,

117 – MELLO, Maria T. Negrão de, Thereza. *Novacap...* Op. cit.p. 75.

118 – FÁRIA, Agenor Alves. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1994. 21 p. 11.

bem como da convivência e do cotidiano que enfrentou na chegada à Brasília, Léa Sayão produziu um livro, *Meu pai, Bernardo Sayão*. Nele, a flagrante intenção de projetar as memórias pessoais e transferir a gerações futuras, o espírito aventureiro do pai, tornado mítico no imaginário dos candangos:

“Nos banhos no rio Araguaia (lindo e majestoso), aprendemos algumas palavras indígenas, como Beé (água)... Na volta passamos por Goiânia, com a “Pretuihe” (o carro) cheio de arcos e flechas, pentes, bonecos, todos feitos pelos índios”.<sup>119</sup>

A viagem a Goiás ocupa, com a propriedade e importância que uma viagem aos rincões menos habitados do Brasil possam exercer no imaginário de uma criança, um item do livro de Léa. Discorrendo sobre a dificuldade de deslocamento, as estradas ainda não existiam, e as picadas feitas pelos nativos ainda era o modo de viajar por



Bernardo Sayão e o Cap. Marco Aurélio Campos Tavares Estrada Belém Brasília – 1958

locais estigmatizados pelos termos, “inóspitos”, “ermos”, “sertão”. Talvez esteja nesse ponto, a vontade de Sayão em desbravar, lutar pelo desenvolvimento desses lugares, fazendo-o aceitar o cargo oferecido por Getúlio Vargas: Administrador da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, a CANG. Da viagem recreativa à Goiânia e seus arredores com potenciais corroborados no futuro, como Anápolis, surge a perspectiva de trabalho, não compensada por ordenado vultoso, mas pela ação e oportunidade de traçar as estradas que vislumbrou no passado recente.

Não seria o local para a elegia de um nome que é invariavelmente comparado a mártires da História do Brasil, como o Barão de Mauá, Santos Dumont, Tiradentes e tantos outros. Trata-se somente do “lugar de fala” que Bernardo Sayão conseguiu, através de seus feitos, mas também através de sua socialidade, nessa pesquisa. Nas falas dos pesquisados, todos, sem exceção, têm Bernardo Sayão como uma das pessoas que tornaram os sonhos, tanto o da transferência da Capital para o Planalto Central, quanto da o fixação na Cidade Livre, possíveis. Conforme citado acima, Agenor Faria relata que a sua decisão de vir para Brasília deu-se mais por conta da sua crença em Sayão, pelos seus feitos na Colônia Agrícola Nacional de Goiás, espalhados por todo o Estado, do que no chamado de Juscelino. Muitos outros goianos, mineiros, cariocas (Sayão, ao contrário do que muitos pensavam, era carioca), e provenientes de outros Estados tiveram o mesmo destino.

119 – SAYÃO, Léa. *Meu pai, Bernardo Sayão*. 6ª edição, 2004. p. 47.

Neiva Chaves Zelaya já era conhecida do “Dr. Bernardo”, quando em 1957, recebeu o convite para formar o contingente de caminhoneiros que abastecia as obras de Brasília. Casada em Ceres, aos 17 anos, com o então secretário de Sayão, Raul Zelaya Alonso, viu-se em delicada situação com os filhos, quando em 1949, fica viúva. Para conseguir sustentar sua prole, valeu-se de um corajoso e ousado estratagema, ao menos para a época. A bordo de um caminhão, Neiva se tornaria a primeira motorista profissional do Brasil, algo impensável naquele tempo. Essa intrigante sucessão de acontecimentos leva-nos a maio de 1957, ocasião em que a caminhoneira é convidada pelo seu padrinho de casamento (Sayão) a engrossar as fileiras daqueles que se ocupavam da construção da cidade.



Neiva Chaves Zelaya, a Tia Neiva



Neiva Zelaya, aqui já como a Líder Espiritual do Vale do Amanhecer

68) Fichada com a numeração 2525 na Novacap<sup>120</sup>, a caminhoneira sergipana poderia passar por tantas outras, pioneiras anônimas que, com o destino inicial na Cidade Livre, ajudaram a tornar esse local como um dos pontos de partida para o surgimento de várias cidades no “futuro” Distrito Federal.

Poderia, se naquele ano de 1957, Neiva não começasse a viver as manifestações espirituais que a fariam criar uma dos sistemas de crenças mais fantásticos do rol de religiosidades brasileiras. Sistema de crença que foi a força motora para a criação de um local próprio para suas manifestações espirituais, o Vale do Amanhecer, localizado a 7 km de Planaltina.

Visto hoje como pólo turístico e religioso de Brasília, o Vale do Amanhecer conta 30.000 habitantes, fora o número de visitantes, que, entre atendimentos espirituais e consultas, oscila em torno de 8.000 pessoas por semana. Importa ressaltar que tudo tem início, na Cidade Livre, como o próprio João Almino recorda, a partir das palavras do pai, em seu livro:

“Eu sei quem é Tia Neiva – interrompeu papai – me lembro do barraco de bambu, coberto de lona, onde ela morou quando chegou à Cidade Livre em 1957 para trabalhar como motorista de caminhão fichada pela Novacap. Eu já tinha ouvido falar dela em Ceres, e Bernardo Sayão me pediu que, como médico e psiquiatra, a atendesse, pois ela estava tendo visões. Naquela consulta, quando lhe expliquei que suas visões podiam ser provocadas por excesso de

120 – REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, 2008.

trabalho, ela desembestou a falar com alguém que só ela via atrás do biombo, e o diálogo girava em torno de vovô, já morto. Confesso que me assustei e nunca mais quis vê-la.”<sup>121</sup>

A menção à caminhoneira que posteriormente se transformaria em profetisa tem sua razão na exposição da Cidade Livre como confluência de várias ideologias e trajetórias, e em Bernardo Sayão, como sujeito histórico importante na formação da Cidade Livre, influente nas decisões tomadas em solo brasiliense.

Bandeirante do século XX, desbravador, “santo”, herói altivo. São algumas das alcunhas encontradas nos diversos suportes que versam sobre a história de Brasília, onde Sayão tem destacada importância. Era comum às pessoas que viviam na Cidade Livre a menção ao homem robusto, que admirado pelos homens pela audácia, era elogiado pelas mulheres pelo porte físico. Muitos, na vontade de mencioná-lo, demonstravam o orgulho de ter sido parte de sua aventura. Mesmo que essa participação, tenha sido através de terceiros. Como Walnizia Santos relatou na entrevista concedida:

“Mamãe era a costureira da esposa de Bernardo Sayão. Era comum ela, junto com as filhas (as filhas de Sayão), irem lá em casa para fazer a prova dos vestidos. Eu ficava encantada, achava um luxo aquelas pessoas lá em casa. Ao final da prova, ele vinha buscá-las no seu jipe. Fiquei muito triste quando soube de sua morte, todos ficaram tristes”

Sayão inaugurou o Ginásio Brasília, primeiro estabelecimento de ensino do Distrito Federal, motivo pelo qual era bem conhecido pelos filhos dos candangos moradores da Cidade Livre. Existia também, o imaginário que, qualquer problema, fosse ele de qualquer natureza, seria resolvido pelo Diretor da Novacap:

“Eu tinha dez anos e naquele dia havia perguntado a papai se teríamos de destruir nossa casa na Cidade Livre, o Núcleo Bandeirante. (...) A cidade deveria ser demolida quando Brasília fosse inaugurada, e eu ouvira boatos sobre nossa mudança para o Gama ou Taguatinga, mas papai e Tia Francisca tinham me dito, ainda em 1959, que “Santo Bernardo Sayão” nos salvaria. Eles haviam, através da Associação dos Comerciantes e do Movimento de Pró Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante, se juntado aos usuários, comerciantes e moradores da cidade para mudar seu nome para Bairro Bernardo Sayão. Assim, em vez de ser destruída, a Cidade Livre ou Núcleo Bandeirante, como também a chamavam, estaria prestando uma homenagem permanente àquele a quem todos admirávamos como um dos grandes fundadores de Brasília. Não havíamos por que temer os incêndios criminosos dos que queriam debelar o movimento a favor da fixação definitiva da cidade.”<sup>122</sup>

121 – ALMINO, João. *Cidade Livre...* op. cit. p. 218.  
122 – Idem, p. 226.

Sayão conhecia bem as terras que se ergueria no futuro, o Distrito Federal. Como Vice Governador de Goiás, foi incumbido de demarcar e desapropriar as terras referentes ao Sítio Castanho, delimitadas no Relatório Belcher.<sup>123</sup> Por essa determinação e conhecimento de causa, pois desafiá-los os ermos do sertão era sua vida, Juscelino Kubitschek o escolhe para a construção da rodovia que dinamizaria a consolidação da capital e desenvolveria o norte do país: a Belém-Brasília. Para tal escolha, Juscelino sabia dos antecedentes do agrônomo e da sua predileção por estradas. Quando da sua incumbência de viabilizar a Colônia Agrícola Nacional de Goiás, atual Ceres, Sayão opta por iniciar pela abertura de uma estrada que ligaria Anápolis à Ceres.

Em sua maior missão, não obteve o êxito que costumava. Em 15 de janeiro de 1959, próximo a Açailândia, distante apenas 30 km da ligação entre as frentes Norte, comandada pelo engenheiro Rui de Almeida, e a Sul, comandada por Sayão, um enorme galho cai, vitimando o aventureiro. Ferido gravemente, ele ainda permanece à espera de socorro, mas, falece a bordo do helicóptero. Cruzes de papel crepe são colocadas nas janelas da Cidade Livre. Há uma comoção enorme em todos os cantos, todos os acampamentos. Prova da estima que Sayão desencadeava nas pessoas comuns, seu motorista, Benedito Segundo, ao saber de sua morte, sofre fulminante infarto. Há relatos que aquele 17 de janeiro, dia do enterro de Sayão e seu fiel motorista, foi o único dia em que as obras pararam em Brasília, demonstração de afeto e gratidão ao homem que traçou os três primeiros riscos, imaginando a Cidade Livre. O poeta popular José Alves dos Santos, o Désio, retrata em sua *Elegia*, a tristeza que assolou a todos, no momento de seu enterro:

“Todo povo de Brasília,  
Fez o acompanhamento,  
até a última morada,  
pois foi chegado o momento,  
Deus te dê a sua glória,  
que seu nome na história,  
eu falo com fundamento.  
(...) Morreu Bernardo Sayão,  
que o Norte civilizou,  
lutou pela humanidade,  
pois seu sangue derramou,  
deu ao Brasil a vitória,  
Deu ao povo a História,  
que o tempo determinou.”<sup>124</sup>

123 – Em oito de junho de 1953, por força de Decreto, o Presidente Vargas criou a Comissão de Localização da Nova Capital Federal. Presidida inicialmente pelo General Aguinaldo Caiado de Castro, a comissão providenciou o levantamento aerofotogramétrico dos 52 mil km<sup>2</sup> referentes à área então denominada Retângulo do Congresso, através da Empresa Cruzeiro do Sul Aerofotogrametria e, em seguida, firmou contrato com a empresa Donald J. Belcher and Associated Incorporated para os serviços de análises de fotografias aéreas, além de uma série de incumbências implicitamente previstas na Lei 1.803/53. Da análise dessas fotografias, foram demarcados cinco sítios: azul, amarelo, castanho, verde e vermelho, que tinham como características climáticas e geográficas, a possibilidade de abrigar o futuro Distrito Federal. In: MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. (et. all.). *Novacap: 50 anos por Brasília...* op. cit. p. 54.

124 – SAYÃO, Léa. *Meu pai...* op. cit. p. 314-316.



### 2.2.2 Roque Valliati Batista, o popular Padre Roque

Nascido em Iconha, no Espírito Santo, Padre Roque figura na maioria absoluta dos depoimentos como personagem de maior importância no imaginário das pessoas que tiveram a Cidade Livre como ponto inicial de suas trajetórias em terras brasileiras. Educador, de veia artística destacada e aventureira, o Padre, foi escolhido devido ao germe do pioneirismo que carregava, para ser o pároco da Cidade Livre, no Distrito Federal que surgia:

“Urgia começarem os trabalhos em Brasília, e os salesianos de Dom Bosco foram os primeiros a fincar os pés na futura Capital, acreditando neste desafio assumido pelo Presidente Juscelino Kubitschek. (...) No dia 18 de Abril de 1956 o Pe. Roque chegou ao Núcleo Bandeirante. Só havia 30 casas de madeira e o prédio da Novacap, de onde os destinos da cidade eram comandados.”<sup>125</sup>

Iniciando seus trabalhos na Cidade Livre, optou por construir de imediato a Igreja de madeira. Sua personalidade de trato fácil o fez travar amizades tanto com autoridades da Novacap e engenheiros das firmas que construía a Capital, quanto com os candangos, operários e moradores dali. Destacou-se pela capacidade de misturar-se às pessoas comuns, trazendo os ensinamentos da Igreja em um linguajar mais ameno, popular, próprio das pessoas simples:



A Igreja São João Bosco, 1960.

“Era um homem de vida transparente e nós que tínhamos no padre, que a igreja, a casa do padre, o padre eram diferentes, e que nós encontramos o homem como a gente mesmo, que pregava o amor, a fé, o Cristo para nós dentro daquilo que nós entendíamos, dentro do palavreado que o nordestino desiludido do sertão, com saudade da sua família que ficou para trás, sabia entender. Ele trouxe a verdade, a luz e o desejo de permanecer.”<sup>126</sup>

125 – SOARES, Deuzíria de Carvalho & CASTRO, Silvia Regina Viola de. *Núcleo Bandeirante: a cidade que nasceu livre*. Brasília: ARPDF, 2000. 40 p. (Cadernos de Pesquisa, 9)

126 – TRAJANO, César. *Depoimento...* Op. cit. p. 11.

Sabe-se que é no final dos Anos 50 que a Igreja Católica começa sua preocupação com questões sociais, estas geradas pelo modelo de administração capitalista que vigorava no Brasil. A fome e o desemprego, termos antes vinculados à alçada governamental, são inseridos nas discussões tratadas pelas autoridades eclesiásticas. O Golpe de 64 e a adoção do Regime Militar trazem conflitos entre a Igreja e o Estado. Com o Ato Institucional nº 5, AI-5, há uma violenta repressão a essas discus-



A Igreja São João Bosco, ainda em madeira, 1960.

72 ) sões, com prisões, torturas e assassinatos de estudantes e padres, além de perseguições a bispos. Nesse contexto, surgem movimentos religiosos vinculados ao socialismo como a Juventude Universitária Católica, influenciada pela Revolução Cubana e as Comunidades Eclesiais de Base, inspiradas na Teologia da Libertação<sup>127</sup>, que vinculam cada vez mais o compromisso cristão com a justiça social. Mesmo não sendo alinhado politicamente com essa geração, Padre Roque era da categoria de padres que intencionava uma Igreja voltada para o social, mais humana:

“Acho que ele foi pai, mãe, foi tudo no Bandeirante, até na época do falecimento dele foi (incomp) eu lembro que eu corria, tudo que a gente necessitava aqui era através dele, tudo era com ele, era um apoio total, desde o início da igreja eu comecei ajudando, fazendo, carregando as tábuas, cimento, para fazer o altar, a gente participava conforme podia fazer, padre Roque aqui, não existia outro.”<sup>128</sup>

Vonges Rosa conheceu o pároco desde sua chegada a Cidade Livre. Em seu depoimento, Vonges relata a desenvoltura do Padre, a delegar tarefas à suas “carolas” (em suas próprias palavras, segundo relato), com o cuidado da proximidade das velas nas paredes secas de madeira, que poderia ocasionar incêndios. Não foi, conforme depoimentos, o primeiro padre a chegar a Cidade Livre, há um antecessor, presente nas falas dos candangos:

127 – FLORES, Alberto Vivar. *Antropologia da Libertação Latino Americana*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

128 – ROSA, Vonges... op. cit. p. 10

“Foi o padre Primo, primeiro do que ele (...)O padre Roque quando chegou, eu lembro bem, eu tinha um armazém, ele foi lá comprar cerveja. Na época era saco não caixa, cerveja antártica eu que dei de presente para ele fazer uma festa na igreja, ele já encontrou a igreja pronta de madeira, pequena, eu lembro que nós chegamos lá ele xingou as mulheres de carola, porque estava cheio de vela perto da parede de madeira, não foi ele. O padre Roque eu gostava dele dado, quantas vezes eu encontrei com ele na rua...”<sup>129</sup>

Lecionou de 1958 a 1959 no Ginásio Dom Bosco, colégio que fundou junto com outros padres, ainda hoje presente no Núcleo. Com a Igreja em obras, chegou a celebrar missas no antigo cinema. Antes já havia iniciado a escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima, com as aulas na própria Igreja, inaugurada no Natal de 1957. A escola, denominada hoje Escola Salesiana



A Igreja São João Bosco, 2010.

São Domingos Sávio, a “Escolinha do Padre Roque” começou com o Primário, aumentando suas atribuições e alcançando da Educação Infantil ao 1º Ano do Ensino Médio atualmente.

De temperamento informal, atendia o povo sempre fora da Igreja. Aqueles que lhe conhecera, resta a figura risonha, mãos ao volante de um jipe, batina surrada, atendendo a todos sempre que solicitado. Tinha em sua jovialidade e força de espírito, a arma para manter unida a comunidade que se dedicou.

“O padre Roque foi uma peça das mais importantes no Núcleo Bandeirante, ele chegou, criou a igreja Dom Bosco e tornou-se um padre respeitado, era exaltado, muito gozado, porque apesar de ser espírita há mais de cinquenta anos, nós tínhamos uma amizade muito profunda, às vezes eu ia em um batizado que me chamavam para ser padrinho, quando ele passava aquele sal na cabeça da menina, jogava, chorava, ele dizia prá mim:” Esse sal é ruim, isso é sal mossoró.” Se entrava uma pessoa decotada na igreja, vai rezar Pai Nosso que estais no céu, “Ó cê tá decotada sai prá fora.” Aí continuava orando...”<sup>130</sup>

Secretária do pároco durante 34 anos, Dona Maura narra, com tristeza, os últimos dias do Padre a quem dedicou boa parte de sua vida. Após diagnosticado o segundo tumor canceríge-

129 – TRAJANO, César... op. cit. p. 06

130 – CAUHY, Jorge. *Depoimento...* op.cit. p. 13.

no, os médicos afirmavam que sua morte seria questão de tempo. Por vontade expressada do pároco, Maura consegue, junto ao Governo do Distrito Federal, a autorização para que o sepultamento ocorresse na própria Igreja São João Bosco.

Aos 15 dias do mês de junho de 1994, Roque Valiati Batista, o Padre Roque, falece em meio a diversas manifestações consternadas. Segue abaixo, a transcrição do *Correio Braziliense*, de 17 de junho de 1994, assinado pela jornalista Sheila D’Amorim:

“Um abano de mão, uma lágrima, um olhar contemplador, pétalas de rosas. A simplicidade dos gestos foi digna do homenageado. Mais do que honras oficiais, que o tempo e o trabalho na cidade lhe asseguravam, no seu adeus Pe. Roque teve o carinho e o amor dos fiéis para quem sempre viveu. Ele foi enterrado, ontem à tarde, na capela da Igreja São João Bosco, fundada por ele mesmo, no Núcleo Bandeirante, em 1957. Mais de 10.000 pessoas foram até lá para se despedir daquele, que, garante, jamais será esquecido. O GDF decretou luto oficial por dois dias. Os cadetes da PM vestiram traje de gala, para carregar o caixão. O comércio do Núcleo Bandeirante fechou as portas, o trânsito na 3ª avenida, onde fica a Igreja, foi interditado. A cidade parou, todos queriam ver o padre pela última vez. Às 14:20 dona Inácia Gomes, de 72 anos, entrou correndo na Igreja. Já estavam fechando o caixão que passou a noite sob vigília dos fiéis. “Ah, eu vi só um pedacinho, não via o rostinho dele”. Lamentou com lágrimas nos olhos, ela mora no Gama, mas por 14 anos, tempo que viveu no Núcleo Bandeirante, foi assídua frequentadora da Igreja do Pe. Roque. “Meu filho foi coroinha dele”, conta com orgulho. “Eu só soube hoje que ela morreu e vim logo”, diz.<sup>131</sup>

74 )

A intenção em abordar a biografia de tais figuras deu-se durante a pesquisa. Na lida com os depoimentos orais disponíveis, bem como nas entrevistas feitas, o nome de Bernardo Sayão e do Pe. Roque foram sempre mencionados como figuras importantes na criação e estabelecimento da Cidade Livre, e sua posterior transformação em Núcleo Bandeirante e Região Administrativa de Brasília. Foi pensado então, a oportunidade de incluir esses sujeitos históricos a partir de seus “lugares de fala”. Mais ainda, foi objeto desta pesquisa as falas dos narradores que me ocupei, na tentativa de delinear uma trajetória que remonta desde os dias iniciais da Cidade Livre até o presente. A trajetória individual desses dois sujeitos históricos se entrelaçam com a história da Cidade Livre, descortinando um cotidiano rico de relações vicinais, de afeto, admiração e religiosidade.

131 – SOARES, Deuzíria de Carvalho & CASTRO, Silvia Regina Viola de... op. cit. 35.



### 2.3. Cartas, poeira e batom...

“Que saudades são essas que sentimos de uma felicidade inventada pela lembrança?”

**Almino, João, p. 26.**

Querer notícias, mandar notícias, gestos banais para quem se desloca da terra natal para tentar a vida em outras paragens. Na Cidade Livre, não terá sido diferente e, neste ponto os percalços de muitos dos novos habitantes, terão sido vários. Afinal, nos seus primórdios “a cidade era um casario de tábuas e telhas de amianto, com três avenidas largas... Terceira Avenida, Segunda Avenida e Avenida Central”<sup>132</sup>.

Mas é o próprio narrador da obra ficcional quem observa que naquela época “não era preciso endereço”. Levando-se em conta a existência de uma agência dos Correios, mesmo sem consultar outras fontes, é plausível pensar que as cartas ali chegavam e ali mesmo eram entregues aos seus destinatários.

Também quanto às correspondências, a interessante profissão de escriba na Cidade Livre é atribuída a um personagem de João Almino. Segundo o autor, “Valdivino gostava de pôr no papel, as cartas que os candangos lhe ditavam”.<sup>133</sup>

Esta prática, comum em situações análogas parece dialogar com o espaço discursivo de teses acadêmicas atuais e também a filmografia nacional. Recordo por exemplo, a tese doutoral de Ivany Câmara Neiva, *Imaginando a capital: cartas a JK*. De acordo com a autora em seu resumo, *Cartas a JK*, é uma história brasileira. A tese aborda a história de Brasília, pelo viés de pessoas comuns, trabalhadores que tinham, à distância, uma perspectiva da capital. Esperançosos de encontrar melhores condições de vida em Brasília, essas pessoas remeteram ao Presidente Juscelino Kubitschek cartas que davam “vozes” à suas impressões da capital. Seleccionadas aproximadamente 100 dessas antigas cartas, disponíveis no Arquivo Público do Distrito Federal, as cartas são registros de pedidos, reclamações sugestões enviadas ao Presidente. Fragmento do cotidiano de quem as escreveu há 50 anos, as cartas revelam o contexto histórico-social encontrado no país, questões de moradia, emprego e serviços básicos são o foco, fundindo-se passado e presente, na esteira das perspectivas e contradições de uma capital em construção. Certamente uma história de brasileiros, que imaginaram a capital, e que continuam imaginando-a e construindo até hoje<sup>134</sup>.

Outra história de brasileiros, e de cartas a brasileiros, ocupa posição de destaque na filmografia nacional, recebendo duas indicações para o Oscar de 1999: Melhor Filme Es-



132 – ALMINO... op.cit. 115.

133 – Idem, p. 105.

134 – NEIVA, Ivany Câmara. *Imaginando a capital: Cartas a JK (1956-1960)*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, 2008.



trangeiro e Melhor Atriz, *Central do Brasil*<sup>135</sup>. O filme narra a história de Dora, uma “escriba”, assim como Valdivino na Cidade Livre, que vive de escrever cartas para analfabetos na Central do Brasil. As cartas, depois de escritas, passam pelo “crivo” de Dora, personagem de Fernanda Montenegro, e de sua amiga Irene, personagem de Marília Pêra, que julgam quais devem ser enviadas ou não. Não se trata de esmiuçar o desenrolar da história que passa por Dora, personagem cínica e que, em algum lugar de seu passado, perdeu sua própria humanidade, vendo-se presa por força do destino a Josué, garoto que vê sua mãe ser atropelada em frente à estação Central do Brasil. Presa ao garoto, a personagem inicia uma cruzada em busca do suposto pai do menino, cruzada que se confunde com a procura de sua própria humanidade. O que me força a continuar em tal história é o Brasil representado no filme, cinzento e angustiante nas grandes cidades, poeirento e desolador, nas estradas interiores que são demonstradas na bela fotografia do filme. O aspecto de “faroeste”, próprio da Cidade Livre, pode ser percebido nos restaurantes de beira de estrada, na cidade onde Josué finalmente encontra seus irmãos.

Na Cidade Livre, as correspondências tardavam a chegar a seu destino. Citei no primeiro capítulo, o pitoresco episódio do candango que escreve em sua carta, a vitória conseguida em solo brasileiro: a construção de sua casa, mesmo que de forma precária, a partir de sacos de cimento.

Os escribas eram valorizados entre os candangos na Cidade Livre. Encontrei menção a essa ocupação na pesquisa de Tânia Fontenele e Mônica Ferreira, intitulada *Poeira & Batom no Planalto Central – 50 mulheres na construção de Brasília*. A obra, resultado da pesquisa que relata o cotidiano de 50 mulheres pioneiras na Capital, traz fragmentos discursivos que contam, a partir da ótica dessas mulheres, a história de Brasília. Bem por isso, é possível no item que aborda vida na Cidade Livre e nos acampamentos, primeiro destino dessas pioneiras, encontrar a fala de Georgina Janete Câmara, telefonista na Presidência da República, nessa época moradora da cidade:

“(…) Imagina na época lá no Núcleo Bandeirante, quando era domingo, o pessoal das obras, aquele pessoal pobrezinho queriam escrever pra família que estava no norte. Eu morava perto do Correio, muitos deles pediam pra gente escrever a carta para eles: ‘eu quero mandar notícia pra minha mãe’, eu sentava ‘como é o nome da sua mãe?’, escrevia, quando terminava dizia ‘quanto é que é?’, a inocência deles, ‘é nada, eu quero que a sua mãe receba a carta, fique super feliz de estar recebendo a carta de um filho’. Por isso que eu digo, volto mil vezes”<sup>136</sup>.

Toda a solidariedade de Georgina é percebida na sua negação em receber qualquer quantia pelos seus serviços de escriba. Vale ressaltar que Georgina chega aqui como telefonista da Presidência da República, numa posição confortável de funcionária governamental. Sua ação

135 – SALLES, Walter. *Central do Brasil*. Drama, 1998, 112 min.

136 – MOURÃO, Tânia Fontenele & OLIVEIRA, Mônica Ferreira Gaspar de. *Poeira & Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília*. Fundação Biblioteca Nacional – Minc – Brasília: 2010.

solidária não desmente os relatos de escribas remunerados, alfabetizados que aproveitavam de sua condição para conseguir algum dinheiro.

No quadro ficcional de *Cidade Livre*, Valdivino faz dessa ocupação um meio de subsistência, mesmo que isso fosse de alguma forma, estranho ou pitoresco para alguns: “Era o final do inverno daquele ano de 1957, e papai, servindo de cicerone na Cidade Livre, lembrou-se de mostrar uma curiosidade: Valdivino como escriba.”<sup>137</sup>

(...)

Nessa livre circulação de pessoas, oriundas de diversos locais do Brasil, passantes, que, impulsionados pela errância ou por motivos outros, acabavam por estruturar o corpo social na Cidade Livre. Cada novo passante era aninhado ao corpo social. O ritmo da vida<sup>138</sup>, bem observado por Mafessoli em *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, pode ser apreendido na socialidade que ali se engendrava, com os diversos tipos que viviam na cidade. Recém chegados, trabalhadores das empreiteiras que construía a capital, antigos moradores de núcleos habitacionais anteriores à mudança da capital, todos tinham, no início, o espírito da aventura como uma característica em comum. Salan Kozac, comerciante síria instalada no Núcleo em 1957, ainda Cidade Livre, conta como esse espírito determinou sua vinda:

“Tenho 82 anos. Vim da Síria. Eu fui conhecer Brasília na primeira missa, depois andamos em Brasília. Tinha muita terra, muito tijolo. Eu me encantei, eu sou aventureira. Saí da minha terra com 19 anos para casar com um jovem igual a mim.”<sup>139</sup>

Em contraposição ao modelo de Brasília, conceito de cidade instituída que se projetava a poucos quilômetros dali, a Cidade Livre surgia como a cidade do movimento, do escambo, do imponderável. Mafessoli privilegia em sua obra a figura do cavaleiro errante, como o único capaz de instituir novas cidades, através de sua perene procura pelo *Eldorado*, entendido em sua obra como símbolo da busca sem fim. Para o autor, o homem pós-moderno estaria impregnado de uma errância que se manifesta, entre outros exemplos, nas variações sazonais da sociedade, nas migrações do trabalho e do turismo e nas migrações induzidas pelas desigualdades econômicas. Muitos dos que chegaram à Cidade Livre buscavam o seu *Eldorado*. Vale lembrar o candango que remetia uma carta à esposa contando a façanha do seu barraco feito de “cem” sacos de cimento, no primeiro capítulo.

Para Mafessoli, o nomadismo está inscrito na própria natureza humana, que avisa o surgimento de um novo ideal comunitário. O desejo de errância é assim, visto como um dos pólos fundadores de qualquer estrutura social. Deste modo, aquele que traz a novidade, é reconheci-

137 – ALMINO, João. op. cit. p. 113.

138 – MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

139 – Salan Kozac In: MOURÃO, Tânia Fontenele & OLIVEIRA, Mônica Ferreira Gaspar de. *Poeira & Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília*. Fundação Biblioteca Nacional – Minc – Brasília: 2010. p. 193.



Cidade Livre, 1960

do como o fundador de uma nova socialidade, de relações de reciprocidade, próprias da vida em sociedade: “A aventura, assim como os imaginários, os sonhos e outras visões sociais, é um filão escondido percorrendo o conjunto social”<sup>140</sup>

78 ) Pensar no diálogo no com o sociólogo francês é relacionar suas ideias com a ambiência encontrada na Cidade Livre. Algumas dessas ideias, traduzidas em sua obra como conformadoras de uma vida em sociedade e fundadoras de uma nova cultura aparecem como aspectos cotidianos na cidade. A solidariedade, a generosidade e o auxílio mútuo, fundamentos do ser conjunto<sup>141</sup>, são características muito nítidas dessa socialidade. O candango iniciava ali um modo de ser, de representar uma sociedade, uma identidade.

Com suas avenidas que ficavam lotadas em dia de pagamento, a Cidade Livre apresentava um cotidiano que se reproduzia no sentido do repetível. Edwiges Zaccur define o cotidiano como: “O nome, em sentido próprio, significa, “cada dia”, aberto a encontros e desencontros, ao previsível e ao imprevisível, ao repetível e ao irrepitível.”<sup>142</sup>

Os espaços nas avenidas da Cidade Livre, com lojas abertas, fornecendo mercadorias de madrugada, dando sentido às diversas profissões que proliferavam, “à medida que Brasília era construída em ritmo frenético”<sup>143</sup>, carregam histórias de um momento fundador, de desenvolvimento de uma socialidade, da construção de uma cidade, que, sabia-se anteriormente, não deveria permanecer. Almino, no suporte do romance que dialoga com o real, deixa a sua impressão sobre a noite da Cidade Livre:

140 – MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Op. cit. p. 42.

141 – *Idem*.

142 – ZACCUR, Edwiges. *Metodologias abertas a iterações, interações e errâncias cotidianas*. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DF&A. 2003. p. 177-198.

143 – ALMINO, João. *Cidade Livre*. Op. cit. p. 50.

“Lembro-me das vezes em que caminhava pelas avenidas tarde da noite, quando a Cidade Livre deixava de dormir, ficando suas lojas abertas para fornecer mercadorias de madrugada à medida que Brasília era construída em ritmo frenético, e eu presenciava, então, tocadores de viola ou batucadas nos bares ou ainda serenatas em frente às casas em noite de luar.”<sup>144</sup>



Cidade Livre, 1960

Aprende-se com as noções observadas por Chartier que a História Cultural tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.<sup>145</sup> Nesse momento, procuro apreender como esse cotidiano, com sua pluralidade de profissões, com os sapateiros, os escribas, os trabalhadores braçais, e até mesmo, fazedores de caixões<sup>146</sup>, possa ter interferido na formação do Núcleo Bandeirante. De novo, volto ao o diálogo com Mafessoli, para quem “o nomadismo participou da “construção de civilizações anteriores, “... desse modo, “... pode-se imaginar que ele contribui para a construção da realidade social contemporânea”<sup>147</sup>. O nomadismo construtor, alinhado a idéia da aventura fundadora, pensado por Mafessoli, presente nas histórias humanas, teve um importante papel no advento da Cidade Livre e sua posterior transformação no Núcleo Bandeirante.

144 – ALMINO, João. Op. cit. p. 50.

145 – CHARTIER, Roger. *A História Cultural...* Op. cit. p. 17.

146 – ALMINO, João. Op. cit. p. 74.

147 – MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo...* Op. cit. p. 62.

Concluindo este segundo capítulo, retomo os citados Beú e Gilberto Freyre. No primeiro, como vimos, a gastronomia como um importante marcador simbólico; no segundo, a clássica metáfora das três raças. O enfoque do mito do caldo de culturas de Freyre pode ser usado em uma analogia regional. Se na formação da sociedade brasileira, essas três raças foram essenciais, a Cidade Livre, em seu início, apresenta, em seu movimentado cotidiano, características essenciais para a observação de uma cultura que surge e tenta permanecer: “a cultura, em seu momento fundador, é plural, que é efervescente e não saberia, por si própria, acomodar-se a uma situação de petrificação, de estabilidade, sob o risco de estiolar-se ou murchar.”<sup>148</sup>

Esse ritmo social, impulsionado pela construção de Brasília foi capaz de fazer surgir, através da agregação de várias culturas regionais, uma *cultura brasiliense* fundamentada na diversidade. Prossigo, no terceiro e último próximo capítulo, buscando no cenário do Núcleo Bandeirante, sinais que me permitam encontrar essa cultura brasiliense, essa identidade brasiliense em construção.

---

148 – Idem. P. 53.



## Capítulo III

### 3. Brasil, Brasis, Brasília: o Núcleo Bandeirante como caixa de ressonância identitária

Neste terceiro e último capítulo, reitero o eixo norteador da pesquisa que reconhece no Núcleo Bandeirante, um lugar que além de resultar dos primórdios da então chamada Cidade Livre, vem se incumbindo de desenvolver um processo de construção identitária cujos vetores em variadas inflexões logram interpelar os cidadãos que aqui habitam, não se restringindo, portanto, aos moradores do local. Em outras palavras, o cenário do Núcleo Bandeirante, de modo especial os finais de semana, é animado por pessoas que não sendo moradores, com eles acabam convivendo como frequentadores assíduos da feira, dos bares e botecos e dos restaurantes cujo variado cardápio fala por si desta característica plural. Na impossibilidade de a tudo contemplar, optei por eleger a gastronomia como um dos itens aqui trabalhados.

Outro aspecto que, a meu ver, não poderia ser negligenciado é a convivência de práticas tradicionais com outras que afloram sob o signo de representações percebidas como práticas modernas. Refiro-me, em um caso aos pratos tradicionais e, em outra vertente, à presença moderna dos skatistas, com suas tribos, vestes e vocabulário peculiares.

De todo modo, as modalizações pensadas para este capítulo, encontram nas imagens um efetivo suporte. São discursos visuais e importante base empírica que se agrega à massa documental.

#### 3.1 Articulando passado e presente, tradicional e moderno

“Falo como alguém que tenta escrever sobre a história de seu próprio tempo e não como alguém que tenta mostrar o quanto é impossível fazer isso.”

**Eric Hobsbawn**

Logo que cheguei ao Skate Park do Núcleo Bandeirante, local onde encontraria dois de meus narradores, percebi, em mais uma oportunidade, que a teoria e o fazer histórico estão certamente, muito juntos. Esse entrelaçamento já havia se mostrado aparente em outros momentos desse trabalho, em especial, nas ocasiões onde eu deveria me confrontar verdadeiramente com meu objeto, ou seja, deveria estu-



Skatistas realizando manobras no Skate Park do “Ban-Ban”

dá-lo como até agora eu só o tinha feito nos depoimentos orais coletados no Arquivo Público. Ao iniciar minha caminhada rumo àqueles jovens, lembrei do aviso de Edwiges Zaccur: “Quem pesquisa o cotidiano vai se dando conta de que lida com caça especialmente arisca”<sup>149</sup>. Eu deveria sozinho, traçar um paralelo entre o saber e o fazer, necessário para o desafio a qual me propunha.



O Skate Park no Núcleo Bandeirante, o “altar” do skate em Brasília

A minha “caça” era arisca sobre dois aspectos: o primeiro se relacionava com a metodologia a ser usada. Afinal, estaria trilhando um caminho complexo, abordar questões acerca do Tempo Presente, o nosso tempo então, requer sempre uma acuidade maior. Esta possibilidade instigou, além do desafio, um entusiasmo em lidar com a vivacidade das fontes e dos depoimentos orais. Quase sempre em interface com a História Oral, nesta maneira de fazer história, o historiador, tem um papel singular:

“O historiador, neste caso, é não apenas um analista do discurso dos outros, mas um produtor de testemunhos dele mesmo: é não apenas um sujeito que analisa os atores sociais do passado, mas também um ator ele mesmo.”<sup>150</sup>

Produzir um trabalho relacionado a um objeto, neste caso, a História de Brasília, na qual me insiro, trouxe a clareza de que a realização deste tipo de história não se inscreve na historiografia como algo sem finalidade, mas existe uma função social neste fazer historiográfico. Afinal, se faz necessário abordar campos antes negligenci-



Os skatistas do “Ban-Ban”, em sua grande maioria, são moradores de outras Regiões Administrativas do DF.

149 – ZACCUR, Edwiges... Op. cit. p. 177.

150 – BARROS, José D’Assunção. *O campo da História...* Op. cit. p. 145.

ciados muitas vezes pela tradição que delimita a História, bem como, contemplar, através da importância que o estudo do Tempo Presente suscita, temas e situações antes relegados a segundo plano. Eric Hobsbawn, em seu ensaio *O Presente como História*, concorda em existir verdade na declaração que “toda história é história contemporânea disfarçada”<sup>151</sup>. Ao dizer isso, o renomado historiador delinea os desafios que se encontra ao estudar o Tempo Presente na história, com os questionamentos e reflexões que o historiador agrega ao tempo em que vive, e que, posteriormente, será visto como passado. Ele próprio, militante do Partido Comunista, explicava suas dificuldades em abordar os temas contemporâneos, com o uso de suas fontes orais, sem ir de encontro às premissas de suas posições políticas.

Assim, vejo que, voltar as luzes da historiografia “para um passado que é ainda parte do meu presente”<sup>152</sup>, não diminui, de fato, a relevância deste trabalho, já que a partir do momento em que não deixamos ser influenciados por nossos interesses, desejos e anseios, próprios da vida em coletividade, podemos corroborar a importância do interesse nos fatos contemporâneos, e junto à isso, a responsabilidade do historiador em trazê-los à sociedade que comunga desses fatos. Pois, ainda segundo Hobsbawn, a despeito de todos os problemas estruturais que a História do Tempo Presente traz, não há escolha, é necessário fazê-la. É necessária a realização de pesquisas com os mesmos cuidados que para outros tempos, ainda que seja, para, nas palavras do historiador: “... salvar da destruição, as fontes que serão indispensáveis aos historiadores do terceiro milênio”<sup>153</sup>.

O segundo aspecto estava relacionado com a abordagem a ser desenvolvida, que deveria resultar, em uma ou outra “conversa” com alguns daqueles jovens, abordando um pouco do cotidiano das suas “vagabundices dionisíacas” pelas pistas e pelo Skate Park do “Ban-Ban”<sup>154</sup>.

De início, achei que faria uma pesquisa com habitantes do Núcleo, filho de pioneiros, todos moradores. Logo percebi que a diversidade que caracterizou o Núcleo desde a origem seria uma premissa também naquele ambiente, o Skate Park, local de aglomeração surgido a partir de um vínculo social do “estar junto”. A maioria de meus interlocutores eram oriundos de outras cidades do Distrito Federal, que confirma a permanência do Núcleo como pólo de atração de pessoas e ideologias, espécie de matriz ou usina de uma identidade brasiliense crescente.

O ser humano agrega matrizes étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas e culturais. Sempre em busca de seus laços identificadores de suas referências, o homem apresenta, além de seus aspectos estritamente individuais, uma dimensão coletiva que se refe-



151 – HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998. p. 243.

152 – Idem, p. 244.

153 – Ibidem.

154 – A expressão “Ban-Ban”, para referir-se ao Núcleo Bandeirante, está naturalizada pelo uso entre moradores e frequentadores. Agradeço a José Alberto Barros, o breve esclarecimento deste sentido, por ocasião da defesa dissertação.





Criado nos EUA na década de 70, o skate é atualmente, o 2º esporte mais praticado no Brasil

re à sua integração como sujeito histórico. Nessa busca de si, desencadeada pela relação de alteridade, agrega valores à sua identidade, que se refere a atributos culturais, simbologias, experiências, hábitos e crenças.<sup>155</sup> Os skatistas do Núcleo são jovens que querem se enquadrar fora do formalismo das práticas urbanas, adotando comportamentos e práticas em comum que remetem à um grupo em especial, as chamadas “galeras”. Singulares, sua maneira de praticar esportes, de se vestir, de falar um dialeto próprio, usando um linguajar específico atravessado por gírias e termos que só são compreendidas no convívio entre eles. São estudantes, rappers, motoboys, vendedores de lojas de departamento, filhos, namorados, irmãos, sujeitos de uma identidade que se mostra múltipla: “... para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas...”, uma vez que sua inserção social humana não é unívoca, mas sim, diversificada”<sup>156</sup>.

O Skate, criado na Califórnia por surfistas entediados na maré baixa, aportou no Brasil na década de 70. Com um forte apelo entre os jovens das cidades, que encontrou na transgressão das regras arquiteturais uma maneira de dar sentido ao seu vaivém dentro da cidade, o skate se tornou, em algumas décadas, o segundo esporte mais praticado no Brasil<sup>157</sup>. A dinâmica vivida nas cidades acendeu uma série de questionamentos e inquietações. É comum que novos olhares apontem para o padrão de vida e trocas estabelecidas na cidade, como a aventura e o risco que se apresentam nesse esporte radical, ligado, especialmente à liberdade e ao mito dionisíaco<sup>158</sup>. Abro aqui um diálogo com Certeau, para quem a cidade é: “... lugar de transformação e apropriação, mas sujeito sem cessar a ser enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade”<sup>159</sup>.

155 – CASTELLS In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral...* Op. cit. p. 51.

156 – Idem, p. 47.

157 – BACCARO, Daniel. *Vida sobre Rodas*. São Paulo: Buena Vista Internacional, Filme-documentário, colorido, 2010.

158 – COSTA, M.R.M. (2002). *Aventura e Risco no Skateboard – Street: Um estudo do Imaginário Social de Jovens Skatistas*. Rio de Janeiro: UGF. Dissertação de Mestrado no PPGEF. In: <http://www.efdeportes.com/efd74/skat.htm>. Acesso em 24/05/2011, às 16h 00 min.

159 – CERTEAU, Michel de. *A invenção...* Op. cit. p. 175.

Os skatistas do “Ban-Ban” não são “transgressores” no sentido literal da palavra. Afinal, ao passo que o skate desenvolveu-se caracteristicamente por quebrar rotinas e paisagens impostas, surpreender transeuntes em espaços inicialmente pensados para uma ambiência urbana, como calçadas, bancos, meios-fios e similares, o Núcleo Bandeirante conta com o Skate Park, inaugurado em maio de 2008. Ali, o skatista pode deslizar sua irracionalidade que afronta o equilíbrio, sem ser incomodado pela urbanização imposta, nem por regras definidas pela arquitetura. Talvez por isso, os corrimões, calçadas e escadas existentes a poucos metros dali, na Igreja São João Bosco, sejam “poupados” de seus deslizantes passeios.



A área “poupada” pelos skatistas

As únicas regras a serem seguidas relacionam-se com a destreza dentro do espaço: os mais aptos estão sempre a passar velozmente de um ponto a outro, chegando a cume do que aparenta ser local de início das manobras. Aos outros, resta aguardar a sua vez. Tudo isso acontece harmoniosamente, sem maiores encontrões, ou, se há tais encontrões, tudo é resolvido num rápido pedido de desculpa, com um aceno de cabeça. Não há realmente, uma competição em curso. Os skatistas aparentam estar agrupados ali pela afinidade que os une, a vontade mover-se rápido, o gosto pela aventura e o risco das manobras realizadas, na relação revitalizadora de seus corpos com o skate.

Rodrigo Laroqui é brasileiro, 16 anos e transmite visualmente, o estereótipo vigente sobre os skatistas. Roupa largas, com um linguajar próprio, ficou um misto de surpreso a desconfiado quando lhe disse o motivo de minha visita ao Skate Park. Fiquei receoso de aparentar outro estereótipo: o do pesquisador com a caderneta perguntando e anotando tudo. Mas, pouco a pouco, a entrevista temática<sup>160</sup> anteriormente pensada vai se desenvolvendo e fui ganhando a confiança do garoto. A ponto de, sem nenhum constrangimento, me contar estar a um longo tempo sem comer, me pedindo um real para o lanche. Antes de ir buscá-lo, Laroqui, como é chamado por seus amigos, contou-me como se acostumou a estar sempre por ali, entre manobras com seu skate e a conversa com amigos. Mesmo morando na Ceilândia, Laroqui é um frequentador assíduo do Skate Park do Núcleo, e admite que seja imitado por muitos. Lucas, 15 anos, amigo de Laroqui, mora na Asa Sul, assim como Pedro, 16, que mora na Octogonal e

160 – DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral...* Op. cit. p.22.





Os skatistas obedecem a uma lógica própria da dinâmica de sua atividade

Barão, 19, morador de Taguatinga. “Vem nego de todo lugar pra andar *com* nós”.<sup>161</sup> A atração percebida no início da construção de Brasília, que levava tantos homens à Cidade Livre, veste aqui um manto pós-moderno.

Questionados do porque dessa migração rumo ao Núcleo, os garotos apresentaram motivos: o piso daquela pista é melhor do que os encontrados na Ceilândia, Taguatinga ou similares e, além disso, confabular sobre skate num local onde se encontrará a maior parte da “tribo do skate” é certamente, mais instigador.

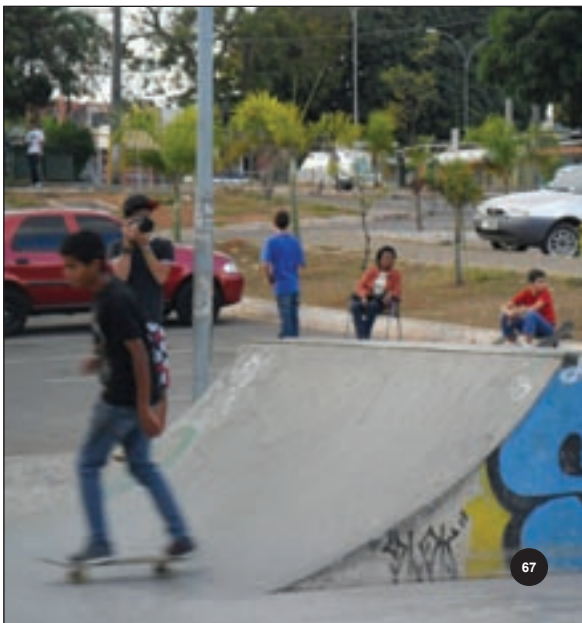
Sobre as tribos, Mafessoli as vê como resultado da tensão fundadora presente na sociedade pós-moderna, que forma um novo vínculo social surgido a partir de uma emoção compartilhada ou de um sentimento coletivo. O autor reitera as diferenças entre o tribalismo clássico, calcado na estabilidade e relações familiares e o neotribalismo, característico da fluidez dos acontecimentos atuais, baseado no rápido agrupamento e dispersão.<sup>162</sup> Ao mesmo tempo em que se encontram no Núcleo, os jovens skatistas dispersam num simples aceno de mão. O Skate Park funciona por horários, a cada espaço de tempo, uma nova “galera” chega. Como numa comunidade, eles partilham lanches, água e modelos de comportamento. Há também a fragmentação dentro da tribo, com aqueles que fumam, que podem ficar até a noite, os que usam bebida alcoólica ou similares.

Dona Conceição, moradora do Núcleo Há 40 anos, está bem atenta a esses últimos aspectos. Mãe de Caio, 10 anos, e tia de Mateus, também de 10, me relatou o seu receio em trazer o filho e o sobrinho. Mesmo apoiando a prática de esporte, Dona Conceição tem algumas ressal-



161 – Laroqui, em entrevista realizada no dia 10/07/2011.

162 – MAFESSOLI, Michel. *Os tempos das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.



Enquanto os skatistas “mirins” se divertem, os pais observam

gar que frequenta é a Igreja São João Bosco, a “Igreja do Padre Roque”, como a chamou. Dona Conceição entende o Núcleo como a única cidade do Distrito Federal com características que se assemelham às cidades do interior, calma, clima bucólico, alamedas arborizadas e ainda aquele espírito do lugar que leva as pessoas a se cumprimentarem ao se cruzarem na rua. “O Bandeirante é uma R.A. (Região Administrativa) deliciosa, com ar meio que de cidade pequena, bem aconchegante. Adoro! Tem casas legais, bom comércio, gente bonita!”<sup>163</sup>

163 – Entrevista realizada em 16/07/2011.

vas ao skate que, em sua opinião, é um esporte perigoso. E sabe também que o “pessoal da noite” faz uso de bebidas alcoólicas no local, o que vê como um problema. Sempre que traz o filho, fica à sua espera, não o deixa misturar-se, apesar da criança partilhar do mesmo sonho de liberdade dos amigos.

Para Dona Conceição, o skate traz um modo de ser e vestir que é despojado ao exagero, com suas roupas muito largas, despreocupadas do ponto de vista estético, e, como sempre estão em contato com o skate e o chão, sempre sujas. Essa é sua maior ressalva. No entanto, acha bom que o filho encontre um lugar para o lazer no Núcleo, já que o único lu-



Abordar os skatistas no Núcleo se inscreve como maneira de acompanhar as permanências resultantes da luta pela efetivação, travada épocas anteriores em uma cidade agora consolidada. Ao experimentar a sensação de êxtase, arriscando nas manobras de seus skates, os jovens skatistas parecem não se dar conta da “peleja” protagonizada por seus antecessores para a própria existência daquele local, que, assim como no início da Cidade Livre, é pólo de atração para pessoas de diversas origens e culturas.



A Cidade Livre, ainda povoa o imaginário dos habitantes

Mas esses jovens amantes da liberdade não são os únicos a experimentar o Núcleo Bandeirante como um local de convívio, onde se compartilha uma emoção em coletividade, premissa das tribos, ainda segundo Mafessoli.<sup>164</sup> Os habitantes do Núcleo Bandeirante, e até mesmo os *outsiders* que fazem uso do espaço se orgulham de usufruírem de uma das noites mais agitadas de Brasília.

Coincidentemente (ou não), o local de profusão de bares e restaurantes situa-se paralela à BR 040, bem próximo onde antes ficava a citada Placa da Mercedes, local de lazer no início da cidade. Destaque para o *Cidade Livre*, bar que utiliza o tema da construção com o zelo e



Segundo os moradores e frequentadores habituais, o “Núcleo” é um dos poucos lugares em Brasília com “ar de interior”



164 – Idem.

respeito de quem é filho de pioneiro. Para isso, Wellington, dono do estabelecimento, gastou preciosas horas no Arquivo Público na escolha das fotografias especiais, que remetem a um passado que ninguém quer esquecer, e bem por isso, atraem os olhares dos clientes. Em uma conversa informal, Sérgio, cliente assíduo, contou-me sua impressão sobre a cidade:

“Eu moro há muitos anos no “Bandeirante”. O “Bandeirante” mudou muito pouco, ainda se parece muito com o mesmo de 20 anos atrás. A diferença é que as árvores cresceram e agora tem o ar mais bucólico. Aqui é muito tranquilo e todo mundo se conhece.”

Há os roqueiros, sempre em um bar exclusivo para seu estilo musical, os playboys e seus Opalas mexidos, que já foram problema em outras épocas, os boleiros, incapazes de perder um jogo no *Ban-Ban Soccer*, os sertanejos, parcela expressiva dos jovens boêmios. Enfim, vários outros segmentos que constroem a realidade social no Núcleo, utilizando-se de um conjunto de referências compartilhadas que podem ser de diversas ordens ou compostas de diferentes aspectos, tais como: comportamentos, preferências, práticas e valores em comum.

### 3.2 O Núcleo Bandeirante como um lugar de encontro de culturas gastronômicas regionais

“Se abandonarmos a dimensão diacrônica das histórias empilhadas nas evidências das práticas culinárias e tentarmos considerá-las na ficção de um puro presente, o que nos surpreende é sua abundante diversidade, de uma sociedade a outra, dando a estranha impressão de que deve haver alguma razão para isso e que os hábitos alimentares de uma determinada sociedade num dado tempo estão ligados por coerências internas, invisíveis, mas reais”.

Luce Giard <sup>165</sup>

Para todos quantos se interessam pelos estudos do cotidiano, a obra de Michel De Certeau, tantas vezes trabalhada em textos dos seminários por mim cumpridos, constitui leitura obrigatória. Neste momento, em que lanço um olhar sobre o cotidiano na modalização das práticas gastronômicas, não poderia abrir mão de pensá-las, inspirando-me nas reflexões do historiador francês e de sua colaboradora, Luce Giard, ocupada com a complementação e organização dos relatos obtidos por De Certeau, organização que contou também com a colaboração de Pierre Mayol.

Muito embora seja outro o plano de observação, pois a pesquisa realizou-se em regiões da França, o ato de comer, os relatos, os ingredientes, as memórias ofereceram, sem dúvida, importantes pistas para uma abordagem voltada para as práticas gastronômicas vigentes no Núcleo Bandeirante, cuja pluralidade fala por si de uma história que vem sendo contada desde os primórdios da Cidade Livre. Com o instigante título “O prato do dia”, Luce Giard, no capítulo

165 – GIARD, Luce. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

onze, da obra acima citada, afirma: “Cada hábito alimentar compõe um minúsculo cruzamento de histórias”.<sup>166</sup>

Também na minha pesquisa entendo que posso chegar à mesma constatação, me permitindo, no meu viés, pensar no plural: “Os pratos do dia”. Perambulo pelo Núcleo, buscando indícios e um cardápio aqui, uma chamada acolá.

A escolha da gastronomia como um dos importantes aspectos a serem abordados em minha pesquisa partiu da observação e entendimento da importância que um gesto tão natural carrega ao elemento humano. A perspectiva histórica que pretendo abordar busca valores e significados de uma cultura brasileira, em permanente construção. Recorri à história da fixação do Núcleo Bandeirante no intuito de entender as raízes de um lugar de memória, pensado para ser provisório, mas que se transforma num importante locus identitário. A gastronomia é certamente, um desses principais vetores, pois resume essa miscelânea de culturas em práticas e ritos que fizeram e se fazem presentes no Núcleo.

O tecido invisível da história pode ser melhor delineado se abordarmos as experiências cotidianas da vida em sociedade. Alimentar-se, longe de ser somente uma necessidade humana, é um ato também social e cultural. Como afirma Raul Lody:

“Comer não é apenas uma função biológica. Certamente, comer é o mesmo que viver fisicamente: contudo, o conceito de vida vai muito além do ato de matar a fome. Tudo que é escolhido para comer – forma, volume, cor, maneira de preparar e servir – tem significados, assume valores e, por tudo isso, o alimento vai muito além da boca.”<sup>167</sup>

Segundo o autor, a comida é tão identificadora de uma sociedade, de um grupo ou de uma região como é o idioma, a língua falada, o que a transforma em um poderoso canal de comunicação. Comer é uma maneira de apresentar nossas características, nossas tradições e permanentes criações, representadas nos cardápios. É existir enquanto indivíduo, enquanto história, enquanto cultura, dando o sentido de pertencimento a uma comunidade, a um povo.<sup>168</sup> O uso dos ingredientes locais, outros importados são geralmente integrados a uma maneira de interpretar os próprios alimentos. Esta interpretação nasce da necessidade de representar um grupo étnico, uma nação. Os estudos sobre o “fazer” emprega noções investigativas, caras à História Cultural, na busca pelos sinais de uma gente, as dificuldades sofridas, a cultura praticada, além do clima, a aridez do solo, enfim, memória de um campo representativo da cultura de um povo. A comida desperta lembranças formadoras da memória, possibilitando a formação de um importante elo identitário, já que “a comida tem o papel de destacar as identidades e, conforme o contexto das refeições, elas podem ser nacionais, regionais, locais, familiares ou pessoais”.<sup>169</sup>

166 – Idem, p. 234.

167 – LODY, Raul. *Brasil bom de boca: temas da antropologia da alimentação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

168 – Idem, p. 33.

169 – DA MATTA, R. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. In: O CORREIO, Rio de Janeiro, v. 15, nº 7, jul. 1987, p. 22.



A cultura gastronômica pode constituir-se de um canal de afirmação identitária, eixo comum de diversas regiões, fornecendo informações importantíssimas de um determinado grupo étnico. O modo de comer define não só aquilo que se come, mas também muito da pessoa que ingere o alimento, demonstra sua origem, seus hábitos e seus costumes. Ao alimentar-se, o homem diferencia-se culturalmente, transmite sua identidade e explicita sua classe social, através das suas preferências, aversões e possibilidades. Operando no imaginário das pessoas, a alimentação pode refletir tradições e atitudes de uma época, de uma sociedade. É nesse sentido, de constituir através de seus odores e paladares, a cultura de um grupo específico, que a gastronomia, aflora em meu trabalho neste terceiro capítulo, no intuito de apreender a relação que o passado fez com o presente, transformando o Núcleo em um lugar onde é possível encontrar pratos da comida regional brasileira, ressignificados com os ingredientes disponíveis no Planalto Central. Mais ainda, verdadeiras especiarias que se revestem de uma roupagem brasiliense, e indiciam a construção de uma cultura gastronômica local.

A miscelânea de grupos étnicos, trazidos pela migração, traz uma evolução gradual ao Bandeirante. Essa evolução é também percebida na gastronomia, na adoção de ingredientes, pratos ou técnicas que antes pertenciam a um grupo específico.



Sarapatel



Feijoada



Buchada de bode

À medida que chegavam, os candangos trocavam pratos, receitas, fazendo fundir-se numa cultura local, democrática na sua disponibilidade. Reveladora, a gastronomia constitui-se como um importante elemento de identidade e pertencimento, que expõe crenças, valores, costumes, relevo, clima, gostos, agricultura, pecuária, enfim, a verdadeira essência de um povo a qual é vinculada. Dessa mistura cultural, podemos entender a profusão de barracas de comidas típicas nos mercados e feiras do Núcleo. As práticas alimentares constituem-se também como elemento identificador de uma cultura, pois demonstra laços de interação e solidariedade associados à afirmação de identidade. O rito de alimentar-se se insere no campo da cultura como um ato fortemente ligado às raízes, componente fundamental da identidade.

Deve-se pensar a identidade cultural aliada à alteridade. Em Brasília, a diversidade cultural reforça essa visão, pois, foi a partir da interação entre os mineiros, goianos, nordestinos, entre outros, que aflora no Núcleo uma gastronomia diversificada, pautada em pratos e cardápios típicos das várias regiões brasileiras, origem dos candangos que construíram a cidade. A construção de uma identidade está vinculada não somente a traços culturais comuns, mas ao próprio tecido social, nas relações intra-humanas, culturais, políticas e econômicas que dinamizam os espaços valorizando seus saberes, práticas e sua história. Há o reconhecimento dos

atores locais do Núcleo como produtores de uma tipicidade gastronômica e uma identidade regional, mesmo que multifacetada. Alguns não moradores, que não tardam a visitar o Núcleo em busca de uma “comida regional” dão alguns indícios de que, ali, existe uma comida que não existe em outros locais.



Cabrito



Dobradinha



Cabrito assado

Jaime Campos é testemunha do surgimento desse cardápio tão diversificado. Ainda em 1959, ocupava-se junto com o pai da alimentação que seria destinado aos clientes, os trabalhadores candangos. Logo de início, o pai de Jaime percebeu que o candango cultivava sempre, uma saudade da terra natal. Junto a essa característica do errante, fruto do amor ao longínquo <sup>170</sup>, o candango também sofria com a comida que lhe era servida, objeto de conflitos sérios na época da construção de Brasília.<sup>171</sup> Assim, seria certo e lucrativo um negócio que se especializasse na verdadeira comida regional, que poderia amenizar a falta da terra de origem e, conforme Luís da Câmara Cascudo, sociólogo e folclorista brasileiro, “amansar o espírito” <sup>172</sup>. Ressalto que, conforme o próprio Jaime, essa prática não foi exclusiva de seu pai, logo, várias barracas proliferavam pelas feiras, prometendo o “melhor da comida regional”.



O “Mercadão”

Ainda no Mercado Diamantino, derrubado em 1969 e transferido para o Mercado do Núcleo Bandeirante, o Mercadão, a barraca de Jaime era frequentada por trabalhadores que buscavam mais do que se alimentar. Procuravam acima de tudo, algo que lhe apresentasse familiar.

Ainda no Mercado Diamantino, derrubado em 1969 e transferido para o Mercado do Núcleo Bandeirante, o Mercadão, a barraca de Jaime era frequentada por trabalhadores que buscavam mais do que se alimentar. Procuravam acima de tudo, algo que lhe apresentasse familiar.

Luiz Câmara Cascudo, ao afirmar que “todos os grupos humanos tem uma fisionomia alimentar”, <sup>173</sup> dá a importância dos hábitos alimentares de um povo. Na primeira conversa que tive com Jaime, ele logo me esclareceu qual grupo, efetivamente, eles intencionavam agradar:

“Olha meu filho, eu vou te falar uma coisa. Aqui era tudo nordestino. O mundo de gente que veio do Nordeste não dá *pra* contar. Tinha mineiro e goiano, mas, quem chegava *pra* comer aqui era nordestino. E foi bom, por que nordes-

170 – MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo...* op. cit. p. 52.

171 – RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital..* Op. cit. passim.

172 – CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil.* 3ª Edição, São Paulo, 2004. p. 34.

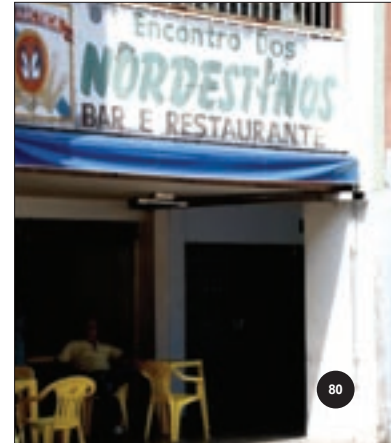
173 – Idem.

tino é fácil de agradar. E tudo com ingredientes que encontrávamos por aqui mesmo, que ninguém tinha tempo de “importar” nada. Se não tivesse *buchada*, era *sarapatel*, se não tivesse nenhum dos dois, era *rabada* ou dobradinha. Aqui ninguém vivia sem esses pratos”<sup>174</sup>

A fidelidade ao cardápio e pratos típicos fez surgir um filão próprio do Núcleo. Câmara Cascudo aborda essa aversão às novidades alimentares, presente na natureza humana: “A fidelidade ao paladar, fixado através de séculos na continuidade alimentar é uma permanente tão arraigada que já pode ser biológica”<sup>175</sup>. O trabalhador, nos finais de semana, buscava o seu alento comendo os alimentos típicos de sua terra.

Sobre a cultura nordestina, cabe um comentário sobre a sua proeminência no Núcleo Bandeirante. No primeiro capítulo, há uma menção do livro de Almino sobre o predomínio de trabalhadores, expulsos pela seca que assolou o Nordeste entre 1957 e 1958. Mafessoli cita Max Weber e sua exposição sobre o papel do nomadismo e os diversos valores que lhe são ligados no judaísmo antigo.<sup>176</sup> Segundo o autor, a cultura judaica agregou vários elementos externos e estranhos à sua essência, no entanto, foi esse aspecto, junto também às rejeições, que a fez disseminar-se sobre o mundo, superando as múltiplas e atroz vicissitudes que enfrentou. Numa analogia próxima, a cultura nordestina, notadamente itinerante, sofreu inserções, agregou elementos e adaptou-se à paisagem de Brasília. No que interessa a esta pesquisa, o Núcleo Bandeirante apresenta traços dessa cultura ressignificada, com hábitos e costumes originários de várias regiões do país.

Exemplo disso é a fachada do Restaurante do Campos, do seu Jaime, localizado no Mercado, na Avenida Dom Bosco. O cardápio é um convite a quase todo brasileiro: buchada de cabrito, jabá, rabada, peixe, cabrito, galinha caipira, sarapatel, costela, batata frita, bife, bisteca e feijo-



Fachada do Restaurante do Campos, no “Mercadão”

174 – Entrevista realizada em 11/05/2011.

175 – CASCUDO, Luís da Câmara. ... Op. cit. p. 55.

176 – MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo...* op. cit. p. 47.

ada. Entre um atendimento e outro, o pioneiro deixa claro a sua preocupação em agradar o maior número de clientes: “Aqui, se não tiver o que você quer comer, a gente faz”.

Na Feira do Núcleo, essa profusão de identidades gastronômicas também é comprovada. Os cardápios dão conta da imensidão geográfica do país e das preferências de seus usuários. É possível comer de buchada de cabrito a uma feijoada tipicamente carioca. Tudo isso regado a um trio de forró, caracteristicamente trajado.

Encerro este capítulo cuja *flanerie* pelo Núcleo, sem esgotar as andanças, ganha o tom de um convite, para um leitor que não o conheça, ou para um frequentador habitual que, por certo, já pensa em retornar. Ali é o “nosso” Núcleo, expressão plena de sentidos para o brasileiro.

# Considerações finais

## Cidade Livre, “provisória, desobediente e livre”

“Jornalismo e Historiografia são primos – quando se pratica um deles com proficiência, chega-se inevitavelmente ao outro.”

**Alberto Dines (jornalista)**

Em ritmo acelerado, eu chegava, enfim, aos arremates finais desta dissertação, preocupado com o breve texto reservado às Considerações Finais, mais uma leitura dinâmica com a orientadora, impressão dos exemplares para a entrega aos professores membros da banca em prazo ao menos aceitável.

No dia 16 de julho, um sábado, ainda completava uma última incursão no Núcleo Bandeirante, objetivando mais algumas imagens. Coincidentemente, se é que existem coincidências, acabei tendo meus “15 segundos de fama”, pois apareci no DFTV (jornal local) em matéria cuja pauta outra não era senão o Núcleo Bandeirante.

Tive notícia do noticiário através da minha orientadora que me informou também sobre as duas páginas do *Correio Braziliense*, dedicadas a Cidade Livre/Núcleo Bandeirante, em texto assinado pela excelente jornalista Conceição Freitas: “Provisória, desobediente e livre”<sup>177</sup>, título feliz que tomei por empréstimo para esta conclusão.

Tendo trabalhado como pesquisador na equipe coordenada por minha orientadora para elaboração do livro comemorativo dos 50 anos da Novacap<sup>178</sup>, e também posteriormente, já na condição de orientando, tive em mãos a tese de doutorado da professora Thereza Negrão, cujo primeiro capítulo compara Jornalismo e História<sup>179</sup>. Não poderia imaginar quão oportuna seria para minha dissertação aquela leitura encimada em epígrafe pela reflexão do jornalista Alberto Dines que optei por reproduzir nesta conclusão.

Afinal, a jornalista Conceição Freitas dialoga com meu objeto de estudo nas duas páginas do seu belo texto. Em suas fontes, como eu, entrecruza texto, narrativa, argumentos, representações, imagens, entrevistas e ficção. Em suma, algo como uma jornalista – historiadora. Claro que ali tudo aparece compactado e ajustado a um espaço discursivo de um jornal, pois de fato, mesmo quando evoca a memória histórica, o jornal tem como foco principal a circunstância, cabendo ao historiador minuciar e entrecruzar uma “circunstância circunstanciada”, elencar condições e desenvolver um texto baseado em fontes que dialogam com sentidos possíveis.<sup>180</sup>

Apenas à guisa de ilustração, transcrevo abaixo alguns fragmentos discursivos da matéria jornalística cujo teor parece se incumbir de referendar meus argumentos e justificar a motivação desta minha pesquisa.

177 – CORREIO BRAZILIENSE, Caderno Cidades, 16/07/2011.

178 – MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. (et. all). *Novacap – 50 anos por Brasília*. Op. cit.

179 – MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. *O espetáculo dos moradores do símbolo. A mobilização por Diretas-Já, da perspectiva de Brasília*. Op. cit. p. 16 – 35.

180 – Idem.



Assim como tantos narradores que povoam esta dissertação, Clementino Cândido, personagem selecionado pela jornalista Conceição Freitas, é incorporado ao meu estudo nesta parte final, quase como uma espécie de justa homenagem à entrevistadora e ao entrevistado.

“Cheguei à Cidade livre em 5 de janeiro de 1957. Vim uma Rural (Willys) chamando para tirar areia em Corumbá. Cheguei passando mal, com uma (gripe) asiática. Mesmo assim, subi na Rural. Quando recebi os primeiros tostões, quando vi aquele dinheiro, falei “nossa senhora, desse jeito até depois de morto eu trabalho!” Asiática era uma gripe muito forte, mais forte que a pneumonia. Só não punha sangue, mas tinha aquela tosse, os olhos vermelhos, a dor de cabeça de matar e vômito. Quando mergulhei na água fria do (rio) Corumbá para trazer cascalho pra construir Brasília, sarei. A água gelada do Goiás me curou da asiática. Foi aí que o motorista me disse que eu tinha que trabalhar fichado na firma. Que eu tinha que pagar instituto (previdência social) pra quando eu me aposentasse quando ficasse velho. E eu sabia que era instituto? E eu sabia o que era firma? Não sabia nada. Sabia muito era montar num cavalo bravo, pegar boi bravo, lá em Rio Casca (Minas Gerais). Eu achava que documento era só a identidade e a reservista. Nem sabia que tinha a tal de (carteira) profissional. Eu só tinha o registro. Meu primeiro pagamento foi de 5.226 cruzeiros. Cinco mil duzentos e vinte e seis! Nunca tinha visto tanto dinheiro, Nossa Senhora. Eu não sabia contar o dinheiro. Pedi pra meu colega contar, e fiquei encostado nele com medo de pegar o meu dinheiro. Se ele tentasse, eu pegava *ele* até no dente!”<sup>181</sup>

96 )

Conceição Freitas lembra oportunamente o romance de João Almino, *Cidade Livre*, citado nesta pesquisa. Segundo a jornalista, a impressão que o surgimento dinâmico da Cidade Livre, em suas palavras uma “erupção vulcânica”, é uma das marcas mais latentes, encontradas nos candangos entrevistados. Como mais uma coincidência, a menção ao Drº Edson Porto, citado no primeiro capítulo desta dissertação. Ao comparar os textos, o desta dissertação e a reportagem assinada pela jornalista, eles se confundem, pois se fundamentam em uma mesma raiz temática. Abaixo, trecho da bela reportagem:

“Para construir a nova capital do país foi necessário criar uma outra cidade, mais próxima do canteiro de obras do que as já existentes Planaltina e Brazlândia. Era uma cidade provisória, desobediente, desnorteante. Houve certa hesitação de parte de Israel Pinheiro, o superpoderoso engenheiro que comandava a Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Mas outro engenheiro, Bernardo Sayão, conseguiu convencer o chefe a abrir três avenidas paralelas, entre os córregos Vicente Pires e Riacho Fundo. Ficou decidido que o núcleo pioneiro, de 3 km<sup>2</sup>, seria dividido em lotes entregues em regime de comodato. O comerciante teria 30 dias para construir, em madeira, o seu esta-

181 – CORREIO BRAZILIENSE, Caderno Cidades, 16/07/2011.

belecimento. De graça, sem pagamentos de impostos. Uma cidade livre. Que teria que ser demolida quando a capital fosse inaugurada.”

Ora, estas são informações que serviram de suporte para a minha narrativa, cuja conclusão, a mesma, aliás, da jornalista, evidencia que ao longo do processo, a provisoriamente deu lugar a uma cidade, o Núcleo Bandeirante. Como me cabe como historiador lidar com a “circunstância circunstanciada”, busquei capturar sentidos de representações que, em diversas modalizações do cotidiano, dessem conta de indiciar matizes de uma identidade brasiliense em construção.

Evidentemente, muito haveria ou haverá ainda, a pensar sobre esta incrível cidade, a maneira pela qual nasceu, seu percurso sócio-histórico e cultural e o muito que a Cidade Livre/Núcleo Bandeirante concorre para este sentimento de pertença que interpela o brasiliense morador ou não do “Núcleo”, como a ele se referem os discursos cotidianos em circulação. Mas é tempo de concluir, pois:

“Ao se transformar em texto, submete-se a pesquisa a uma imposição definitiva: o seu término. Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter fim, sendo estruturado de forma a caminhar exatamente para este término. Assim, enquanto a escrita é plena, a pesquisa tem como característica mais emblemática, a falta.”<sup>182</sup>

De minha parte, portanto, encerro por aqui o trabalho a que me propus, persuadido da pertinência e beleza das belas metáforas de Calvino. De repente, o Núcleo bem poderia ser *Lalage*, que sugeriu o diálogo entre Marco Polo e o grande Khan:

“\_ A cidade que você sonhou é Lalage. Os habitantes dispuseram esses convites a uma parada no céu noturno para que a lua permita a cada coisa da cidade crescer e recrescer indefinidamente.

\_ Há algo que você não sabe – acrescentou Khan – Agradecida, a lua concedeu à cidade de Lalage um privilégio ainda mais raro: crescer com leveza.”<sup>183</sup>

182 – BARBOSA, Marialva. Paradigmas e construção do campo comunicacional. In: WEBER, Maria Helena, BENTZ, Ione & HOHLFELDT, Antonio. (orgs). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 73 – 79.

183 – CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 70.

# Corpus Documental

## **Documentação obtida em Arquivos, Jornais e Revistas.**

- Depoimentos e Documentos obtidos no Arquivo Público do Distrito Federal.
- Jornal Impresso: Diário Correio Braziliense.
- Revista Brasília n<sup>os</sup> 1 a 9.

## **Fontes Literárias**

- Cidade Livre, de João Almino.
- A cor da minha vida, de Walnizia Santos.

## **Fontes Iconográficas**

- Imagens obtidas no Arquivo Público do Distrito Federal.
- Fotografias de acervo particular do autor.

## **Fontes Orais**

### ***Depoimentos orais obtidos no Arquivo Público do Distrito Federal:***

98 ) Agenor Alves de Faria, Carlitos Alves Rodrigues, César Trajano de Lacerda, Edson Porto, Else Pereira Haine, Jorge Cauhy Júnior, Severino Manoel dos Santos, Vonges Rosa e Waldemar Alves de Magalhães.

### **Entrevistas realizadas pelo autor:**

Jaime Barbosa, em 22/05/2010, Walnizia Santos, em 20/02/2011, Sérgio Rodrigues, em 06/06/2011 e Rodrigo Laroqui, em 10/07/2011.

# Créditos das imagens

1. Transporte em Brasília  
**Fonte:** ArPDF fundo : Novacap
2. Candangos na Velhacap  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
3. Vista aérea da Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
4. Vista parcial de rua da Cidade Livre (1957)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
5. Vista aérea da Cidade Livre (1958)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
6. Mesa de trabalho  
**Fonte:** Acervo pessoal
7. Chegada de candangos à Cidade Livre (1957)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
8. Avenida Central, Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
9. Pessoas anônimas na Cidade Livre (1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
10. Chegada de candangos à Cidade Livre (1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
11. Avenida Central (1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
12. Móveis Planalto (1957)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
13. Alfaiataria Itajuby (1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
14. Vista parcial da Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
15. Hospital IAPI e hospital JKO (1957/1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
16. Banco na Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
17. Bares e farmácia na Cidade Livre (1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
18. Comércio (1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
19. Comércio (1957/1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
20. Comércio (1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
21. Acampamento Pioneiro  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
22. Cine Teatro Brasília (1957/1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
23. Cinema na Cidade Livre (1959)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
24. Comércio na Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
25. Comércio na Avenida Central  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
26. Hotel na Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
27. Remoção de barracos (1971)  
**Fonte:** ArPDF fundo: SCS/GDF
28. Instituto de Assistência e Pensões dos Industriários  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
29. Vista aérea na Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
30. Vista da Invasão do IAPI  
**Fonte:** ArPDF fundo:SCS/GDF
31. Cidade Livre e adjacências  
**Fonte:** ArPDF fundo:Novacap
32. Transferência de moradores para Taguatinga  
**Fonte:** ArPDF fundo:SCS/GDF
33. Taguatinga  
**Fonte:** ArPDF fundo: SCS/GDF
34. Vista da Cidade de Taguatinga  
**Fonte:** ArPDF fundo:SCS/GDF
35. Vista aérea da Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
36. Registro de Incêndio na Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
37. Escombros resultantes de incêndio na Cidade Livre (1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
38. Destruição causada por incêndio na Cidade Livre (1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
39. Moradores em volta de escombros na Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
40. Homenagem à Garcia Neto na praça do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
41. Bernardo Sayão (1956)  
**Fonte:** ArPDF fundo:Novacap
42. Bernardo Sayão nas obras da Belém Brasília  
**Fonte:** ArPDF fundo:Novacap
43. Neiva Chaves Zelaya, (1962)  
**Fonte:** Jairo Zelaya Leite
44. Neiva Chaves Zelaya  
**Fonte:** Jairo Zelaya Leite
45. Igreja São João Bosco (1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
46. Igreja São João Bosco (1960)  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
47. A Igreja São João Bosco (2010)  
**Fonte:** Acervo pessoal
48. Cartaz promocional do filme Central do Brasil  
**Fonte:** www.filmes.net
49. Rua da Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
50. Rua da Cidade Livre  
**Fonte:** ArPDF fundo: Novacap
51. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
52. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
53. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
54. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
55. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
56. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
57. Praça Padre Roque, (2011)  
**Fonte:** Acervo Pessoal
58. Praça Padre Roque, com Igreja São João Bosco (2011)  
**Fonte:** Acervo Pessoal
59. Skatistas do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo Pessoal
60. Skatistas realizando manobras  
**Fonte:** Acervo Pessoal
61. Competição de skate em curso  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
62. Competição de skate em curso  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
63. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
64. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
65. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
66. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
67. Skate Park do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** <http://ascbsb.blogspot.com/2008/05/inauguo-oficial-do-bandeirante.html>
68. Restaurante e Choperia Cidade Livre  
**Fonte:** Acervo pessoal
69. Aspectos bucólicos do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo pessoal
70. Aspectos bucólicos do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo pessoal
71. Aspectos bucólicos do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo pessoal
72. Aspectos bucólicos do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo pessoal
73. Sarapatel  
**Fonte:** [www.cozinhabrasileira.com](http://www.cozinhabrasileira.com)
74. Feijoada  
**Fonte:** [www.cozinhabrasileira.com](http://www.cozinhabrasileira.com)
75. Buchada de bode  
**Fonte:** [www.cozinhabrasileira.com](http://www.cozinhabrasileira.com)
76. Cabrito  
**Fonte:** [www.cozinhabrasileira.com](http://www.cozinhabrasileira.com)
77. Dobradinha  
**Fonte:** [www.cozinhabrasileira.com](http://www.cozinhabrasileira.com)
78. Cabrito Assado  
**Fonte:** [www.cozinhabrasileira.com](http://www.cozinhabrasileira.com)
79. Mercado do Núcleo Bandeirante  
**Fonte:** Acervo pessoal
80. Bar dos nordestinos  
**Fonte:** Acervo pessoal
81. Restaurante do Campos  
**Fonte:** Acervo pessoal

## Bibliografia

- ALMINO, João. *Cidade Livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BAUMANN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BARBOSA, Marialva. Paradigmas e construção do campo comunicacional. In: WEBER, Maria Helena, BENTZ, Ione & HOHLFELDT, Antonio. (orgs). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 73 – 79.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação e sociabilidade: lugar de fala. In: *Geraes – Revista de Comunicação Social*. Departamento de Comunicação Social – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 1995.
- BARBOSA, Marialva. Paradigmas e construção do campo comunicacional. In: WEBER, Maria Helena, BENTZ, Ione & HOHLFELDT, Antonio. (orgs). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 73 – 79.
- BARROS, José D’assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ, Vozes 2004.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central*. Brasília: Verano, 2000.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRITO, Luiz Fernando Godoi. *Da rua do ouvidor ao 15 de Novembro: cotidiano e representações da cena carioca em Esaú e Jacó de Machado de Assis. (Finais do Império e Primórdios da República)*. Dissertação de Mestrado, PPGHIS/UnB, 1998.
- BURKE, Peter. “História como memória social”. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 67-89.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. 3ª Edição, São Paulo, 2004
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. O Mundo como Representação. *Revista das Revistas*. Instituto de Estudos Avançados 11(5), 1991. p.173
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, T. 1, “Artes do fazer”. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*, 2. *Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.



- COSTA, M.R.M. (2002). *Aventura e Risco no Skateboard – Street: Um estudo do Imaginário Social de Jovens Skatistas*. Rio de Janeiro: UGF. Dissertação de Mestrado no PPGEF. In: <http://www.efdeportes.com/efd74/skat.htm>. Acesso em 24/05/2011, às 16h 00 min.
- DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. In: O CORREIO, Rio de Janeiro, v. 15, n° 7, jul. 1987, p. 22.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempos e identidades*. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- EPSTEIN, Isaac. *Gramática do Poder*. São Paulo, S.P., Editora Ática, 1993.
- FREITAG, Bárbara. *Capitais migrantes e poderes peregrinos. O caso do Rio de Janeiro*. Campinas, SP: Papyrus: 2009.
- GAETA, Maria Aparecida J. Veiga. O Direito e o avesso no texto literário. In: Lambert, Hercídia Mara Facuri Coelho (org.). *História, o fato e a ficção*. Franca, UNESP, 1990. P. 84-109.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Plínio Freire. *Um herege vai ao paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GUERIN, Mariángeles. Memória e conformação da identidade nos integrantes dos movimentos de “Madres y Abuelas de Plaza de Mayo”. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: Dp&A, 11ª Edição, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HOLSTON, James. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HOBBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.
- KUYUMIJIAN, Márcia de Melo Martins, MELLO, Maria T. Negrão de. (orgs.). *Os espaços da História Cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.
- LASTÓRIA, Luiz Antonio Calmon Nabuco. *Ética, estética e cotidiano: a cultura como possibilidade de individualização*. Piracicaba, UNIMEP, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- LEVI, G. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do séc. XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LODY, Raul. *Brasil bom de boca: temas da antropologia da alimentação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.
- LUIZ, Edson Beú. Os filhos dos candangos: exclusão e identidades. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

- \_\_\_\_\_. *Expresso Brasília: a história contada pelos candangos*. Brasília: LGE Editora, 2006.
- MAFESSOLI, Michel. *A Conquista do presente*. São Paulo: Rocco, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Lógica da Dominação*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro, Editora Atlântica, 1ª Edição, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Os tempos das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. (et. all). *Novacap – 50 anos por Brasília*. Brasília: ASBRACO, 2010.
- \_\_\_\_\_. História Cultural como espaço de trabalho. In: Kuyumijian, Márcia de Melo Martins, Mello, Thereza Negrão de. *et alli. Os espaços da História Cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008. P. 15-26.
- \_\_\_\_\_. *O espetáculo dos moradores do símbolo. A mobilização por Diretas-Já, da perspectiva de Brasília*. Tese de Doutorado, ECA/USP, São Paulo, 1987.
- MORIN, Edgar. *O Método III. O conhecimento do conhecimento/I*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1987.
- 102 ) MOURÃO, Tânia Fontenele & OLIVEIRA, Mônica Ferreira Gaspar de. *Poeira & Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília*. Fundação Biblioteca Nacional – Minc – Brasília: 2010.
- NEIVA, Ivany Câmara. *Imaginando a capital: cartas a JK (1956-1961)*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, 2008.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Revista Projeto História, 1993.
- PAVIANI, Aldo. *Brasília, Ideologia e Realidade/Espaço Urbano em Questão*. São Paulo: Editora Parma, 1985.
- PENNINGTON, David Rodney Lionel. *Manaus e Liverpool: uma ponte imaginária*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas/Centro Universitário do Norte – UNINORTE, 2009.
- PIOVESAN, Greyce Kely. *Biografia, trajetória e história*. Artigo encontrado nos Anais do II Colóquio do Lahes: Micro História e os caminhos da História Social. In : [www.cfch.br/abho4sul/pdf/greicekely%20kely.pdf](http://www.cfch.br/abho4sul/pdf/greicekely%20kely.pdf), acesso em 11/04/2011, às 16:45 h.
- REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, 2008.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

- RIZZO, Wagner Antonio. *Fina(s) Estampa(s): o suporte representacional das Estampas Eucalol na encenação cotidiana brasileira e na memória publicitária nacional: 1ª metade do século XX – tempo presente*. Tese de Doutorado, PPGHIS/ UnB, 2009.
- ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.
- SANTOS, Eustáquio et. Al. *Audácia, perseverança e fé. A epopéia do Núcleo Bandeirante*. Coleção Edições Cidade, Brasília, 1994.
- SANTOS, Walnizia. *A cor da minha vida*. Goiânia: R&F, 2009.
- SAYÃO, LÉA. *Meu pai, Bernardo Sayão*. 6ª EDIÇÃO, Brasília:2004.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth & GIMENES, Aloizio de Oliveira. – Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, 360p.
- SILVA, Ernesto. *O militante da esperança e a História de Brasília*. Brasília: Ed. Brasília, 2004.
- SILVA, Hélio Mendes de. *O lugar da classe operária na construção da sociedade brasiliense*. Departamento de História União Pioneira de Integração Social – UPIS. Artigo impresso.
- SILVA, Paula Francinetti da. *Cotidiano e política: a vida social e a intervenção policial durante a construção de Brasília*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da UnB, novembro, 1994.
- SILVEIRA, Alex Ricardo Medeiros da. *Entre calles e eixos: práticas de patrimônio nas cidades de Brasília e de Havana. (Tempo Presente)*. Tese de Doutorado, PPGHIS/UnB.
- SOARES, Deuzíria de Carvalho & CASTRO, Silvia Regina Viola de. *Núcleo Bandeirante: a cidade que nasceu livre*. Brasília: ARPDF, 2000. 40 p. (Cadernos de Pesquisa, 9).
- SOUSA, N. H B. (1991). O movimento de pró-fixação e urbanização do Núcleo Bandeirante: a outra face do populismo janista. In: PAVIANI, A. (org). *A conquista da Cidade: Movimentos populares em Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.
- TEIXEIRA, M. Cecília, Sanchez. “Sócio-Antropologia do cotidiano: a abordagem de Michel Maffesoli.” In: *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.
- ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. In: Garcia, Regina Leite (org). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.